

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE –
MESTRADO E DOUTORADO**

JENNIFER BAUER EME

**‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’
SINALIZADORES DE ‘REPUXO’ DO TURISMO EM TORRES/RS,
A PARTIR DE ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES**

**Caxias do Sul
2021**

JENNIFER BAUER EME

**‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’
SINALIZADORES DE ‘REPUXO’ DO TURISMO EM TORRES/RS,
A PARTIR DE ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul/RS, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação

Orientadora Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

E53q Eme, Jennifer Bauer
‘Quem não vive do mar, vive de quê?’ Sinalizadores de ‘repuxo’ do turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores [recurso eletrônico] / Jennifer Bauer Eme. – 2021.
Dados eletrônicos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2021.
Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.
Modo de acesso: World Wide Web
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>
1. Turismo - Torres (RS). 2. Moradores da cidade - Torres (RS) - Narrativas pessoais. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Título.
CDU 2. ed.: 338.48(816.5TORRES)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Ana Guimarães Pereira - CRB 10/1460

JENNIFER BAUER EME

**‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’
SINALIZADORES DE ‘REPUXO’ DO TURISMO EM TORRES/RS,
A PARTIR DE ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade – Mestrado, da Universidade de Caxias do Sul/RS, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Turismo e Hospitalidade.

Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação

Orientadora Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul

Prof.^a Dra. Susana de Araújo Gastal
Universidade de Caxias do Sul

Prof. Dr. Fernando Miguel dos Santos Henriques Seabra
Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa

Prof.^a Dra. Marutschka Martini Moesch
Universidade de Brasília

**Caxias do Sul
2021**

Dedico esta produção aos **sujeitos do 'Repuxo'**: do Turismo, da Comunicação, do cotidiano capitalista, do patriarcado, da Ciência. Que possamos, juntas e juntos, fluir para a construção de um mundo que reconheça a força do (a)mar coletivo, no Repuxo e nos entrelaços.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Universo pela oportunidade de estar nesse aqui e agora com pessoas especiais.

Ao meu pai, Manoel da Silva Eme, e minha mãe, Jussara Bauer Eme, por me ensinarem a valorizar o coletivo e a olhar para o outro, sempre, com empatia. Por me apoiarem em minhas escolhas, acolhendo minhas dores e celebrando minhas conquistas. À minha irmã, Jucilene Bauer Eme, e meu irmão Ezequiel Bauer Eme, meu cunhado, minha cunhada, minha sobrinha e meu sobrinho pelos conselhos, ajudas, partilhas e momentos descontraídos que tornaram esse processo mais leve. A todos da minha família e amigos, agradeço pela compreensão dos meus momentos de ausência, durante os mergulhos no percurso acadêmico.

A minha orientadora, professora Malu Cardinale, por todos os momentos de orientação de vida, por me auxiliar nas decisões que tomei nessa caminhada e por me provocar a defender minhas opiniões, meus valores e princípios.

Ao meu companheiro de jornada, Luis Guilherme Gambirazio, pelo apoio incondicional, pelas ajudas cotidianas, simples e importantes. Vivenciar esse momento contigo foi fundamental para continuar. Agradeço pela compreensão de sempre e por poder celebrar mais essa conquista ao teu lado.

Ao Amorcomtur!, que me ensina, como grupo, o sentido real de autopoiese e me dá motivos para continuar acreditando em uma revolução de bem-querer-bem.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, pelos conhecimentos partilhados, pela disponibilidade e contribuições que me provocaram a expandir a pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, pela companhia durante a caminhada, pelas conversas de corredor e de Sala dos Alunos. Agradeço pelas partilhas e pelos abraços carregados da certeza de que tudo daria certo.

À Regina de Azevedo Mantesso, secretária do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, pela generosidade de sempre, pela disponibilidade em ajudar e por tornar a vivência acadêmica mais descomplicada.

Aos moradores de Torres/RS que aceitaram o convite para participar da pesquisa. Afinal, sem eles essa pesquisa não seria possível. Agradeço pelas contribuições científicas e pela possibilidade de reconhecer Torres/RS a partir de outros olhares.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por financiar a pesquisa, tornando possível minha dedicação exclusiva ao percurso.

“Agora entre meu ser e o ser alheio, a linha de fronteira se rompeu.”

Waly Salomão

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo geral propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores. Destaca-se que repuxo trata-se de um fenômeno marítimo que acontece a partir do excesso de água que é empurrado para a areia, pelas ondas e, que, pela gravidade, volta ao mar, formando um canal conhecido também como corrente de retorno. Na pesquisa, a metáfora reflexiva ‘Repuxo’ do Turismo está associada à discussão proposta por Baptista (2020), de Avesso do Turismo, como reconhecimento da trama complexa subjacente ao fenômeno. Trata-se de produção vinculada ao Amorcomtur! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (CNPq-UCS), ligado ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). As trilhas teórico-conceituais da pesquisa são transversalizadas pela visão: contemporânea e complexa, conforme compreendida por Morin (2005), Capra (1997, 2020), Crema (1989), Deleuze e Guattari (1995), e Santos (2003; 2019). As trilhas teórico-conceituais referentes ao Turismo foram feitas com autores como Moesch (2000, 2004), Moesch e Beni (2017), Gastal (2002, 2005a) e Baptista (2018, 2020b, 2021), na compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica. Em relação às narrativas e às ‘com-versações’, destacam-se autores como Medina (2006, 2014), Marcondes Filho (2008), Sodré (1986), Lima (2009, 2014), Maturana (1988) e Baptista (2018). Em alinhamento à orientação epistemológica, a estratégia metodológica é a Cartografia de Saberes composta pelas trilhas: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e Dimensão Intuitiva da Pesquisa, combinada com a produção das Matrizes Rizomáticas, como dispositivo de checagem do equilíbrio fluente da pesquisa (BAPTISTA, 2014, 2020b). A partir da produção das ‘com-versações’ e narrativas dos moradores, foi possível propor cinco sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, sendo eles: 1) Planejamento ecossistêmico do Turismo; 2) Cultura de interior como potência turística do lugar; 3) Construções e (des)construções da história arquitetônica do lugar; 4) Conexões ecossistêmicas com meio ambiente; e 5) Entrelaços de amorosidade de lugar, moradores e turistas. Os sinalizadores são marcados, principalmente, pelo entrelaçamento ecossistêmico entre eles. Percebeu-se que, em Torres/RS, o ‘Repuxo’ do Turismo tem como principal potencialidade a simplicidade e os laços de amorosidade, na vivência cotidiana, orientados pela tranquilidade do interior. Além disso, foi recorrente, nas falas dos moradores, a valorização de aspectos como segurança, qualidade de vida e as belas paisagens naturais, como sustentação para o forte laço afetivo desses sujeitos com Torres/RS.

Palavras-chave: Turismo, ‘Repuxo’ do Turismo, ‘Com-versações’, Moradores, Torres/RS.

ABSTRACT

The present dissertation has as a general objective to propose 'Repull' flags of Tourism in Torres/RS, from 'com-versations' with residents. It should be noted that repull is a maritime phenomenon that occurs from excess water that is pushed to the sand by the waves and, by gravity, returns to the sea, forming a channel also known as a return current. In the search, the reflexive metaphor 'Repull' of Tourism is associated with the discussion proposed by Baptista (2020), from Averse of Tourism, in recognition of the complex weave underlying the phenomenon. This is a production linked to Amorcomtur! – Group of Studies in Communication, Tourism, Loveliness and Autopoiesis (CNPq-UCS), linked to the Postgraduate Program in Tourism and Hospitality (PPGTURH) of the University of Caxias do Sul (UCS). The theoretical-conceptual paths of the research are transversalized by the vision: contemporary and complex, as understood by Morin (2005), Capra (1997, 2020), Crema (1989), Deleuze and Guattari (1995), and Santos (2003; 2019). The theoretical-conceptual trails referring to Tourism were made with authors like Moesch (2000, 2004), Moesch and Beni (2017), Gastal (2002, 2005a) and Baptista (2018, 2020b, 2021), in the understanding of Tourism-Weave-Ecosystem. Regarding narratives and 'com-versations', authors such as Medina (2006, 2014), Marcondes Filho (2008), Sodré (1986), Lima (2009, 2014), Maturana (1988) and Baptista (2018) stand out. In line with the epistemological orientation, the methodological strategy is the Cartography of Knowledge composed of the trail: Personal Knowledge, Theoretical Knowledge, Production Plant and Intuitive Dimension of Research, combined with the production of Rhizomatic Matrices, as a device for checking the fluent balance of the research (BAPTISTA, 2014, 2020b). From the production of the 'com-verse' and narratives of the residents, it was possible to propose five flags of the 'Repull' of Tourism, namely: 1) Ecosystem Planning for Tourism; 2) Culture of the interior as a tourist power of the place; 3) Constructions and (de)constructions of the architectural history of the place; 4) Ecosystem connections with the environment; and 5) Loving ties of place, locals and tourist. The flags are mainly marked by the ecosystem intertwining between them. It was noticed that, in Torres/RS, the main potentiality of Tourism's Blowdown is simplicity and the bonds of love, in everyday life, guided by the tranquility of the interior. In addition, the valuation of aspects such as safety, quality of life and the beautiful natural landscapes was recurrent in the residents' statements, as support for the strong affective bond of these subjects with Torres/RS.

Key-words: Tourism, 'Repull' of Tourism, 'Com-versations', Residents, Torres/RS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trilhas teórico-conceituais da dissertação	27
Figura 2 – Localidades das narrativas dos moradores	39
Figura 3 – Morfologia de uma corrente de retorno	53
Figura 4 – Localização de Torres no estado do Rio Grande do Sul	69
Figura 5 – Mapa do município de Torres/RS	70
Figura 6 – Taxas de acesso Parque Parque Estadual José Lutzenberger	74
Figura 7 – Torres Norte, do Meio e Sul	76
Figura 8 – Igreja Matriz São Domingos	78
Figura 9 – Monumento ao Surfista e Oratório à Nossa Senhora dos Navegantes	79
Figura 10 – Mapa turístico de Torres/RS	80
Figura 11 – Área apresentada no mapa turístico em comparação com o mapa de Torres/RS ..	81
Figura 12 – Participação dos setores no PIB	82
Figura 13 – Vista aérea Lagoa do Violão nas décadas de 1980 e 2000	83
Figura 14 – Balões sobrevoam o interior de Torres/RS	85
Figura 15 – Localização do Parque do Balonismo de Torres/RS	86
Figura 16 – Ponte Pênsil sobre o Rio Mampituba	92
Figura 17 – Vista parcial do bairro Vila São João	95
Figura 18 – Vista aérea parcial de Torres/RS	101
Figura 19 – Vista da casa de Ernesto	104
Figura 20 – Vista parcial do Parque Estadual da Itapeva	111
Figura 21 – Vista parcial da região da Praça João Neves da Fontoura, próxima à SAPT	119
Figura 22 – Números da Pandemia COVID-19 em Torres/RS, em 2020	144

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matrizes Rizomáticas da dissertação	41
Quadro 2 – Sinalizadores de ‘Onda’ do Turismo e de ‘Repuxo’ do Turismo	59
Quadro 3 – Aparato turístico de Torres/RS	73
Quadro 4 – Sinalizador 1: planejamento ecossistêmico do Turismo	123
Quadro 5 – Sinalizador 2: cultura de interior como potência turística do lugar.....	127
Quadro 6 – Sinalizador 3: construções e (des)construções histórica arquitetônica do lugar ..	131
Quadro 7 – Sinalizador 4: conexões ecossistêmicas com meio ambiente	134
Quadro 8 – Sinalizador 5: entrelaços de amorosidade de lugar, moradores e turistas	131
Quadro 9 – Como você acha que a Pandemia Covid-19 vai afetar o turismo no município? .	141

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS	12
2 (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO	20
2.1 CARTOGRAFIA DE SABERES	24
2.2 NARRATIVAS ARTESÃS.....	42
2.2.1 Dimensão Narrativa	43
2.2.2 Dimensão Artesania.....	47
3 'REPUXO' DO TURISMO	52
3.1 METÁFORA REFLEXIVA 'REPUXO' DO TURISMO	54
3.2 RESGATE HISTÓRICO SOBRE TURISMO	60
3.3 TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA.....	64
4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS	68
4.1 FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO	84
5 NARRATIVAS E 'COM-VERSAÇÕES' COM MORADORES DE TORRES/RS	87
5.1 AMÉLIA - 'NO VAI E VEM DAS MARÉS'	91
5.2 JOSEFA - 'ENTRE O REPUXO E A ONDA'	94
5.3 JOÃO - 'APAIXONADO POR TORRES'	97
5.4 CARLOS - 'MORADOR PASSARINHO'	99
5.5 ERNESTO - 'HOMEM DA ROÇA'	104
5.6 DALVA - 'NA TRANQUILIDADE DO REPUXO'	107
5.7 LURDES - 'MORADORA DAS BEIRADAS'	110
5.8 MARIA - 'RECONHECER OS MORADORES'	113
5.9 RITA - 'MORADORA DO PARAÍSO'	115
5.10 GERALDO - 'ACOLHIDO PELO MAR'	118
6 'QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?'	122
6.1 SINALIZADOR 1: PLANEJAMENTO ECOSSISTÊMICO DO TURISMO	122
6.2 SINALIZADOR 2: CULTURA DE INTERIOR COMO POTÊNCIA TURÍSTICA DO LUGAR	127
6.3 SINALIZADOR 3: CONSTRUÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES HISTÓRICA ARQUITETÔNICA DO LUGAR	131
6.4 SINALIZADOR 4: CONEXÕES ECOSSISTÊMICAS COM MEIO AMBIENTE	134
6.5 SINALIZADOR 5: ENTRELAÇOS DE AMOROSIDADE DE LUGAR, MORADORES E TURISTAS.....	136
6.6 'RESPINGOS' DA ONDA PANDEMIA COVID-19	141
7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO	146
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICE A - CARTOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA	160

1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS

Sou Jennifer Bauer Eme, tenho 28 anos. Sou bacharela em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade de Caxias do Sul, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da mesma Universidade, pesquisadora vinculada ao Amorcomtur! – Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Carrego o traço da desterritorialização como característica de família e me proponho a falar desde o lugar de repuxo: do mar, do lugar onde morei, da Comunicação, do Turismo e, de certa forma, do repuxo da vida, da vivência cotidiana. Repuxo significa ‘corrente de retorno’, a maré que volta, com força, colocando à mostra o ‘chão da vida’, mostrando o que está no fundo do mar. Falo também desde o repuxo de mim mesma, desse lugar que só se mostra, quando a força do mar não faz a onda quebrar na praia. Reconheço o repuxo como potência metafórica, para avançar na discussão sobre os saberes-fazeres científicos, comunicacionais e turísticos. Metáfora existencial e reflexiva, no caso aqui, geradora de pesquisa! Trata-se de um modo de produzir conhecimento, considerando as múltiplas conexões (SANTOS, 2003).

Talvez justamente essa forte presença do repuxo, em vários processos da minha vida, faça com que a presente dissertação tenha como **objeto de estudo**: sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores. Assim, em coerência, o **objetivo geral** é: propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores. A busca desses sinalizadores foi realizada a partir do trabalho com os seguintes **objetivos específicos**: apresentar a proposta ‘Repuxo’ do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos; cartografar Torres em sua dimensão ecossistêmica; produzir narrativas sobre Torres, construídas artesanalmente, nas ‘com-versações’ com moradores; apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas. Neste sentido, trabalho com a **questão de pesquisa**: que sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS podem ser propostos, a partir de ‘com-versações’ com moradores?

A investigação, desde o início, traz a marcas do grupo de pesquisa ao qual eu faço parte. A própria definição do objeto de estudo surgiu de um dos meus relatos, em Encontro Caótico Amorcomtur!¹, sobre a experiência como moradora de Torres, durante a infância e a

¹ “Os Encontros Caóticos Amorcomtur! são rodas de conversa semanais, com a participação de integrantes do grupo, de diferentes regiões do Brasil e, mesmo, do exterior. As rodas de conversas seguem uma dinâmica de informalidade, horizontalidade e ampla flexibilidade temática. Ao mesmo tempo, há a orientação de sistematização das conversas e produções, decorrentes dos encontros. São orientados pela lógica freireana, da experiência dos Círculos de Leitura; esquizoanalítica, das Conversações; e da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Cultural, de Maturana e D’Ávila. Nesses encontros, são valorizadas as brotações espontâneas das conversas, que,

adolescência. Isso já sinaliza a compreensão de que a produção se trata de uma ‘viagem investigativa’², com as marcas do sujeito que a produz e de seus entrelaçamentos.

Destaco como importante sinalizador do processo de descoberta a reflexão sobre a pergunta que intitula a dissertação: *‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’*. Torres é um lugar reconhecido pela presença da atividade turística, principalmente durante o verão, por conta das belas paisagens de praia, associadas ao centro da cidade. Para além dessas características, há, no município, localidades pouco conhecidas por quem visita a cidade e a orla turística torrense, orientadas por práticas de agricultura e pecuária.

Longe da movimentada orla turística, que envolve a praia e o centro urbano do município, há lugares onde brota uma vivência mais conectada com a natureza, onde é possível viver num outro ritmo, que não aquele de aceleração do cotidiano, das relações, da vida, pautado pela lógica capitalística de produção. Alinho-me à abordagem de Boaventura de Sousa Santos (2002), com a ideia de “produzir para viver”, acreditando que, nesse sentido, os saberes do interior podem mostrar aspectos interessantes para (re)pensar o Turismo. A questão, aqui, é também pensar o que há para além do Turismo, no seu repuxo, no que ‘não é o mar do Turismo’. Da reflexão, comecei, então, a questionar: afinal, em Torres/RS, quem não vive do mar, vive de quê? Isso porque, para o Turismo, o que é reconhecido em Torres é justamente a praia, como potencialidade de desenvolvimento individual e coletivo, mas, para quem não tem a possibilidade de ‘viver do mar’, há o desejo de viver de alguma outra coisa, e, mais que isso, há a necessidade de ‘sobreviver’ ao Turismo e ao mar. Surge, então, o questionamento: que ‘coisa’ é essa? O que há no repuxo do Turismo que contribui para a autopoiese de sujeitos das comunidades de regiões não diretamente ligadas ao mar turístico de Torres/RS? Nesse vai e vem de onda e repuxo, o que essas comunidades têm para dizer sobre Torres e sobre o Turismo, a partir das dinâmicas de seu (com)viver?

O município de Torres está localizado no extremo norte do litoral Atlântico do Rio Grande do Sul, estado pertencente à Região Sul do Brasil. Faz fronteira com o estado de Santa Catarina (pelos municípios de Passo de Torres e São João do Sul) e com os municípios gaúchos de Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul e Mampituba. Torres está a 198

sistematizadas, ajudam a compreender as direcionalidades de nossas pesquisas” (BAPTISTA, 2021, declaração pessoal em orientação).

² O termo vem sendo proposto por Baptista, em seus textos, cursos e oficinas sobre metodologia da pesquisa, como metáfora do percurso investigativo empreendido pelo pesquisador, marcado por planejamento, aproximações e ações investigativas, desafios, mudanças de rumos, quando necessário. É possível encontrar o termo em textos como: *Investigação e Inscriacionice na Pesquisa em Turismo: Desafios na produção das trilhas e ‘costura’ metodológica da ‘viagem investigativa’* (2013) e *Matrizes Rizomáticas e a Viagem Investigativa: confluências e direcionamentos da estratégia metodológica* (2018), por exemplo.

quilômetros de distância de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e a 280 quilômetros da capital catarinense, Florianópolis. Segundo o último censo, realizado em 2010, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população da cidade, estimada para 2019, era de 38.732 habitantes.

O município destaca-se pela beleza natural de suas praias, sendo o único no estado a ter paredões rochosos à beira-mar, além de ter à sua frente a única ilha marítima gaúcha, a Ilha dos Lobos. É justamente sua natureza rica, aliada ao cenário de praia, que faz com que o lugar seja buscado para o turismo durante o veraneio. De acordo com dados divulgados pela Fundação de Economia e Estatística (FEE) do Rio Grande do Sul, Torres chega a receber 65 mil turistas que se instalam, principalmente, no centro da cidade, para aproveitar o calor perto do mar (RÁDIO GUAÍBA, 2019). Em contraponto, destaco a informação colocada acima, sobre a população fixa da cidade, que, em 2019, seria de aproximadamente 38.700 pessoas. Essa comparação aponta o crescimento demográfico que ocorre na cidade durante o verão, com destaque para o fato de que existe uma concentração populacional no centro da cidade, já que as pessoas que buscam Torres hospedam-se (ou têm suas segundas residências) o mais próximo possível da praia.

Em função disso, o espaço do município marcado por materialidades rurais, onde prevalecem atividades de agricultura e pecuária, é pouco conhecido por quem visita Torres. Em uma análise do ecossistema, a percepção é a de que esses espaços – interior e praia – foram, aos poucos, aparentemente se descolando, se separando, perdendo contato um com o outro, como se não integrassem o mesmo município. Breves passeios à praia são uma das poucas coisas que conectam os moradores do interior ao outro lado da RS-389 (Estrada do Mar) ou da BR-101. Segundo o último censo, realizado pelo IBGE, em 2010, na parte rural do município – que aqui será representada, por vezes, pelo termo interior – residem 1.316 pessoas, em uma área de aproximadamente 62.000 km².

Ainda que esse espaço, marcado por características diferentes da atividade turística, seja pouco mostrado, ele também é Torres e é para além da sazonalidade ocasionada pela atividade turística. Os saberes-fazer orientados pelo interior, rural, contam a história do município e podem contribuir para a sua história turística – em uma relação direta ou indireta – seja no resgate do passado, seja no planejamento e produção de saberes-fazer que reconheçam a exuberância da ‘onda’ associada à potência do ‘repuxo’, do Turismo.

Nesse sentido, ressalto o reconhecimento de que a presença da atividade turística é representativa como fonte econômica, no município, promovendo movimentos financeiros com a chegada do verão, aumentando as vagas de trabalho nos setores de serviços e comércio,

principalmente, que representam quase 72% do Produto Interno Bruto (PIB) municipal. Portanto, destaco a importância de observar e analisar, holisticamente, os aspectos relacionados aos saberes-fazeres turísticos, em Torres.

Avançando na reflexão, questiono: como vivem as pessoas no ‘repuxo’ do turismo e que sinalizadores podem ser importantes, para refletir sobre a prática turística em Torres? O que seria esse ‘Repuxo’ do Turismo? Vamos pensar: o município é transversalizado por duas grandes vias de passagem: a RS-389 (Estrada do Mar), pelo litoral, e a BR-101, pelo interior. Essas duas marcas podem ser percebidas como linhas que dividem os moradores entre quem se relaciona com o mar – também do Turismo – direta ou indiretamente. É possível perceber que, ao aumentar o distanciamento com a Estrada do Mar, são crescentes, também, as alterações na paisagem e nos comportamentos cotidianos. Quanto mais nos aproximamos da BR-101, mais estas características relacionam-se aos saberes-fazeres rurais. Vale dizer, é exatamente em um sítio – pequena propriedade rural –, localizado entre essas duas linhas de passagem, que comecei minha vivência com Torres/RS, vivência estreitamente relacionada ao objeto de estudo da presente pesquisa.

A escolha pelas narrativas de moradores deu-se pela minha vivência no município, conforme ressaltai anteriormente, e pela minha vinculação ao Jornalismo. O Curso de Jornalismo na UCS me provocou a pensar o mundo, os fenômenos, como resultantes de narrativas. Aos poucos, fui percebendo a importância das narrativas na constituição de cenários e contextos. O curso também me levou ao encontro com o Outro, à condição de escuta e de produção de leituras possíveis, a serem compartilhadas com outros seres, com outros mundos. É também um pouco este o significado desta dissertação, assim como de todo o processo desta produção científica.

Vale ressaltar que a pesquisa alinhada à visão de Ciência Ecológica Complexa também é base para a brotação da metáfora reflexiva³, ‘Repuxo’ do Turismo. Ciência aqui é compreendida a partir das perspectivas: contemporânea, complexa, transversalizada pelo cenário de mutação da Ciência, conforme compreendido por Morin (2005), Capra (1997, 2020), Crema (1989), Deleuze e Guattari (1995), e Santos (2003) – deste autor, destaca-se, também, o conceito de Epistemologias do Sul (SANTOS, 2019). Assim, a Ciência é vista para além do

³ Conforme Guareschi (2003, p. 245) reflexão “[...] significa ‘dobrar-se sobre si mesmo’, pensar sobre nossos próprios pressupostos”. Dessa forma, ‘Repuxo’ do Turismo trata-se de uma metáfora, em que repuxo representa o ecossistema que é sobreposto, nesse caso, pela temporada turística (citada na dissertação como ‘onda’ do Turismo), com a proposta de refletir sobre os aspectos que aparecem nessa trama-ecossistêmica, contribuindo para sua sustentação e potencializando processos de reinvenção da prática, orientados pelo viés da responsabilidade ecossistêmica.

gabinete acadêmico, reconhecendo saberes múltiplos, que se entrelaçam com o contexto ecossistêmico dos sujeitos.

Em termos teórico-conceituais, a dissertação é transdisciplinar e holística, envolvendo, além desses autores da Epistemologia da Ciência, já mencionados, autores como Moesch (2000, 2004), Moesch e Beni (2017), Gastal (2002, 2005a), para a trilha teórico-conceitual sobre Turismo; e Baptista (2018, 2020a, 2020b), na compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica, de Aveso do Turismo. Em relação às narrativas, destaco autores como Medina (2006, 2014), Marcondes Filho (2008), Sodré (1986) e Lima (2009, 2014), na construção da trilha teórico-conceitual.

Em alinhamento à visão de Ciência citada, está a estratégia metodológica escolhida, a Cartografia de Saberes. A proposta é apresentada por Baptista (2014), inspirada em texto de Rolnik (2006), com fundamentação na trama de autores contemporâneos, da Esquizoanálise e da epistemologia ecossistêmica complexa. Envolve pressupostos que auxiliam o pesquisador a relacionar a complexidade da realidade cotidiana com a pesquisa que desenvolve. A Cartografia de Saberes é composta por quatro grandes trilhas, sinalizadoras de caminhos da pesquisa, sendo elas: Trilha de Saberes Pessoais, Trilha de Saberes Teóricos, Trilha Usina de Produção e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Em termos de procedimentos metodológicos, em coerência com a Cartografia de Saberes, destaco o trabalho plurimetodológico, com ênfase nas ‘com-versações’ com os moradores, que foram fundamentais para a produção das narrativas, conforme expresso no objeto de estudo. O principal critério para a escolha dos moradores relacionou-se com o local de residência dos sujeitos. Busquei conversar com moradores de regiões do município vinculadas indiretamente com a atividade turística, lugares marcados pelo ‘repuxo’ do Turismo. Ao todo, foram realizadas ‘com-versações’ com 10 (dez) moradores, de idade entre 26 (vinte e seis) e 56 (cinquenta e três) anos.

Assumindo o ‘Repuxo’ como metáfora reflexiva, lembro que, para enxergar o repuxo, primeiro é preciso observar a onda. Até que ela se recolha ao fundo mar, seu movimento em direção à praia altera a paisagem, trazendo elementos para a areia. O que pode ser percebido na superfície, durante a corrente de retorno, chegou ali pelo movimento da onda. Assim, em Torres/RS, o Turismo como ‘onda’ é marcado, predominantemente, pela dimensão econômica, sendo uma importante fonte de receita municipal. Este fato está alinhado ao próprio desenvolvimento do Turismo como fenômeno, em seus saberes e fazeres. A ênfase econômica é histórica e também parte dos questionamentos realizados na abordagem do repuxo.

Destaco, no entanto, que a pesquisa reconhece a importância do Turismo como meio

de desenvolvimento para diversos destinos. Justamente por esse motivo, a discussão proposta visa contribuir para a construção de uma atividade turística sustentável, responsável com o ecossistema, promovendo o desenvolvimento integral, na relação com as dimensões ‘onda’ e ‘repuxo’ das destinações. Vale mencionar, aqui, o entendimento sobre o Turismo como processo de desterritorialização desejante e gerador de autopoiese, em que o sujeito que se desloca é “[...] também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo” (BAPTISTA et al., 2020a, p. 8).

Os investimentos no setor e o alto número de pessoas em deslocamento turístico são justificativas importantes para a produção desta pesquisa, que parte da perspectiva de compreender o Turismo em trama com o ecossistema. Destaco, nesse sentido, que os investimentos são grandiosos, mas não são apenas financeiros. Correspondem a diferentes dimensões existenciais. Os números oficiais trazem expressões da magnitude do fenômeno, ainda que tenham que ser compreendidos com uma lente ampliada. Segundo a Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2019, a atividade turística registrou um crescimento de 4% nos deslocamentos internacionais, no mundo inteiro, significando 1,5 bilhão de chegadas de turistas internacionais (MERCADO E EVENTOS, 2020). Além disso, outro aspecto que aponta como as demandas turísticas movimentam a sociedade é o fato de que os investimentos concedidos por instituições financeiras federais para o Turismo, em 2018, foram de US\$ 5,917 milhões (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2019a).

Esses fatos contrastam com o momento em que nos encontramos, como população mundial, com a Pandemia Covid-19. Desde março de 2020, (sobre)vivemos em um cenário pandêmico, devido à crise infecciosa causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Naquele momento, a Pandemia promoveu a paralisação de muitas atividades e o distanciamento social de grandes contingentes populacionais em todo o mundo. A interrupção de muitas atividades, inclusive o Turismo, diante do crescente número de mortes, com a disseminação do vírus, sinalizou a necessidade de repensar o futuro do ser humano no planeta.

As alterações da – e na – paisagem forçaram adaptações bruscas na vida cotidiana. A ruptura com comportamentos marcados pelo excesso foi forte, mostrando o momento como um potente repuxo: a restrição de movimentação, o distanciamento/isolamento social, as recomendações sanitárias e de higiene, disponibilizadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), fizeram com que ‘o mar’ das movimentações – também turísticas - recuasse, mostrando a trama, os elementos submersos no cotidiano, pautado pela lógica produção-consumo. Para estabelecer uma relação com os dados de 2019, informados acima, destaco que a OMT, em

relatório do final de 2020, apontou que a atividade “[...] perdeu 900 milhões de turistas internacionais, impacto que se traduz na perda de US\$ 935 bilhões em receitas” (FORBES, 2021).

Este texto, escrito em outubro de 2021, ainda é marcado pelo cenário pandêmico. Penso ser necessário este apontamento, pois destaco o estado de inconstância dos fatos relacionados ao vírus, seus impactos sociais, políticos e econômicos. Vive-se uma constante cartografia⁴ da realidade, sinalizando a importância de olhar e pensar no todo, holisticamente. Compreendendo que as alterações causadas por esse momento são profundas, permanentes e transformadoras, os saberes-fazeres turísticos precisam ser (re)pensados, partindo de perspectivas que reconheçam e acompanhem, também, esse cenário⁵.

Nesse sentido, a partir do que a Pandemia tem mostrado sobre os saberes-fazeres turísticos, falar em ‘Repuxo’ do Turismo é refletir sobre as características mercadológicas da atividade, sobretudo às relacionadas ao que Harvey (2004) chama de “capitalismo por espoliação”, em que as ações visam somente o crescimento financeiro, o acúmulo de capital. Dessa forma, a ideia parte da proposição de que há outra maneira de desenvolvê-la, considerando o ecossistema por inteiro. A Pandemia causada pelo novo coronavírus tornou perceptível o fato de que os problemas globais são sistêmicos, conforme reforça Capra (2020), ou seja, estão interligados e se estabelecem em uma relação de dependência. Portanto, as soluções para a “crise mundial multifacetada” (CAPRA, 2020) também precisam ser pensadas de forma sistêmica, a partir do viés holístico.

A corrente de retorno promovida pela Pandemia mostrou a necessidade de compreender as destinações turísticas, para além da região de concentração da prática turística. No caso da minha dissertação, isso significa considerar Torres/RS para além do litoral, da ‘orla turística do mar’, partindo de outros lugares que constituem a cidade, como o campo, o cotidiano simples de quem se relaciona com a natureza, acompanhando suas alterações e respeitando-as como legítimas para a sua existência. Mais que isso, é válido refletir que a pesquisa convida a refletir sobre a possibilidade de transposição da discussão para outros ecossistemas em que existem essas fissuras entre o mar o não mar, também entre o mar do

⁴ O termo está sendo utilizado aqui no sentido de Rolnik (2006), para os estudos psicossociais, como uma espécie de mapa que se faz acompanhando a mudança da paisagem. Será mais detalhadamente abordado na dissertação, na estratégia metodológica.

⁵ Algumas reflexões sobre o assunto foram anteriormente apresentadas nos artigos *Turismo e Sustentabilidade: Reflexões em Momentos da Pandemia Covid-19* (DE CONTO et. al., 2020) e *Por um Mundo Mais Amoroso e Autopoiético! Reflexões Amorcomtur! Durante a Pandemia Covid-19* (BAPTISTA et. al., 2020) publicados na Edição Especial Covid-19 da Revista Rosa dos Ventos, e no capítulo *Tourism ‘rip current’ and the relation with COVID-19 pandemic: challenges for Tourism in Torres/RS* (tradução: ‘Repuxo’ do Turismo e a relação com a pandemia de COVID-19: desafios para o Turismo em Torres/RS), publicado na Índia (EME; BAPTISTA, 2020).

Turismo e o repuxo.

Em síntese a dissertação está estruturada nos seguintes capítulos, depois desta introdução: *(Des)caminhos investigativos entre a onda e o repuxo*, apresentando a forma como a pesquisa foi desenvolvida, as aproximações e ações investigativas acionadas para tanto e descrevendo a trilha teórico-conceitual e os aspectos compreendidos para a produção das narrativas dos moradores; *‘Repuxo’ do Turismo*, referente à descrição das bases teóricas que sustentam a metáfora reflexiva, bem como apresentação de um breve resgate histórico sobre os saberes e fazeres turísticos, além da apresentação da compreensão Turismo-Trama-Eossistêmica; *Em direção a Torres/RS*, apresentando o lócus da pesquisa, em sua dimensão ecossistêmica; *Narrativas e ‘com-versações’ com moradores de Torres/RS*, apresentando tais narrativas, decorrentes das ‘com-versações’; *‘Quem não vive do mar, vive de quê?’*, na proposição de sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir da confluência das trilhas teórico-conceituais e das ‘com-versações’; e *Considerações Finais*, apresentando reflexões que surgiram com o desenvolvimento da pesquisa, além de propostas para outros estudos envolvendo a temática.

Por fim, afirma-se que o estudo foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH), tendo como área de concentração Desenvolvimento Regional do Turismo, vinculado à Linha dois – Turismo, Hospitalidade, Cultura e Educação e aos projetos de pesquisa intitulados: *“Ecosystemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos: Sinalizadores Teórico-Metodológicos, no Estudo de Ecosystemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos, considerados a partir de sua Característica Eossistêmica, Caosmótica e Autopoiética”* e *“‘Com-versar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia”*, coordenados pela professora doutora Maria Luiza Cardinale Baptista.

O estudo recebeu financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (PROSUC).

2 (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO

Abordar os (des)caminhos investigativos entre a onda e o repuxo, nesta pesquisa, significa apresentar a estratégia metodológica, seus percursos, seus desafios, nas múltiplas aproximações e ações investigativas. As orientações metodológicas desta pesquisa foram definidas em coerência com a visão de Ciência Ecosistêmica Complexa Holística, já mencionada. Nesse sentido, a metodologia é aqui compreendida como o campo de estudo dos caminhos e descaminhos da pesquisa, na trama dos saberes e fazeres. Tradicionalmente, a metodologia na pesquisa tem sido ligada à apresentação e explicação de um planejamento, com o registro de procedimentos. No caso deste trabalho, em coerência com os pressupostos epistemológicos e teóricos, há a compreensão de uma metodologia aberta, sem amarras, que não seja rígida. Isso significa que ela foi construída ‘no movimento, das ondas e dos repuxos’, do percurso de investigação. Seus pressupostos se estabelecem (e se orientam) alinhados com o cenário de mutação da Ciência, tratado por pensadores contemporâneos, que fundamentam esta pesquisa e os estudos mais amplos do grupo de pesquisa, aos quais esta pesquisa está vinculada.

A orientação investigativa parte do princípio de complexidade, associado ao reconhecimento do seu caráter mutante, fluido, de alteração contínua. Essa perspectiva epistemológica alinha-se aos pressupostos de autores como Capra (1997), Morin (2005), Santos (2003) e Crema (1989), compreendendo a Ciência como um todo, holístico, em que os focos de investigação fazem parte de um sistema maior, que está integrado a um sistema maior que ele e assim por diante. Portanto, o recorte deve ser compreendido em sua complexidade, o que desafia a narrativa, demandando o exercício de uma escrita artesanal, em que se vai tecendo o relato, como os pontos de uma trama, tão importantes e imperceptíveis ao mesmo tempo.

Essa compreensão está presente também na proposição epistemológica ‘Repuxo’, aqui associada ao Turismo. A proposta corresponde ao reconhecimento da complexidade e processualidade, contidas no movimento da ‘onda’ e do ‘repuxo’, dos saberes e fazeres turísticos, buscando ampliar o olhar para o todo, na relação com a visão holística. Nesse sentido, destacam-se as leituras de Crema (1989), principalmente como ponto de partida para compreender a ideia holística entrelaçada à Ciência, o que o autor chama de paradigma holístico. Para ele, esse paradigma é constituído por princípios que consideram que cada elemento de um todo carrega um pouco desse todo, refletindo todas as dimensões do próprio campo. “É uma visão na qual *o todo* e cada uma das suas sinergias estão estreitamente ligados em interações constantes e paradoxais” (CREMA, 1989, p. 72, grifos do autor).

Esse movimento, para um caminho do entendimento holístico do mundo, e também da Ciência, é apresentado pelo autor como uma “[...] resposta à crise de consciência humana, dividida e exilada do *Holos*” (CREMA, 1989, p. 15, grifo do autor). Proveniente da superação do paradigma cartesiano-newtoniano, este novo paradigma enxerga a Ciência na sua complexidade, considerando e reconhecendo-a em sua totalidade.

No entrelaçamento com a metáfora reflexiva ‘Repuxo’, olhar o todo, considerando sua complexidade e processualidade, contribui para a proposição de soluções sistêmicas, compreendendo que os desafios, também para a prática turística, relacionam-se entre si e com todo o ecossistema (CAPRA, 2020). O mesmo ocorre com os desafios inerentes à prática investigativa, que se faz em uma trama ecossistêmica processual, dissipativa e rizomática.

Outro aspecto apresentado pela visão holística, importante para a presente proposta, é o que se relaciona à interação do sujeito pesquisador com o campo de pesquisa. Destaca-se que o propósito da discussão não é desconsiderar as contribuições das científicas Clássica e Moderna; pelo contrário, a presente pesquisa reconhece-as e compreende-as como integrantes do processo de transformação do pensamento. Em certo sentido, o percurso científico empreendido pela humanidade possibilita que tenhamos a compreensão mais ampla, neste momento. Para enxergar o ‘Repuxo’ da Ciência, primeiro é preciso observar a ‘onda’, ela trará os elementos que se mostram no retorno do mar, na corrente de retorno. O mesmo ocorre para os saberes e fazeres metodológicos: é o mergulho nos conhecimentos históricos e tradicionais que nos ajuda a enxergar o repuxo, de tal modo que é possível definir aproximações e ações investigativas que deem conta também dos resíduos na ‘areia do campo’ trabalhado na pesquisa.

Nesse sentido, é importante destacar as contribuições do pensamento sistêmico, proposto por Capra (1997), como uma forma de ‘organizar’ a complexidade das teorias e da realidade contemporânea. Para Capra (1997), a ciência cartesiana entendia que era possível compreender o todo, analisando apenas uma parte. Já a “[...] ciência sistêmica mostra que os sistemas vivos não podem ser compreendidos por meio de análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo maior” (CAPRA, 1997, p. 46). O autor, define, então a ciência sistêmica como um pensamento contextual.

Para o pensamento sistêmico, o objeto de pesquisa não é exatamente objeto, mas, sim, relação. O foco que recebe atenção, durante o desenvolvimento da pesquisa, precisa ser inserido em seu contexto ecossistêmico, a todo momento, tendo em vista que o recorte isolado pode causar equívocos múltiplos, tanto científicos quanto não-científicos (CAPRA, 1997).

Destaca-se aqui a condição que marca o município de Torres/RS, como exemplo, e a

relação estabelecida entre esse ‘recorte’ e a atividade turística. Para compreender o Turismo, visando à possibilidade de desenvolvê-lo integralmente, parece importante considerar ecossistema em sua processualidade dinâmica de existência, o que implica o movimento causado pela onda e pelo repuxo. Desse modo, assim como o mar pode ser potência para pensar os saberes e fazeres turísticos, o ‘não-mar’, no momento da corrente de retorno, também.

Outro aspecto interessante, sobre a fala de Capra (1997), para a presente pesquisa, refere-se à relação entre a pesquisadora e o lócus da pesquisa. A observação do campo assume outra dinâmica, quando é realizada no lugar de pesquisadora; porém, de toda forma, as percepções da qual brotaram o objeto de estudo antecedem ao momento da pesquisa, da consolidação do que é apresentado como ‘objeto’. Nesse sentido, entende-se que a relação estabelecida entre a pesquisadora com o campo contribuiu para essa compreensão.

Ainda em relação à compreensão do contexto ecossistêmico, tanto a metáfora reflexiva ‘Repuxo’, quanto a estratégia metodológica Cartografia de Saberes (BAPTISTA, 2014), expressam a orientação desta pesquisa, no sentido de reconhecimento de saberes múltiplos. Essa marca é sustentada por Morin (2000), quando fala da religação dos saberes, compreendendo que a aproximação com a complexidade do real – e da pesquisa – é maior quando o pesquisador considera os diferentes saberes envolvidos naquele contexto ecossistêmico. Dessa forma, é possível compreender a necessidade do outro, na vivência cotidiana. Assim, “A religação deve substituir a disjunção e apelar à “simbiosofia”, sabedoria de viver junto” (MORIN, 2000, p. 78).

Santos (2003) também sustenta a orientação, ao falar do paradigma emergente, destacando a característica de discutir ciência, partindo também de saberes múltiplos, construídos em lugares diferentes. Uni-los ao conhecimento produzido e pensado na academia contribui para uma compreensão mais ampla da sociedade. Mesmo conhecendo as contribuições que podem vir de outros lugares – que não a própria ciência comprovada por experimentos – Santos fala que “[...] forçoso é concluir que caminhamos para uma nova relação entre a ciência e o senso comum, uma relação em que qualquer deles é *feito* do outro e ambos *fazem* algo de novo” (SANTOS, 2003, p. 40, grifos do autor).

Para que essa relação seja possível, o autor propõe que aconteça uma dupla ruptura epistemológica: primeiro uma ruptura epistemológica com o senso comum e, depois, uma ruptura com a ruptura epistemológica (SANTOS, 2003). Trata-se, portanto, de um momento de questionamento, de incertezas sobre o método científico, sobre o que é capaz de dar conta da realidade contemporânea.

Partindo dessa experiência, a ciência é percebida como um campo complexo,

profundo, mutante, em desdobramento constante. Com isso, é necessário observá-lo de todos os lugares possíveis (na onda e no repuxo), desenvolvendo saberes, a partir de vivências locais, mas capazes de se relacionar com outros universos de conhecimento. Assim, a “[...] ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável” (SANTOS, 2003, p. 78), entrelaçando instrumentos e informações de diversas áreas para mensurar e explicar seu objeto de pesquisa.

O desafio, na produção de conhecimento no cenário contemporâneo, complexo e pandêmico (nesse caso), é estabelecer uma relação que motive a reflexão e a compreensão da realidade como incompletude, sem a proposição de respostas. Conforme Morin (2005, p. 177), “[...] ao inspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza. De qualquer modo, a complexidade surge como dificuldade, como incerteza e não como uma clareza e como resposta”.

O contato com o todo é a possibilidade de realizar profundamente a pesquisa. Considerar a complexidade da realidade coloca o pesquisador em uma posição de atenção, mais plena possível, dando conta da multiplicidade de elementos que compõem o desenvolvimento de conhecimento científico. Para Morin (2005), a complexidade considera, no conhecimento científico, a multiplicidade constituinte da natureza, do universo, dos fenômenos.

Apresentada a visão de Ciência que orienta os aspectos epistemológicos-teóricos-metodológicos da presente pesquisa, afirma-se que a dissertação se caracteriza como qualitativa, partindo, da Cartografia de Saberes, como estratégia metodológica. Ressalta-se que a Cartografia de Saberes é considerada uma estratégia, por sua autora, porque se constitui como uma orientação do pensamento, que direciona as ações de pesquisa, possibilitando combinar tal estratégia com outros pressupostos metodológicos.

A pesquisa qualitativa é desenvolvida no campo social, por corresponder melhor às questões da realidade cotidiana – lugar de estudo do pesquisador. De acordo com Goldenberg (1999, p. 16-17), “Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza”. A pesquisa qualitativa, portanto, parece ‘dar conta’ da subjetividade contida no cotidiano de onde parte a pesquisa social, preocupada com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21-22).

A pesquisa qualitativa no campo social, segundo Goldenberg (1999), implica, também, na não separação entre sujeito e objeto, como na perspectiva positivista, muitas vezes adotada pela pesquisa quantitativa. Com isso, “[...] é natural que cientistas sociais se interessem por pesquisar aquilo que valorizam” (GOLDENBERG, 1999, p. 19). Dessa forma, é importante relembrar a conexão entre esta pesquisa e a pesquisadora, que busca refletir sobre os aspectos turísticos do lugar onde passou parte de sua vida e compreender como as narrativas de pessoas que não ‘vivem do mar’, da atividade turística, podem contribuir com uma visão integral de Torres, reconhecendo a praia e o interior, seus paradoxos e contradições e, ao mesmo tempo, suas potencialidades.

Goldenberg (1999) diz ainda que os dados qualitativos não são padronizáveis, pois buscam compreender os sujeitos, em seus próprios termos. Com isso, o pesquisador precisa ter flexibilidade e criatividade, no momento de coletar e analisar os dados. “Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador” (GOLDENBERG, 1999, p. 53). Nesse sentido, a Cartografia de Saberes surge como estratégia metodológica capaz de auxiliar no processo de pesquisa, por considerar os aspectos citados pela autora.

2.1 CARTOGRAFIA DE SABERES

A Cartografia de Saberes, desenvolvida por Baptista (2014)⁶, é inspirada na proposta apresentada por Rolnik, em texto intitulado *O Manual do Cartógrafo* (publicado originalmente em 1989), em que ela apresenta os pressupostos de uma prática investigativa, orientada pela cartografia. Para a transposição da ideia de cartografia para os estudos psicossociais, essa autora afirma que a Cartografia é o desenho que se faz da paisagem, acompanhando suas alterações

⁶ Destaca-se que a construção da estratégia metodológica decorre de mais de trinta anos do trabalho como docente de metodologia e como pesquisadora. Pode-se perceber ‘embriões’ da Cartografia de Saberes em textos como *Paixão-pesquisa: encontro com o "fantasminha camarada"* (1999) e *Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação. Desafios e perspectivas metodológicas* (2001). Além disso, é importante sinalizar outros trabalhos publicados pela autora após 2014, como o texto *Matrizes Rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em Turismo* apresentado no XIV Seminário ANPTUR, em 2017 e publicado como capítulo do livro *New Radical Approach in Interdisciplinary Research*, em 2021, na Índia, o texto “*Amar la trama más que el desenlace!*” *Reflexões sobre as proposições Trama Ecosistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na Pesquisa em Turismo*, apresentado no XVI Seminário ANPTUR, em 2019 e publicado na Revista de Turismo Contemporâneo, em 2020 e o texto *Trama de floresceres? no ensino da ciência. Percursos orientados por entrelaçamentos de amorosidade, confiança e alegria, em processos autopoieticos de ensino e produção da ciência* publicado na Revista Ibero-americana de estudos em Educação, em 2020. Destaca-se ainda que as contribuições de Suely Rolnik (2006), à Cartografia de Saberes, são orientações filosóficas sobre seu uso como procedimento metodológico, enquanto a sua estruturação em quatro trilhas e a operacionalização do fazer é proposta por Maria Luiza Cardinale Baptista (2014), com o objetivo de auxiliar o pesquisador iniciante, principalmente, no processo de investigação.

(ROLNIK, 2006), visto que as paisagens não são estáticas, “[...] mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos” (ROLNIK, 2006, p. 15).

O conceito tem como ponto de partida a Geografia e integra os estudos de Rolnik (2006) sobre a metodologia da pesquisa, o ‘modo de fazer’ conhecimento científico. Assim, já que método é caminho, entende-se, nesta pesquisa, o caminho que se forma a partir do caminhar do pesquisador, que está sempre em mutação. Os cenários ‘movem-se’ com a interação de quem os observa e também mexem com o sujeito, fazendo com que o pesquisador-cartógrafo se atente para pontos que não eram percebidos antes. Assim, o pesquisador constrói a pesquisa, e a pesquisa constrói o pesquisador, em uma lógica recursiva.

Com isso, o sujeito cartógrafo aparece como outra personagem interessante, para pensar a Cartografia como proposta metodológica. Segundo Rolnik (2006), o principal, no trabalho do cartógrafo, não é o objeto de estudo; sua atenção deve estar voltada “[...] às estratégias das formações do desejo” (ROLNIK, 2006, p. 65).

Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha [...]. **O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado.** (ROLNIK, 2006, p. 65, grifos da autora).

Partindo desse ponto, a Cartografia de Saberes, de Baptista (2014), envolve pressupostos que auxiliam o pesquisador a relacionar a complexidade da realidade cotidiana com a pesquisa que desenvolve. Ela permite enxergar as trilhas por onde a pesquisa pode seguir, lembrando que esse processo está em constante mutação, reinventando-se a todo momento, onde “*Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas*” (ROLNIK, 2006, p. 65, grifos da autora).

A Cartografia de Saberes, como é considerada por Baptista (2014), é composta por quatro grandes trilhas, sendo elas: Trilha de Saberes Pessoais, Trilha de Saberes Teóricos, Trilha Usina de Produção e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Combinadas, essas trilhas formam uma trama, que ajuda o pesquisador a encontrar o que busca descobrir e a compreender que, conforme explica sua autora, “na pesquisa, perder-se também é caminho”⁷.

As trilhas não são hierárquicas ou pré-requisitos, umas para as outras. Elas devem desenvolver-se simultaneamente e, vale destacar, estão sempre em construção. Ao mesmo

⁷ BAPTISTA, M. L. C. Declaração pessoal, em vários Encontros Caóticos do Amorcomtur!.

tempo que as trilhas se entrelaçam para formar a pesquisa, desencadeiam um processo autopoietico, lembrando Maturana e Varela (1997), que se retroalimenta, alimenta a pesquisa e alimenta os saberes do pesquisador.

De qualquer forma, por orientação de Baptista, é interessante uma atenção essencial no caminho da pesquisa para a Trilha de Saberes Pessoais. Esse é o momento em que “[...] o investigador deve procurar refletir sobre o que sabe sobre o assunto” (BAPTISTA, 2014, p. 350). A reflexão para trazer à consciência os saberes sobre o assunto escolhido mostra ao pesquisador um possível ponto de partida, aspectos interessantes para a construção do estudo. Esses sinalizadores iniciais de pesquisa surgem do seu lugar, do seu interior, de si mesmo.

A escrita de um texto preliminar sobre esses saberes dá, ao pesquisador, a dimensão de quanto e qual conhecimento ele tem, *a priori*, sobre o tema, ajudando-o a determinar o recorte da pesquisa, além de facilitar o processo de autorização para escrever, cientificamente, sobre o assunto escolhido.

Nesta pesquisa, por exemplo, ir e voltar no caminho dos saberes pessoais revelou interessantes pontos, para reflexão sobre Turismo e Comunicação, a partir da vivência da mestranda em Torres/RS. Do cotidiano de interior, em uma cidade turisticamente reconhecida por sua praia, brotaram intenções de pesquisa, um devir pesquisa, o que Rolnik (2006) chamaria de “estratégias do desejo”, nesse caso: estratégias do desejo de pesquisar.

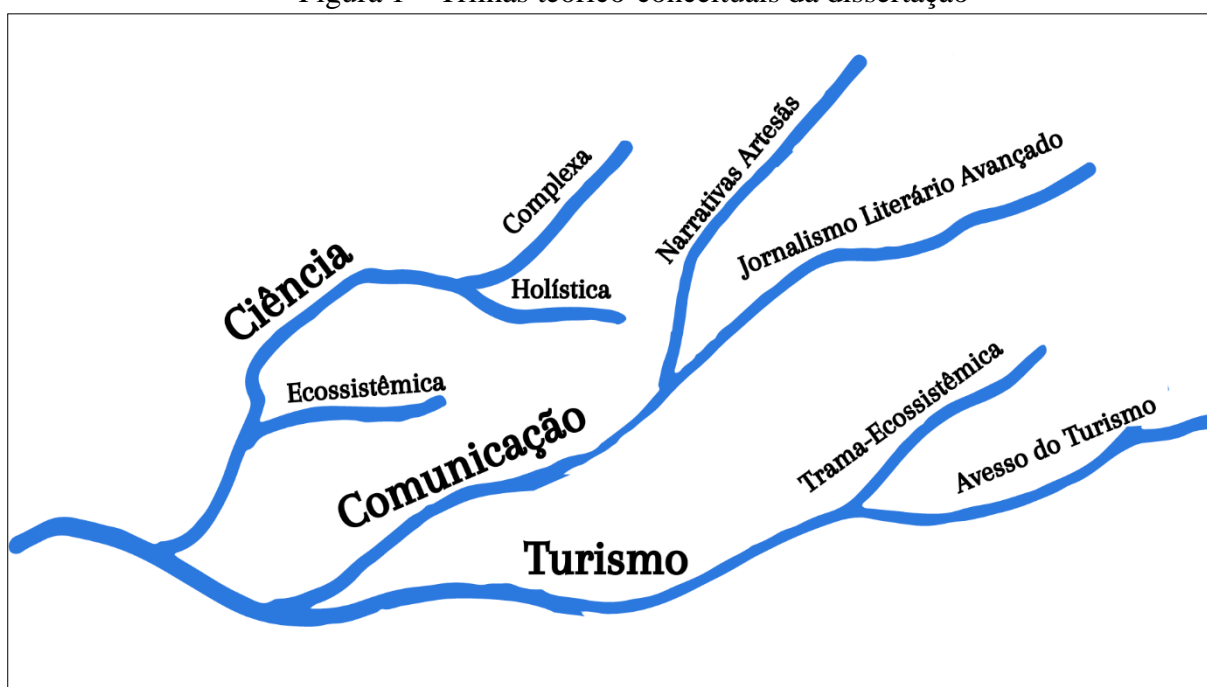
O momento de contato com a Trilha de Saberes Pessoais resgatou aspectos do tempo de residência em uma localidade afastada da praia e do centro do município, e esses aspectos funcionaram como ponto de partida para a reflexão proposta na presente dissertação. Destaca-se que essa trilha continua em produção em processos internos da própria pesquisadora, processos autopoieticos, seguindo a orientação de pesquisa como um processo em constante mutação. As informações agregadas, nesse momento de finalização da pesquisa, brotaram tanto da realização das ‘com-versações’ com os moradores, quanto da reflexão dessas narrativas. O movimento acompanha a maré, com características de repuxo, inclusive. O volume de informações que chega das ‘com-versações’ com os moradores faz com que os níveis de consciência da pesquisadora retornem, deixando à mostra, no repuxo, elementos resgatados de lembranças acionadas por elementos trazidos pelas informações.

Seguindo com a apresentação das trilhas, pode-se destacar a Trilha de Saberes Teóricos. Depois de o sujeito definir seu assunto de pesquisa, é o momento de dividir as trilhas temáticas, que farão parte de sua investigação. Algumas dessas trilhas investigativas precisam envolver teorias em seu desenvolvimento – que vão corresponder às reflexões que se entrelaçam às informações das trilhas de campo investigativo (BAPTISTA, 2014).

Essa trilha corresponde à ‘conversa’ com os teóricos, que vão ajudando a construir o percurso da pesquisa. Há uma relação de reconhecimento das teorias estudadas e que melhor complementam a fala do pesquisador, dando-lhe consistência, o que permite resgatar mais saberes sobre o assunto apresentado pelo trabalho. O processo de interação com os autores, além de essencial para a construção do texto científico, reforça e aprimora os saberes pessoais do pesquisador.

Na presente dissertação, as trilhas teóricas são, na verdade, teórico-conceituais. Isso, porque é possível perceber uma derivação rizomática das teorias, com a expansão em trilhas conceituais sinalizadoras de singularidades, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 1 – Trilhas teórico-conceituais da dissertação



Fonte: Elaborada pela autora (2021).

A outra trilha da Cartografia de Saberes é a Usina de Produção, que trata as aproximações e ações investigativas, que vão sendo empreendidas pelo pesquisador, para ‘viver a pesquisa’. Baptista (2014) indica que tanto as aproximações quanto as ações investigativas devem ser escolhidas conforme a singularidade da pesquisa, conforme a trama ecossistêmica do objeto de estudo. De qualquer forma, como exemplos de aproximações, a autora sugere

[...] observação sistemática, conversas informais, exploração preliminar de material e/ou documentos, enfim, devem ser acionadas técnicas de aproximações com o fenômeno a ser estudado. Destaco, no entanto, que essas experiências devem ser registradas, sempre, em um Diário de Campo, uma espécie de diário de bordo, dessa

viagem intelectual, que é o conhecimento produzido na pesquisa. (BAPTISTA, 2014, p. 351).

Entre as aproximações e ações investigativas, no caso desta pesquisa, destaca-se o trabalho realizado no capítulo de apresentação do campo de pesquisa, o município de Torres/RS. Neste texto, há informações provenientes de várias fontes. Foram consultados documentos oficiais e dados disponibilizados pela Prefeitura Municipal, Secretarias Municipais, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Secretarias Estaduais, FEE do Rio Grande do Sul, Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Litoral Norte, Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE), Governo Federal, Ministério do Turismo, IBGE. Estes dados contribuíram como substrato para a descrição da história, de saberes e fazeres no município. Além disso, esses contatos e essas buscas possibilitaram o acesso a dados informativos que expressam aspectos de materialidade da atividade turística no município.

Destaca-se outra aproximação investigativa: a realização de uma cartografia bibliográfica de estudos já desenvolvidos sobre temáticas definidas como relacionadas ao objeto de estudo. Os resultados quantitativos da cartografia estão apresentados no Apêndice A, destacando-se, nesse momento do texto, a discussão possível a partir desses resultados.

A cartografia bibliográfica foi realizada, primeiramente no repositório de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (PPGTURH). Nesse caso, como os trabalhos foram desenvolvidos diretamente na área do Turismo, foram empregadas as palavras-chave (Comunicação/Narrativas; Praia) isoladas na busca, considerando que elas precisavam aparecer no título ou nas palavras-chave da dissertação.

Depois do repositório, a busca foi realizada em outras duas bases de dados: *Scopus*⁸ e Periódicos Capes. Neste caso, alterou-se um pouco a estratégia de trabalho com as palavras-chave. Primeiramente, houve a busca das palavras isoladas (Turismo; Comunicação; Narrativas; Torres/RS; Praia), uma a uma, e, posteriormente, houve algumas combinações entre duas palavras-chave. Os resultados apresentados referem-se à presença das temáticas, nos títulos ou nas palavras-chave, de artigos publicados em qualquer idioma, considerando o recorte de tempo de cinco anos, 2015 a 2019.

Para discussão inicial, destaca-se que o resultado da cartografia possibilitou compreender que as combinações Turismo e Comunicação ou Turismo e Narrativas foram pouco exploradas pelos pesquisadores, no período que compreende a busca. O destaque, nesse

⁸ Foram considerados os trabalhos que apareceram como “Acesso aberto”.

sentido, no número de resultados, é do repositório de dissertações e teses do PPGTURH, tendo em vista a média entre o número de publicações e o resultado encontrado (ver Apêndice A). Ainda, é possível perceber que o mesmo aconteceu com as demais combinações utilizadas na cartografia, já que muitas apresentaram resultados zerados e o binômio Turismo e Praia, por exemplo, apresentou 13 resultados na plataforma de Periódicos Capes e 113 na plataforma *Scopus*, entre 2015 e 2019.

O primeiro recorte de seleção dos textos que poderiam contribuir para as trilhas teórico-conceituais da pesquisa partiu da leitura dos títulos e palavras-chave, sendo que, posteriormente, foi lido o resumo, para uma primeira seleção. Nesse sentido, desenvolveu-se uma das primeiras ações investigativas da pesquisa, com a leitura e fichamento dos trabalhos e, posterior, discussão nos Encontros Caóticos da Comunicação, Turismo e suas Transversalidades, no Amorcomtur!.

Desse trabalho, vale dizer que, em linhas gerais, percebeu-se, como reflexão teórica, que a produção científica sobre Turismo tem ênfase no seu potencial econômico, sendo trabalhado como pilar importante no desenvolvimento regional. É o caso dos textos *A Guerra da Tríplice Aliança como campo de possibilidade para o desenvolvimento da atividade turística em Corumbá-MS*, de Correa, Esselin e Mariani (2019), e *Patrimônio, Turismo e Desenvolvimento: um estudo sobre a Puxada do Mastro de São Sebastião em Olivença, Ilhéus-Bahia*, de Oliveira e Trigo (2017).

É interessante observar que, nos dois textos destacados, o desenvolvimento turístico é proposto com a valorização de aspectos culturais e singulares dos lugares de estudo. Essa é outra característica dos estudos apurados da busca: as marcas locais são tidas como potencialidades turísticas. Isso pode ser um ponto positivo, de reforço e preservação da cultura para a própria comunidade, além da potencialidade de expansão dos fazeres turísticos.

Outro aspecto abordado nas pesquisas relaciona-se com a gestão, com o objetivo de que a atividade seja sustentável para a destinação. Também há vinculação dos estudos com os recursos criados pelo acontecimento de grandes eventos turísticos. Podem ser citados como exemplo, os trabalhos: *O valor da visita em uma ação de visitação: turismo de base comunitária, dinheiro e filosofia política sertaneja*, de Cerqueira (2019), e *Turismo e o pós-evento olímpico: uma gestão mercadológica da cidade do Rio de Janeiro*, de Vico e Chiundila (2019).

Buscando trazer a reflexão para o presente objeto de pesquisa, podem ser destacados textos que pautam suas discussões nas implicações sociais (principalmente, mas não só) causadas pelo desenvolvimento turístico, como os seguintes exemplos: *Gentrificação*,

preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades, de autoria de Paes (2017), e *Os impactos socioculturais e socioambientais do Turismo no ambiente costeiro: um olhar para o Litoral Sul Sergipano*, de Alexandre, Macedo e Araújo (2019). Além disso, foi possível notar que os estudos mencionados aqui contemplam, parcialmente, a discussão epistemológica do Turismo, refletindo também sobre as categorias estudadas tradicionalmente.

No contexto científico que envolve a Comunicação, as discussões apresentadas pelos trabalhos, no período de 2015 a 2019 (Apêndice A), têm, em primeiro plano, os desafios tecnológicos que transpassam o século XXI, refletindo sobre as implicações da expansão comunicacional, como as redes sociais, e a necessidade/importância de representatividade, tanto nesses ecossistemas comunicacionais como nas mídias em geral. Percebe-se, também, um olhar voltado a acontecimentos sociais marcantes do passado, onde o papel da Comunicação foi decisivo na busca de compreender melhor as incertezas contemporâneas. Nesse sentido, ressaltam-se os artigos: *Os Paiter-Suruí e a apropriação social da tecnologia, informação e comunicação: da memória oral para a memória digital*, de Oliveira e Almeida (2019), e *Bibliotecas de narrativas hipertextuais jornalísticas no aplicativo Thinglink*, de Monteiro e Rodrigues (2019). Os dois trabalhos mostram a interação da comunicação com a tecnologia, refletindo sobre a digitalização dos processos comunicacionais. Valem lembrar que estão sendo mencionados apenas alguns textos localizados na busca, sempre porque esses textos se destacaram por algum motivo, em conexão com o objeto de estudo e os objetivos específicos. Aqui, por exemplo, estes textos parecem interessantes porque ajudam a pensar sobre a importância da conservação histórica do lugar, no caso dos textos, tendo como recurso os arquivos digitais. A manutenção da cultura local foi um dos aspectos recorrentes nas falas dos moradores de Torres/RS.

Em termos sociais, foi possível perceber que os estudos têm se debruçado sobre as questões de cidadania, resgate e manutenção de valores históricos de comunidades, como é possível notar nas produções: *Interfaces entre a Comunicação e a Gestão Social no Contexto do Desenvolvimento Territorial: um estudo do território da cidadania noroeste colonial do Rio Grande do Sul*, de Allebrandt, Benso e Oliveira (2015), e *As narrativas das crianças sobre as práticas educativas do Movimento de Mulheres Camponesas*, de autoria de Collet e Silva (2018).

No entrelaçamento das duas áreas, o que se pode perceber é a presença característica do marketing. Os trabalhos desenvolvidos com o binômio são voltados para o potencial desenvolvimentista que a Comunicação possui para a atividade turística, sendo apresentada

como um recurso ou atrativo captador de turistas em propostas que apresentam lugares com potencial turístico. Assim como nos estudos em Comunicação, na combinação com o Turismo, também é possível perceber a presença das redes sociais e sua influência, nos textos que aparecerem na busca.

Já sobre Torres/RS, os poucos trabalhos que surgiram como resultado apontam pesquisas nas áreas de preservação ambiental, com foco em parques e unidades de conservação ambiental e vida marinha, como o caso do trabalho *Sucessão de associações de foraminíferos bentônicos como indicadores de variações paleoceanográficas no terraço de TORRES (RS-Brasil) durante o quaternário tardio*, de Schmitt, Rodrigues e Bonetti (2019).

Mesmo que a busca, nesse momento, não envolvesse o binômio Turismo e Torres/RS, já foi possível perceber o desenvolvimento de pesquisas envolvendo gestão e qualidade em eventos turísticos: *A influência da percepção da qualidade para a gestão de eventos turísticos: o caso do 26º Festival Internacional de Balonismo de Torres (RS) – Brasil*, de Silva e Gonçalves (2015), sendo possível refletir sobre a relevância da atividade para o lugar. De qualquer forma, destaca-se a baixa produção de trabalhos científicos – sem especificar a área de Turismo e Comunicação – que pautem sua discussão na cidade.

Além do trabalho de busca nas plataformas e no repositório do PPGTURH, destaca-se a aproximação/ação com os livros, na cartografia bibliográfica, realizada a partir da escrita das trilhas teórico-conceituais, definidas a partir do objeto de estudo.

Ainda sobre as aproximações investigativas, realizadas durante o primeiro ano de Mestrado, apresentadas no projeto de pesquisa submetido no Exame Geral de Qualificação, podem ser ressaltadas:

- Conversas informais com moradores, turistas e trabalhadores – residentes e não residentes da cidade – durante o período de 27 de dezembro de 2019 e dois de janeiro de 2020, seguidas de registros em diário de pesquisa;
- No mesmo período, ocorreu a produção de fotografias que retratam diversos lugares da cidade, pontos turísticos e locais do interior, com posterior reflexão em diário de campo;
- Busca de material jornalístico sobre Torres, em sites e blogs de notícia e destinados à prática turística, ainda no início da pesquisa, como forma de ambientação com o campo empírico da pesquisa;
- Resgate de memórias de infância da pesquisadora, em conversas com a mãe que, entre as décadas de 1990 e 2000, foi camareira em um hotel próximo à Praia Grande, e;

- Entrevistas abertas com moradores de Torres, no final de fevereiro de 2020, no formato de rodas de conversa, tendo como pontos principais: história de vida; relação com o lugar onde mora; como o sujeito vê a cidade e como ele se vê nela; a visão do sujeito sobre Turismo e a presença do Turismo na cidade.

As aproximações investigativas, empreendidas na fase preliminar da pesquisa, apontaram sinalizadores de como as ações investigativas poderiam ser desenvolvidas. Além dessas aproximações, as contribuições da banca de qualificação também orientaram as ações investigativas desenvolvidas na pesquisa.

Considerando que o cronograma programado para o desenvolvimento da dissertação previa, para o segundo momento de interação com o campo, entrevistas em profundidade com moradores de Torres/RS, a produção de narrativas e posterior reflexão para discutir sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo no município, tais aproximações investigativas, citadas acima, contribuíram para o planejamento das questões que orientaram as ‘com-versações’ com os moradores – recordando o objetivo geral: *propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores.*

Destaca-se, nesse sentido, que o procedimento originalmente escolhido para a aproximação com os dados foi a entrevista semiestruturada, com orientação para a prática da ‘com-versação’, orientanda, aqui, no caso, por pressupostos da *Ontologia del Conversar*, de Humberto Maturana (1988). A combinação entre a lógica da entrevista semiestruturada com a conversa ajuda a abordagem, considerando a espontaneidade inerente à prática da conversa, visando posterior sistematização dos dados, para descrição, reflexão e ‘com-versação’.

Maturana (1988) define *conversar* como um fluir entrelaçado de falar-emocionar. Em linhas gerais, o autor entende o fenômeno como acoplamento de organismos-nicho, em que há o compartilhamento de fluxos informacionais que acionam alterações constantes e mútuas, tanto nos organismos nichos quanto nos ecossistemas em que os encontros acontecem. Maturana (1988) destaca, ainda, que faz parte da experiência humana o acionamento constante às alterações. Para ao autor, nesse sentido, conversar faz parte do conjunto de coerências operacionais do viver.

Em associação aos estudos esquizoanalíticos, de Deleuze e Guattari principalmente, esse acoplamento é complexo, ocorrendo na aproximação e transversalização de campos de universos subjetivos, de elementos materiais e imateriais, corporais e incorporais, na lógica do conceito de trama comunicacional, Comunicação-Trama, proposta por Baptista (1996).

Ressalta-se que o diálogo com o universo do conhecimento da Comunicação está presente também nesse momento, pois a lógica de conversa, compreendida na dissertação, também faz parte do cotidiano jornalístico. Autores como Medina (2006, 2014), Sodré (1986) e Lima (2009, 2014), contribuem com a trilha teórico-conceitual da abordagem. Em aspectos gerais, essa combinação de autores propõe que a prática jornalística seja sensível, humanizada, reconhecendo singularidades dos sujeitos e seus contextos. Essa orientação estende-se também para a entrevista, tratando-a para além da técnica. Assim, a entrevista é desenvolvida como uma conversa, um diálogo entre pesquisadora e sujeitos envolvidos com o universo pesquisado. Trata-se, sobretudo, de um encontro entre sujeitos, entre universos marcados por saberes e fazeres singulares, organismos-nicho. Destaca-se que esse entendimento acompanha a visão epistemológica do grupo de pesquisa, tanto em relação à Comunicação quanto em relação à Ciência e suas práticas. Isso significa dizer que pensamos entrevista e conversa, com essa visão ampliada, sensível e processual, para práticas ligadas também à investigação e à produção da Ciência.

Compreendendo a complexidade como uma característica inerente ao ecossistema e, conseqüentemente, ao conversar, o recurso semiestrutural mostra-se interessante na produção de um fazer [‘com-versação’], nesse caso, científico, que corresponda à intencionalidade da investigação, orientada pelo objeto de pesquisa. Dessa forma, na presente dissertação, associou-se o recurso metodológico da semiestruturação, como auxílio tanto para orientação durante a ‘com-versação’ quanto para posterior sistematização dos dados, para descrição, reflexão e discussão. Trata-se de produzir a investigação, orientando-se para lógica recursiva e reflexiva, proposta por Humberto Maturana, com a espontaneidade da conversa garantida, mas transversalizada pela recorrente reflexão. Isso é o que possibilitou trabalhar com feixes transversais temáticos que semiestruturam a experiência da ‘com-versação’. Há sintonia, portanto, com a proposição de Edgar Morin (2001), de recursão organizacional, que se mostra na efetivação da ‘com-versação’, em sua condição espontânea marcada por dimensões de caoticidade.

Flick (2004) destaca que a pesquisa social se interessa pela entrevista semiestruturada, por sua característica aberta, “[...] vinculado à perspectiva de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto [...]” (FLICK, 2004, p. 90).

Assim, trabalhou-se com a lógica de entrevista semiestruturada, no estabelecimento de um roteiro de ‘com-versação’, em alinhamento com as definições epistemológico-teóricas. O roteiro que orientou a ‘com-versação’ com os moradores de Torres/RS foi parcialmente

estruturado, considerando o objetivo geral da pesquisa: propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores. Dessa forma, o roteiro que orientou as ‘com-versações’ foi alterado para acompanhar as vivências de cada sujeito, compreendendo a flexibilização como correspondência ao critério de *orientação do objeto*. Isso está relacionado ao fato de que “[...] os métodos sejam desenvolvidos ou modificados com o respeito a um objeto de pesquisa” (FLICK, 2004, p. 100).

A estrutura do roteiro continha seis questões, organizadas para abordar o tema da pesquisa de modo abrangente, num primeiro momento, e, posteriormente, aprofundar a discussão a respeito da vivência do morador com a dimensão turística do município. Estão apresentadas, abaixo, as questões principais do roteiro de ‘com-versações’:

- História de vida e relação com o município – é natural de Torres/RS, residiu sempre no mesmo local?
- Você gosta de Torres/RS? Por quê?
- Para você, o que é Turismo?
- O que é Turismo em Torres/RS?
- O que é Torres/RS para além do Turismo?
- Como você acha que a Pandemia Covid-19 vai afetar o Turismo no município?

Ainda em termos metodológicos, de desenvolvimento da ‘com-versação’ orientada pelo roteiro semiestruturado, destaca-se que, conforme os entrevistados apresentavam elementos interessantes para a investigação, o roteiro de perguntas era modificado, abrindo espaço para que o sujeito contasse mais sobre determinado fato ou desenvolvesse mais sua opinião sobre um assunto específico. Trata-se, neste caso, do que Maturana e D’Ávila (2015) chamam de ‘deixar aparecer’, na prática da conversa, o que também é um dos movimentos de reconhecimento do outro, como legítimo outro na convivência, ‘o amar’ (MATURANA, 1998). Dessa forma, portanto, o momento de interação com os moradores de Torres/RS, na presente dissertação, é tratado, no acontecimento, como ‘com-versações’.

Embora Medina (1990) trate a entrevista como um diálogo possível, aspectos destacados por ela contribuem para a escolha de *conversar* com os moradores em vez de entrevistá-los. Partindo dos aspectos apresentados acima, sob a perspectiva da *Ontologia del Conversar* de Maturana (1988) e da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (1995), compreende-se que o *diálogo* não abrange a potencialidade desse acontecimento de interação. Todavia, Medina (1990) contribui com a reflexão ao propor como diálogo possível o acontecimento que

se efetiva e que isso é possível quando os envolvidos na cena – na ‘com-versação’ – se modificam, sentem-se alterados, tocado nos afetos, o que ultrapassa o limite da técnica de entrevista. Essa aproximação que transversaliza os organismos nichos e aciona alterações torna-se possível por meio da ‘com-versação’. A autora fala, ainda, que a entrevista pode promover interação social, pluralizar vozes e democratizar a distribuição de informações, tendo como objetivo, em qualquer contexto nas Ciências Sociais e Humanas, ser o caminho para o inter-relacionamento humano.

Tratando de seu desenvolvimento, Medina (1990) comenta que as fronteiras entre a conversa jornalística e a abordagem empregada na pesquisa científica são porosas, sendo difícil diferenciar uma da outra. Destaca-se que a autora propõe diferenças com a intenção de promover uma reflexão crítica às práticas jornalística e científica, do período em que escreveu a referência aqui citada, cuja a primeira edição é de 1986. De toda forma, o momento da conversa deve ser encarado com um momento de interação social e, nesse sentido, a autora aponta aspectos interessantes sobre o comportamento do entrevistador, dos quais destaca-se o fato de que “O entrevistador tem de encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível” (MEDINA, 1990, p. 29). Assim o entrevistador precisa estar atento ao que é dito pelo não-dito, ao que está nas entrelinhas da cena. Afinal, “Nunca é demais salientar que o diálogo se dá sobretudo no nível da sensibilidade” (MEDINA, 1990, p. 30-31).

Embora a autora apresente suas ideias, referindo-se ao momento como ‘entrevista’, ainda assim, aproximar-se de sua fala ajuda a sustentar a ideia de vivenciar o momento de interação com os moradores de Torres/RS como ‘conversa’ – proposta por Medina (1990) como diálogo. Essa maneira de vivenciar a interação é importante para compreender, também, as respostas dos moradores, apresentadas na reflexão. Afinal, a proposta de ‘com-versar’ com os sujeitos marca os resultados da investigação, ressaltando características singulares que só foram percebidas por conta do formato escolhido para desenvolver a interação com o objeto empírico (MATURANA, 1988). Neste sentido, fica claro que a pesquisa também decorre de projeto mais amplo do Amorcomtur intitulada: *‘Com-versar’ Amorcomtur - Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia* (BAPTISTA, 2018-Atual).

Por fim, destaca-se que o momento de passagem, da entrevista para a conversa, é uma marca já discutida em outros textos, pela jornalista que desenvolve a pesquisa. A mestranda desenvolveu, no período da graduação e iniciação científica, pesquisas que refletiram a prática

jornalística e a postura do jornalista, na relação com a realidade. Em busca de sinalizadores para o Jornalismo Amoroso, a monografia intitulada '*NARRATIVAS ARTESÃS: SINALIZADORES PARA O JORNALISMO AMOROSO. Aproximação com a Tribo Urbana de Artesãos de Rua em Caxias do Sul, RS*' (EME, 2016) apresentou, como principal contribuição, a importância de estabelecer conversas que apresentem o sujeito, reconhecendo-o como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1998). A pesquisa realizada na graduação já deixou sinalizada, a “[...] importância do outro na narrativa jornalística, não como fonte, mas como protagonista de sua própria história” (EME, 2016, p. 80).

Entrelaçando a contribuição com a presente pesquisa, acredita-se que assim também deve acontecer com as narrativas sobre o lugar turístico: é preciso reconhecê-lo em suas singularidades, respeitando-o como legítimo, na convivência. Nesse sentido, propor '*com-versações*' com os moradores de Torres/RS apresentou-se como forma de promover o protagonismo desses sujeitos na narrativa sobre o município que, para eles, acontece na 'onda' do Turismo e também no seu 'repuxo'.

Vale ressaltar que a realização das '*com-versações*' precisou ser adaptada às condições existentes, no momento da efetivação as ações investigativas, previstas na Cartografia de Saberes, na trilha Usina de Produção. No final de dezembro de 2019, teve-se conhecimento dos primeiros casos de pneumonia, causada por um novo tipo de coronavírus ainda não identificado nem visto em seres humanos. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS), definiu os surtos, causados pelo vírus Sars-CoV-2 em diversos países, como pandemia. Assim como em casos anteriores, de elevação do nível de um contágio viral, recomendações relacionadas com o cuidado sanitário se fizeram presentes rapidamente. A diferença, dessa vez, esteve relacionada à capacidade de avanço da doença, causando crises nos sistemas de saúde, visto que a curva de contaminação cresceu constantemente. O Brasil teve seu primeiro caso registrado em 25 de fevereiro de 2020 (OPAS, 2020).

Para conter o avanço do novo coronavírus, recomendou-se, além dos cuidados sanitários, o distanciamento/isolamento social ou quarentena, medida adotada em diversos países. Desde então, um ano depois do anúncio feito pela OMS, o cenário pandêmico permanece, com poucas flexibilizações, diversas recomendações higiênicas e sanitárias para tentar conter o rápido avanço da doença, ao mesmo tempo em que se tenta viver, adaptando-se às profundas transformações da realidade.

A partir desse cenário, o desafio, para esta pesquisa, foi pensar e planejar as '*com-versações*' com os moradores de forma remota, respeitando as orientações da OMS. O deslocamento da pesquisadora entre Caxias do Sul e Torres – ambas cidades localizadas no

estado do Rio Grande do Sul – implicaria em um alto risco de exposição ao vírus, além do risco de transmissão, no encontro com os sujeitos envolvidos na pesquisa. Destaca-se que o cuidado com esse movimento e a opção por não fazê-lo são fatores que estão alinhados ao pensamento de Responsabilidade Ecológica, discutido e sustentado pelo Amorcomtur!, em que a preocupação e a compreensão de responsabilidade acolhe, envolve o todo, que é complexo e forma uma trama, onde todos os fios são importantes para a (sobre)vivência dos demais. Escolher movimentar-se até Torres e encontrar com os moradores, mesmo seguindo as orientações higiênicas e sanitárias, não seria coerente com a orientação científica, e de vida, que transpassa as pesquisas do grupo.

Com isso, a escolha foi realizar as ‘com-versações’ de forma remota, utilizando a ferramenta *Google Meet*, com a conta de usuário disponibilizada pela UCS, possibilitando a gravação e arquivamento do encontro virtual. Ressalta-se que todas as gravações tiveram consentimento dos sujeitos, registradas com a declaração do morador, no arquivo de gravação.

A opção foi comunicada aos professores avaliadores durante a banca de qualificação do projeto de pesquisa, evento que já aconteceu de forma remota, em função das limitações exigidas pelo momento. Inclusive, também por conta da Pandemia Covid-19, decidiu-se incluir no roteiro de ‘com-versação’ uma questão sobre o assunto: ‘*Como você acha que a Pandemia Covid-19 vai afetar o Turismo no município?*’. Apesar da discussão não estar no foco do objeto de estudo e objetivo geral, entende-se que o evento Pandemia tem caráter sistêmico, transversalizando as ocorrências múltiplas do mundo de vida, com fortes implicações nos acontecimentos turísticos e nas relações entre sujeitos e lugares.

Retomando as aproximações investigativas, citadas anteriormente, destaca-se que elas contribuíram, também, para a definição do grupo de sujeitos envolvidos na pesquisa. Com as idas ao município, ainda no período do projeto, e a consulta ao Mapa Turístico de Torres (que pode ser consultado no capítulo destinado ao município), definiu-se o principal critério para a escolha dos sujeitos envolvidos na pesquisa: o local de residência. Buscando o lugar do ‘Repuxo’ do Turismo, em Torres/RS, entendeu-se que as ‘com-versações’ precisavam ser com moradores que residem ou têm uma relação consolidada com espaços do município que não constituem o Mapa Turístico de Torres.

Tratou-se, assim, de estabelecer um recorte para o desenvolvimento da dissertação. Reconhece-se os saberes de sujeitos que têm sua experiência pautada pela relação direta com lugares turísticos da cidade; porém, entendeu-se que as ‘com-versações’ com moradores de localidades distantes dessa realidade, em algum nível, seriam mais interessantes, em relação

aos objetivos específicos e, conseqüentemente, em relação ao objetivo geral da presente pesquisa.

Estabelecido o recorte geográfico para a escolha dos sujeitos envolvidos na pesquisa, realizou-se contato com moradores que participaram dos momentos de aproximações investigativas, fazendo-os o convite para as ‘com-versações’, esses primeiros sujeitos indicaram os demais moradores participantes da pesquisa. Destaca-se que, num primeiro momento, não se estabeleceu a quantidade limite de ‘com-versações’, compreendendo que o conteúdo seria o mais importante para responder os objetivos da pesquisa. Portanto, do contato com os sujeitos das aproximações investigativas, produziu-se a trama de moradores envolvidos nas ‘com-versações’. Gênero, idade, escolaridade, profissão e classe social não foram critérios considerados para a escolha/exclusão dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Da trama de relações estabelecida com os primeiros moradores, foram realizadas 10 (dez) ‘com-versações’, divididas entre moradores das seguintes localidades: Vila São João, Praia Estrela do Mar, Campo Bonito, Faxinal, Itapeva e Curtume. Além dessas, outras localidades aparecem nas narrativas dos moradores, podem ser consideradas lugares de ‘Repuxo’ do Turismo e interessantes contribuições para a dissertação. São elas: São Jorge, São Braz, Salinas, Praia Paraíso, Glória e Jacaré. Ressalta-se ainda que, dentre os moradores que participaram, três deles residiam no bairro Praia da Cal, uma das praias pertencentes ao roteiro turístico da cidade; entretanto, as vivências desses moradores em outras localidades do município – como o bairro São Jorge e Curtume – correspondentes ao espaço de ‘repuxo’, mostraram-se importantes para a discussão proposta. Além disso, a experiência como moradores da Praia da Cal em períodos diferentes da história do lugar é interessante para a proposta da pesquisa.

A Figura 2 mostra a localização, no município, dos bairros citados nas narrativas dos moradores.

Figura 2 – Localidades das narrativas dos moradores



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagem capturada do Site *Google Maps* (2021).

Concluindo a Cartografia de Saberes, Baptista fala da Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Essa trilha dimensiona que o conhecimento não é produzido somente em nível consciente, “[...] nas instâncias do pensamento racional. Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]” (BAPTISTA, 2014, p. 352). Assim, é possível que a solução para o problema de pesquisa surja de um momento de ‘não pesquisa’, onde o pesquisador conecta-se com níveis abstratos, inconscientes, despertando aspectos teóricos e de análise do objeto antes não notados pelo pesquisador.

Por conta da alteração necessária (causada pelo cenário pandêmico, conforme já mencionado) na produção das ‘com-versações’, com os moradores de Torres/RS, destaca-se a Dimensão Intuitiva da Pesquisa como um elemento importante, que ajudou a perceber informações contidas nas sutilezas das narrativas, o que foi dito sem necessariamente ser falado pelo sujeito. Compreende-se que o encontro presencial, físico, faz brotar um ambiente transpassado por fluxos informativos abstratos, além das materialidades que conversam. Isso acontece, também, em alguma proporção, no encontro com a mediação tecnológica; porém,

justamente pela necessidade de mediação, o acesso a esses fluxos informativos, de energia, pode ser mais desafiador. Portanto, promover a investigação, sendo um sujeito que investiga compreendendo a dimensão material, mas não só, fez-se essencial para vivenciar o momento das ‘com-versações’ com os moradores de Torres/RS.

Destaca-se que a Cartografia de Saberes, no contexto de descrição do caminho metodológico da pesquisa, corresponde a uma proposta de sensibilização do pesquisador para a interação com campo – e com o universo da pesquisa. Nesse sentido, a estratégia metodológica orienta as aproximações e ações investigativas, a coleta e primeira organização de informações. Nesse sentido, a Cartografia de Saberes oferece orientações para a sistematização dos dados compartilhados pelo campo de estudo.

Sobre a sistematização dos dados, para descrição, reflexão e discussão de informações (nesse caso, as narrativas dos moradores), destaca-se a proposição metodológica matrizes rizomáticas (BAPTISTA, 2020b). Assim como a Cartografia de Saberes, essa proposição alinha-se ao cenário de mutação da Ciência, de compreensão holística e complexa da realidade – e da pesquisa. Parte-se, portanto, da mesma orientação epistemológica apresentada no início do presente capítulo, da qual decorre a estratégia de sistematização, que orienta a reflexão e a discussão.

A produção das matrizes rizomáticas promove, também, o compartilhamento sobre as percepções de padrões que mostram as interconexões do sistema da pesquisa (BAPTISTA, 2020b). A característica rizomática sinaliza para a irregularidade dos caminhos da pesquisa, contraponto à linearidade e padronização no olhar sobre o cotidiano, os estudos científicos. É preciso considerar que a pesquisa se expande para todos os lados, mudando de direção e transversalizando outros caminhos. O pesquisador, no entanto, no caso a pesquisadora, dedica-se a atentamente observar as inflexões sinalizadas por ‘pontos de passagem e confluência’, nós rizomáticos sinalizadores de rumos da pesquisa. Segundo Baptista (2020b), o que aparentemente é aleatório e caótico, na verdade informa sobre inflexões e direcionalidades, para o cientista sensível, atento, dedicado e com acurácia na produção. Nesse sentido, as matrizes rizomáticas orientam a descrição, a reflexão e discussão das informações compartilhadas pelo campo, na busca constante de vislumbres de sinalizadores de devires e verificação de equilíbrio fluente da narrativa, das trilhas teóricas, das aproximações e ações investigativas, da descrição e da análise das informações, em função dos objetivos específicos (BAPTISTA, 2020b).

Quadro 1 – Matrizes Rizomáticas da dissertação

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	TRILHAS TEÓRICO-CONCEITUAIS	APROXIMAÇÕES E AÇÕES INVESTIGATIVAS	CAPÍTULOS DA DISSERTAÇÃO
Propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores				1 INTRODUÇÃO: PRIMEIROS REPUXOS
		Ciência Pesquisa Qualitativa Cartografia de Saberes		2 (DES)CAMINHOS INVESTIGATIVOS ENTRE A ONDA E O REPUXO
	Apresentar a proposta ‘Repuxo’ do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos	‘Repuxo’ do Turismo Resgate Histórico sobre Turismo Turismo-Trama-Eossistêmica	<u>Aproximações:</u> leitura e fichamento de textos com posterior ‘com-versações’ nas reuniões com a orientadora e nos Encontros Caóticos do Amorcomtur!. <u>Ações:</u> produção de texto dissertativo sobre as temáticas.	3 ‘REPUXO’ DO TURISMO
	Cartografar Torres/RS em sua dimensão ecossistêmica		<u>Aproximações:</u> leitura e fichamento de textos com posterior ‘com-versações’ nas reuniões com a orientadora e nos Encontros Caóticos do Amorcomtur!. Análise de dados, documentos e informações disponibilizadas por órgãos públicos sobre Torres. <u>Ações:</u> revisitação, observação sistêmica, produção de mapas e de diário de pesquisa, resgate de lembranças e produção de texto dissertativo.	4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS
	Produzir narrativas sobre Torres/RS, construídas artesanalmente, das ‘com-versações’ com moradores		<u>Aproximações:</u> leitura e fichamento de textos com posterior discussão nas reuniões com a orientadora e nos Encontros Caóticos do Amorcomtur!. Conversas informais com moradores e turistas, e produção de fotografias sobre o lugar. <u>Ações:</u> realização de ‘com-versações’ com moradores da cidade. Produção das narrativas, a partir das ‘com-versações’.	5 NARRATIVAS E ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES DE TORRES/RS
	Apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas		<u>Ações:</u> Sistematização dos dados coletados, descrição, produção de texto dissertativo, apresentando ‘com-versações’ entre dados de campo e referencial teórico.	6 ‘QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?’
				7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO

As matrizes rizomáticas da presente dissertação (apresentadas no Quadro 1) foram produzidas durante o desenvolvimento da pesquisa, reconhecendo sua característica mutante, acompanhando o cotidiano contemporâneo-complexo. De toda forma, a pesquisa foi desenvolvida com orientação das matrizes rizomáticas, buscando manter o equilíbrio fluente entre os aspectos epistemológicos-teóricos-metodológicos da pesquisa.

Com isso, as ações investigativas, o roteiro de ‘com-versação’ e a reflexão das narrativas foram orientadas pelas matrizes, na busca de manter o alinhamento com os objetivos específicos, para então responder à questão “em Torres/RS, quem não vive do mar, vive de quê?”, sendo que no fundo desta questão está a discussão sobre o contraponto entre a ‘onda e o repuxo’ do Turismo.

Ainda sobre os aspectos metodológicos da presente pesquisa, apresenta-se no item seguinte os pressupostos epistemológico-conceituais que orientaram a produção das narrativas dos moradores, decorrentes das ‘com-versações’. Trata-se da compreensão de Narrativas Artesãs, proposta pela pesquisadora desde os estudos na iniciação científica.

2.2 NARRATIVAS ARTESÃS

A proposição epistemológico-conceitual Narrativas Artesãs é brotação de estudos desenvolvidos desde o período da Graduação em Jornalismo, na pesquisa com os artesãos de Caxias do Sul, intitulada “*Narrativas Artesãs: Sinalizadores Para O Jornalismo Amoroso. Aproximação com a Tribo Urbana de Artesãos de Rua em Caxias do Sul, RS*”, defendida em 2016⁹.

A pesquisa apresentada como monografia para conclusão da graduação em Comunicação Social sinalizou a importância de reconhecer o entrelaçamento entre as narrativas e o artesanato, bem como evidenciou a necessidade de (re)pensar as práticas jornalísticas, a produção de narrativas sobre o cotidiano e suas singularidades – transversalizado pela complexidade. Dessa forma, a proposição epistemológico-conceitual Narrativas Artesãs parte do pressuposto de “[...] que o texto tem seu tempo de derrame, assim como um artesanato tem seu tempo de produção, é necessário respeitar esse tempo” (EME, 2016, p. 80).

A compreensão de narrativas, aqui apresentada, envolve o entrelaçamento de autores e conceitos, que se tangenciam, ao apresentarem propostas que possibilitam repensar a prática

⁹ Destaca-se como avanço na produção da ideia e como entrelaçamento com o universo de conhecimento do Turismo, o texto *Jornalismo Literário Avançado e Narrativas Artesãs: sinalizadores para a pesquisa em Turismo* (EME; BAPTISTA, 2021), publicado na Revista Observatório.

comunicacional, tornando-a mais sensível, afetivada e afetivadora. Essa compreensão dá sustentação para a produção e análise das narrativas dos moradores, reconhecendo-os a partir do viés da ‘ética da relação’ da Amorosidade (MATURANA, 1998).

Nesse sentido, acredita-se que as narrativas contribuem para a religação de saberes, acionando expressões que mostrem Torres/RS em sua integralidade, promovendo a conversação entre sujeitos e lugar, entre lugar ‘onda’ e lugar ‘repuxo’. A importância de tratar as narrativas, sob o viés da Amorosidade, expressa o reconhecimento de aspectos sensíveis e éticos das histórias, que se entrelaçam com o desenvolvimento do município, inclusive em sua dimensão turística.

Além disso, a proposição epistemológico-conceitual Narrativas Artesãs orienta a prática de pesquisa. Compreendendo o processo de produção de conhecimento como uma viagem investigativa, a narrativa é a dimensão que conta essa viagem, para além de ser objeto de análise. Portanto, a produção comunicacional da investigação acontece a partir do reconhecimento da importância de considerar a trama (ecossistêmica, complexa) como transversalização dessa narrativa, bem como a possibilidade de uma produção mais sensível. Assim, a ideia marca a produção da presente pesquisa, bem como as outras realizadas antes desta.

Dessa forma, o presente capítulo tem como objetivo apresentar a proposição epistemológica, sua trama teórica e autores. Destaca-se que a estrutura da seção é composta por duas dimensões: a dimensão narrativa e a dimensão Artesania.

2.2.1 Dimensão Narrativa

A presente seção é destinada à apresentação das bases teóricas da dimensão narrativa, em que se destacam as ideias de Comunicação-Trama e Jornalismo Literário Avançado, principalmente. Vale ressaltar também que o entrelaçamento da pesquisadora com o universo do conhecimento da Comunicação fortalece as bases teóricas, fomentando as leituras e autores que convergem, no sentido da compreensão da produção de narrativas mais sensíveis, que sejam afetivadoras de sujeitos.

Sobre esse aspecto, é interessante destacar autores como Sodré (1986), Medina (2006, 2014) e Marcondes Filho (2008). A dimensão narrativa é compreendida como um processo, em que a sequência de cenas de realidade precisa ser pensada, produzida e estudada, considerando a complexidade, a lógica rizomática e dissipativa, e a trama subjetiva presente no ecossistema da narrativa. Destaca-se que essa consideração parte da visão epistemológica de Comunicação

como relação, como acontecimento, como processo, como trama-ecossistêmica. Para Marcondes Filho (2008), Comunicação não existe sem o outro. Como fenômeno, só se efetiva quando há transformação nos envolvidos, quando os sujeitos se sentem alterados, motivados a repensar questões e padrões de pensamento/comportamento. “Pensava-se que a comunicação era uma coisa, um objeto. [...] Comunicação, ao contrário, é tornar comum, é fazer com que uma coisa seja a mesma num lado e no outro” (MARCONDES FILHO, 2008, p. 15-16).

Nesse sentido, Sodré (1986) destaca a importância do afeto na Comunica o. Para ele, o afeto   um elemento formativo do sujeito;   por meio dele que o sujeito processa os acontecimentos e rela es que vivencia no cotidiano. Sodré (1986, p. 11) destaca, ainda, que narrativa “[...]   todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado”. A narrativa, então, precisa ser pensada, concebida, partindo da responsabilidade de contar esse real, em suas múltiplas dimensões.

Alinhada ao pensamento de Sodré, Medina (2006, p. 67) afirma:

Uma defini o simples de narrativa   aquela que a compreender como uma das respostas humanas diante do caos. Dotado da capacidade de produzir sentidos, ao narrar o mundo, o sapiens organiza o caos em um cosmos. O que se diz da realidade constitui uma outra realidade, a simbólica. Sem essa produ o cultural – a narrativa – o humano não se expressa, não se afirma perante a desorganiza o e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar   uma necessidade vital.

Ainda sobre as contribui es de Medina, destaca-se que a autora pauta suas orienta es para uma prática de narrativa sensível, que reconheça a complexidade e a diversidade dos personagens cotidianos que constroem a realidade. Entre as reflexões acerca da prática comunicacional, a autora considera a necessidade de uma mudança para além das ferramentas – tecnologias – empreendidas na constru o da narrativa contemporânea.   preciso refletir, na Comunica o, sobre “Como chegar ao Outro – aquele com quem o autor dialogou – e Outros que vão ler sua narrativa [...]” (MEDINA, 2014, p. 17), considerando a rede complexa da Contemporaneidade por meio da cumplicidade, em sentido amplo, construindo, assim, uma narrativa coletiva.

Destaca-se, dessa forma, a marca da dimensão trama contida na compreensão da proposi o Narrativas Artesãs. Conforme apresentado no início da presente se o, a ideia de Comunica o-Trama, proposta de Baptista (2000, 2019)   uma das bases teóricas da proposi o e propõe o entendimento do processo comunicacional como um entrelaçamento de elementos materiais e imateriais, na intera o de sujeitos. Nesse sentido,

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não medida por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido. (BAPTISTA, 2000, p. 101).

Desse lugar de compreensão do qual parte a Comunicação-Trama, é possível pensar e aprofundar a relação entre os sujeitos e os processos comunicacionais que fazem parte de seu contexto. Dizer que a comunicação acontece, também, em níveis sutis, permite dar espaço para o sensível, para o estabelecimento de relações que toquem os afetos, no sentido de promover reflexões, nos sujeitos envolvidos, pela motivação do que é importante, pelo que os afeta, conforme já destacado pelos autores citados anteriormente.

Acredita-se que a compreensão de Comunicação-Trama é importante também para os estudos em Turismo e Hospitalidade, pois a dimensão trama tem sido transposta pela autora e demais pesquisadores do Amorcomtur!, visto que o Turismo é considerado como fenômeno Trama e pelo seu caráter Ecosistêmico. O entrelaçamento entre Turismo e Comunicação pode ser percebido como um conversar entre lugares e sujeitos, como propõe Baptista no projeto *‘Com-versar’ Amorcomtur! – Lugares e Sujeitos! Narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processos de desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia (2020-2022)*.

Nesse sentido, acredita-se na potência de promover narrativas que contam o lugar, a partir da sua ‘alma’ (YÁZIGY, 2001) – ou do ‘repuxo’, como é o caso da presente pesquisa – e que os sujeitos, personagens comuns do lugar, se reconheçam, reconhecendo suas marcas na história do espaço onde vivem. “Trata-se, então, de pensar as narrativas, como registros da intensidade experiencial vivida” (BAPTISTA, 2019, p. 65).

A intenção da narrativa, escrita a partir da compreensão de Comunicação-Trama, é provocar os afetos, promover alterações no sujeito motivadas pelo que é importante. Ao relacionar este fato com os destinos turísticos, as narrativas podem ser produzidas com atitudes éticas, “[...] que convida quem narra a se ver em relação ao destino turístico, ao mesmo tempo em que procura aberturas de sensibilidade para compreender e respeitar o ecossistema do lugar” (BAPTISTA, 2019, p. 69).

A outra contribuição para a dimensão narrativa é a ideia Jornalismo Literário Avançado (JLA). A proposta é apresentada por Lima (2009, 2014), como ampliação ao conceito de Jornalismo Literário, em que a narrativa cotidiana apresentada pelo jornalismo se entrelaça com técnicas da escrita literária, com transversalizações da poética desse gênero de escrita. Para

Lima (2009, 2014), no entanto, é preciso ir além nessa relação e considerar a narrativa a partir de outras linguagens.

O JLA avança na compreensão da relação jornalismo-literatura, abrindo o campo narrativo cotidiano para outras técnicas, não só de escrita: arte, dança, música, fotografia, pintura, artesanato, etc. A diversidade de elementos ‘inscriacionados’¹⁰ pelo jornalismo é considerável e propõe, a partir disso, uma ruptura com a prática jornalística moderna.

Num primeiro movimento, o jornalismo bebe na fonte da literatura. Num segundo, é esta que descobre, no jornalismo, fonte para reciclar sua prática, enriquecendo-a com uma variante bifurcada em duas possibilidades: a de representação do real efetivo, uma espécie de reportagem – com sabor literário – dos episódios sociais, e a incorporação do estilo de expressão escrita que vai aos poucos diferenciando o jornalismo, com suas marcas distintas de precisão, clareza, simplicidade. (LIMA, 2009, p. 178).

Assim como a ideia de Comunicação-Trama, a narrativa do JLA pode ser um instrumento de exercício da amorosidade: o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1998). Assim, entrar em contato com histórias em que o protagonista é o sujeito comum, seus sentimentos e suas aflições, apresenta ao leitor a possibilidade de se identificar com aquele outro, de compreender melhor a sua história e a sua condição de diferente – do eu, no caso. Isso também contribui com uma aproximação da realidade que reconheça sua marca complexa, transversalizada e múltipla.

Destaca-se que, mesmo com a relação direta à comunicação jornalística, as premissas do JLA (bem como da Comunicação-Trama) contribuem para a narrativa científica, na proposta de aproximação com o campo de estudo, na relação com o objeto, na interação com os moradores de Torres/RS, no caso da presente dissertação. A ideia de integrar diversas técnicas para narrar o ecossistema da investigação faz com que o pesquisador aguace sua sensibilidade, ouvindo o ‘mar’ da pesquisa e também o seu ‘repuxo’. Para alcançar essa profundidade e tratar a realidade em sua complexidade, na narrativa – segundo o JLA –, o autor precisa mergulhar na cena, no real, abastecer-se de técnicas diversas para contar a história à sociedade, mas, antes disso, é preciso relacionar-se com proximidade da realidade.

Outra consideração feita por Lima (2014, p. 19) é de que “O JLA evita o julgamento fácil e barato, passa ao largo de querer explicar as coisas, ou de apresentar pseudo verdades sobre o mundo. Simplesmente mostra a realidade sob uma ótica a mais ampla e integrada

¹⁰ O termo está sendo utilizado aqui, no sentido proposto por Baptista (2000), quando se refere ao processo de escrita, como inscrição, criação e acionamento de novos mundos. Desde então, a autora vem propondo a transposição da ideia, para outros processos de escrita, não só verbal, mas de produção de narrativas de diversas matérias de expressão.

possível, costura com honestidade sua busca de compreensão”. Com isso, o JLA “[...] integra, em síntese, contribuições de distintos campos de conhecimento, alavancando um novo conjunto de paradigmas para a compreensão do real” (LIMA, 2009, p. 439). Verifica-se, aqui, portanto, o alinhamento com a perspectiva transdisciplinar, característica da perspectiva epistemológico-teórica deste estudo.

Por fim, ressalta-se que as ideias Jornalismo Literário Avançado (LIMA, 2009, 2014) e Comunicação-Trama (BAPTISTA, 2014, 2019), além das visões epistemológicas de Sodré (1986), Medina (2006, 2014) e Marcondes Filho (2008) convergem para a reflexão sobre o desenvolvimento da prática narrativa, jornalística, comunicacional atrelada aos princípios capital sticos de produ o que, nesse conjunto de saberes-fazer, se expressa na massifica o da informa o, padroniza o do texto, objetifica o dos sujeitos, sejam os profissionais ou os personagens das histórias cotidianas. Nesse sentido, destaca-se a outra dimensão contida na proposta Narrativas Artesãs: a Artesania, desdobrada na próxima se o.

2.2.2 Dimensão Artesania

A ideia Artesania está relacionada ao processo de produ o de conhecimento e, também, de narrativas (e práticas turísticas), pressupondo uma dimensão epistemológica que se opõe   lógica mecanizada, industrial, capitalista. Isso significa que Artesania corresponde, nesse sentido,   proposta na mudança de compreensão sobre o fazer, atrelando a essa perspectiva o artesanal (fazer artesanal). Essa perspectiva   marcada por um modo de produ o com algumas singularidades, vinculadas   ideia de uma produ o cuidadosa e personalizada, com aproveitamento de recursos existentes, com vínculo estreito entre produtores e consumidores, sem vínculo estreito com as tecnologias de produ o.

Entende-se, portanto, que a prática de qualquer universo de conhecimento deve compreender características que marcam o fazer artesanal, como o cuidado, a rela o entre sujeito artesão e sujeito objeto, a valoriza o da matéria-prima e do tempo empregado na prática. Essas marcas fazem com que o produto resultante disso tenha, em si, a complexidade do cotidiano em que foi desenvolvido, bem como um pouco de quem participou da produ o.

Vale dizer, esses são aspectos que contrariam a lógica da produ o em série, impessoalizada, a partir de processos mecanizados, com forte presença de aparato maquin ico e/ou tecnológico, que caracteriza o sistema de produ o p s-Revolu o Industrial.

Esse sistema de produ o maquinizado em série decorre das transforma es que se tornaram possíveis, a partir da chamada Revolu o Científica, que ocorreu no final do século

XVI e início do século XVII. O avanço do conhecimento possibilitou descobertas de novas tecnologias, que, por sua vez, viabilizaram o desenvolvimento do grande aparato técnico, para a produção em grande quantidade, com a mecanização dos processos. A Revolução Industrial iniciou no final do século XVIII, na Inglaterra, consolidou-se no século XIX, na Europa, e teve a grande expansão no século XX, pelo mundo todo. Na segunda metade deste século, a grandiosa complexidade de malha urbana espalhada pelo planeta se associava a uma também complexa rede de composições sofisticadas das relações de troca, facilitada pelo amplo desenvolvimento dos transportes. Ampliou-se a velocidade da produção e comercialização, com o fenômeno da globalização, graças ao avanço tecnológico e científico.

As principais marcas dessa produção, conforme já citado em outros momentos da pesquisa, são a padronização, massificação e homogeneidade da produção em um modelo que prioriza o acúmulo de capital em detrimento da preservação do ecossistema, por exemplo, resgatando a ideia de capitalismo por espoliação apresentada por Harvey (2004). Em relação à prática narrativa, essas marcas podem ser percebidas na valorização das estatísticas, das métricas que objetificam sujeitos e cotidianos em detrimento do reconhecimento de suas singularidades e complexidades, que podem contribuir para o desenvolvimento de ações integrativas, apresentando soluções para problemáticas coletivas. Na pesquisa *Narrativas Artesãs: sinalizadores para o Jornalismo Amoroso* (EME, 2016), matriz da proposição epistemológica, por exemplo, a produção artesanal, mostrada sob a visão de mundo dos artesãos de rua, fez brotar sinalizadores para (re)pensar a prática jornalística, como: o cuidado com a produção da narrativa, assim como o artesão tem cuidado em seu processo de produção; o cuidado também com a matéria-prima, com os fatos e sujeitos envolvidos; consciência de que quem produz deixa suas marcas.

Para a Artesania, portanto, o processo de produção é importante, tanto quanto a peça final. O caminho percorrido, os fios da trama, as descobertas, os pontos levantados devem ser reconhecidos como saberes também. A trama que se forma do entrelaçar dos fios pode ajudar a considerar aspectos interessantes do objetivo principal. Destaca-se que a vinculação com a tecnologia, no processo de produção, pode existir, mas não é o mais importante. Trata-se, mais que tudo, de uma produção marcada pela atitude (no sentido de ato no todo) artesã.

A produção audiovisual *Tejido Andino* (TSCHUDI, 2017), contribui para a perspectiva acima refletida. O vídeo sobre o trabalho das tecelãs andinas, destaca aspectos abstratos contidos na trama artesanal produzida pelas mulheres. Ao tecer, as artesãs tramam informações do cosmos, entrelaçando-se ao Universo, dialogando com suas origens. “Tecer, nos Andes, não é só tecer, [...] é um sistema de informação muito eficiente entre o início da vida e o instante

presente. [...] Para tecer, que é só tecer, as mulheres andinas se amarram à árvore que é o centro, como quem se conecta, por meio de um cordão umbilical, a essa memória ancestral”¹¹ (TSCHUDI, 2017).

Nesse sentido, refletir o processo de produção em aproximação com o fazer artesanal marca o entrelaçamento de diversos saberes, advindo de lugares diferentes, mas com a intenção de construir algo, uma narrativa, por exemplo, que contribua com o máximo do todo, pois é integrado pelo todo, em seu contexto. Pensar e propor a Artesania como um pressuposto de pesquisa, é algo que tem como potencial tornar mais fluidas as fronteiras entre a academia e o cotidiano, com valorização para a realidade simples contida na vivência dos ‘personagens comuns’ da sociedade. No movimento que algumas linhas da Ciência Contemporânea têm feito, no sentido de reconhecer outros saberes, além daqueles contidos nos estudos de gabinete, Boaventura de Sousa Santos (2019) propõe que se olhe e considere as epistemologias do Sul, que se referem, segundo ele,

[...] à produção e à validação de conhecimento ancorados nas experiências de resistência de todos os grupos sociais que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causadas pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado. Chamo o vasto e muito diverso âmbito dessas experiências de Sul anti-imperial. (SANTOS, 2019, p. 17).

Conforme destacado por Santos (2019), uma das características das epistemologias do Sul é ser resistência à imposição de verdades únicas e autoritárias. Pode-se dizer que essa é uma das marcas da presente pesquisa, pois há uma relação entre a imposição da validação de certos saberes em detrimento de outros. No caso de Torres/RS, pode-se dizer que as vivências da/na praia, que acontecem em torno desse universo turístico, se sobressaem, são mais reconhecidas do que as vivências, do que a forma de se relacionar com o ecossistema, do/no interior, do ‘repuxo’.

A ideia de epistemologias do Sul mostra-se importante, então, para a construção do pressuposto de Artesania, por colocar em discussão a importância de resgatar saberes, conhecimentos desenvolvidos a partir de outras perspectivas. Como dito anteriormente, o mais valioso para a Artesania é o processo, e não o produto final. Dessa forma, o reconhecimento e o entrelaçamento de diversos saberes pode ser uma ação para tornar o percurso mais interessante, valorizando sujeitos e o ecossistema.

Há, em Santos (2002), outra contribuição importante para o pressuposto de Artesania:

¹¹ Tradução livre.

a ideia de produzir para viver. Assim como as epistemologias do Sul, essa ideia é alternativa à produção capitalista, acreditando no desenvolvimento de práticas que permitam a conservação do ecossistema e que promovam a justiça social, da forma mais plena possível.

Os aspectos da lógica de produzir para viver, que se relacionam com a Artesania, referem-se ao momento de produção. Pensar a produção, partindo de uma lógica artesã de lidar com essa realidade é resgatar uma espécie de tato, de sensibilidade com os acontecimentos sociais, com a leitura desses acontecimentos, com os personagens que ela envolve. Artesania funciona, assim, como uma reforma revolucionária, “[...] ou seja, empreender reformas e iniciativas que surjam dentro do sistema capitalista em que vivemos, mas que facilitem e dêem credibilidade a formas de organização econômica e de sociabilidade não capitalistas” (SANTOS, 2002, p. 30).

Além disso, romper com o pressuposto capitalista de excesso de produção e consumo abre caminho para pensar outras formas de viver e se relacionar com o ecossistema, considerando a realidade como campo em expansão, não se resumindo somente ao que já existe. Conforme Santos (2002, p. 25), “A realidade é um campo de possibilidades em que têm cabimento alternativas que foram marginalizadas ou que nem se quer foram tentadas”.

Essa abordagem permite resgatar o cuidado do e no fazer, o reconhecimento dos saberes contidos na simplicidade cotidiana, considerando as práticas diárias de determinado contexto, por exemplo. Nesse sentido, é possível dialogar com Certeau, que, na obra *A invenção do cotidiano*, trata das artes de fazer. Uma das contribuições que se destaca, Certeau, é a de discutir a separação feita entre ciência e arte, pelo racionalismo. A dicotomia criada entre *saber* e *fazer* desvalorizou a possibilidade de ver os dois universos de conhecimento como complementares, destacando-os como opostos (CERTEAU, 1990).

Aquí ainda subsiste um “saber”, mas sem o seu aparelho técnico (transformado em máquinas) ou cujas maneiras de fazer não têm legitimidade aos olhos de uma racionalidade produtivista (artes do dia-a-dia na cozinha, artes de limpeza, da costura, etc.). Ao contrário, esse resto, abandonado pela colonização tecnológica, adquire valor de atividade “privada”, carrega-se com investimentos simbólicos relativos à vida cotidiana, funciona sob o signo das particularidades coletivas ou individuais, torna-se em suma a memória ao mesmo tempo legendária e ativa daquilo que se mantém à margem ou no interstício das ortopraxias científicas ou culturais. (CERTEAU, 1990, p. 141-142).

Uma das características das artes de fazer é propor o resgate dos “saberes não sabidos” (CERTEAU, 1990, p. 143). Assim como ocorre com a Artesania, que busca compreender a complexidade do real, por meio de saberes múltiplos, propondo uma costura de conhecimentos com origens para além das teorias acadêmicas. Dar atenção às práticas comuns pode revelar

aspectos epistemológicos interessantes, além de contribuir para a explicação de algumas atitudes coletivas. Além disso, o que, para Certeau, significava a busca por uma expressão que não fosse unicamente a linguagem já conhecida e dominante, como a fala, para a Artesania, significa buscar outros saberes para compor a pesquisa, que complementem os conhecimentos científicos.

Por fim, ressalta-se que a Artesania é uma dimensão epistemológica que orienta as produções da pesquisadora, incluindo o presente trabalho. A marca parte de vivência pessoal com os saberes e fazeres artesanais que, por vezes, tramaram-se aos estudos acadêmicos, diretamente no objeto de pesquisa, estando sempre presente como orientação para a investigação e interação com o campo.

Segue-se, nesse momento, para o próximo capítulo da dissertação, cujo o objetivo é apresentar a trilha teórica referente ao pressuposto epistemológico ‘Repuxo’ do Turismo e também da proposição Turismo-Trama-Ecossistêmica.

3 'REPUXO' DO TURISMO

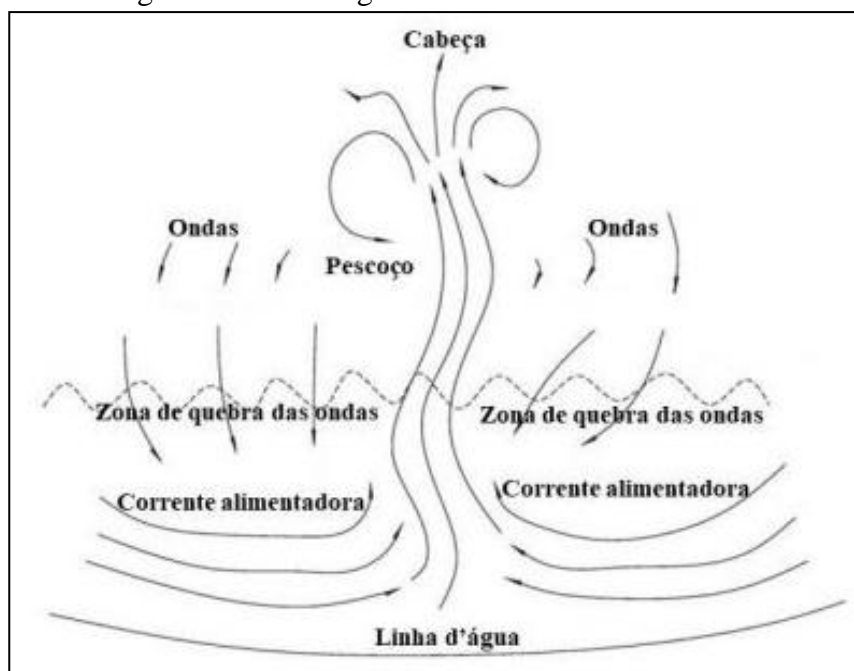
A metáfora do 'mar do Turismo' é uma das inspirações para esta dissertação, assim como foi para a pesquisa como um todo. O mar e o não mar. O mar e as trilhas onde não há mar. O mar e a corrente de retorno: repuxo. O avesso do mar, por assim dizer, lembrando a proposição do *Avesso do Turismo*, de Baptista (2020a), que será abordada neste capítulo. A proposta, aqui, neste trecho da dissertação, é refletir sobre Turismo, na sua condição trama processual. Para isso, o capítulo inicia com a explicação sobre o fenômeno natural corrente de retorno, seguido pelo item que apresenta a metáfora reflexiva 'Repuxo' do Turismo, desdobrando a trilha teórico-conceitual que compõe a proposta. Posteriormente, o capítulo traz um breve resgate histórico sobre o universo de conhecimento Turismo, com algumas das compreensões sobre seus saberes e fazeres. Por fim, apresenta-se o item sobre a compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica, proposição que orienta e fundamenta a presente pesquisa.

Conforme vem sendo abordado, a proposição metafórica se estabeleceu por conta do campo, do *locus* da pesquisa, o município de Torres/RS. Assim, a associação com o Turismo, ao tecer a metáfora reflexiva 'Repuxo' do Turismo, partiu da relação que o município e os moradores têm com a atividade turística, sendo essa atividade uma importante contribuição para a economia do lugar, compreendida como marca para mostrar a cidade de Torres/RS. Mesmo com essa importância, no entanto, a atividade também gera questionamentos, em relação às singularidades das condições geradoras de vida da destinação turística, o que convida a refletir sobre o mar e o não mar do Turismo, ou seja, sobre o repuxo do Turismo.

Antes de apresentar a trilha teórica que orienta e sustenta a discussão, proposta pela metáfora reflexiva do presente objeto de estudo, considera-se importante apresentar a morfologia do repuxo ou corrente de retorno, como fenômeno marítimo, tendo em vista que isso ajudará a compreender a metáfora. Vamos, então, ao mergulho!

Conforme já mencionado, o repuxo do mar acontece a partir do excesso de água que é empurrado para a areia, pelas ondas, que, pela gravidade, volta ao mar, formando um canal chamado corrente de retorno. "As correntes de retorno são correntes fortes, estreitas e em sentido ao mar, que se originam próximo à costa e se estendem através da zona de surfe" (GALVÃO, 2018, p. 13). A força do repuxo é intensa que interrompe o fluxo das ondas que quebram na praia. Esse movimento pode ser compreendido por meio da Figura 1.

Figura 3 – Morfologia de uma corrente de retorno



Fonte: Adaptado de Galvão (2018).

É possível pensar, na composição de ondas e repuxo, que a potência do mar está no movimento. Na força das águas salgadas, que banham costas e enfrentam rochedos, existe uma poética e uma potência de mutação contínua, mostrando a beleza de se transformar o tempo todo. Entende-se que, ao encontrar o mar – assim como outros volumes de água –, é preciso ter cuidado com sua condição inerente de movimento contínuo. A força da onda que quebra na praia pode provocar acidentes graves, com banhistas desavisados ou sem experiência; porém, assim como o movimento de chegada à beira, o repuxo também tem sua força, provocando situações inesperadas e, tantas vezes, incontrolláveis e indesejáveis, aos banhistas que não reconhecem a potência contida na corrente de retorno.

[...] tais correntes são consideradas um perigo letal, levando banhistas com as mais variadas habilidades de natação para águas com maiores profundidades em apenas alguns segundos (SHORT; HOGAN, 1993), estes riscos, quando não corretamente gerenciados, podem resultar em vítimas fatais, gerando negativos impactos econômicos ao turismo (LI, 2016). Nas praias do Reino Unido, as correntes de retorno representam mais de 67 % da causa dos afogamentos, nos Estados Unidos esse número vai para 80 %, já na Austrália, a expressivos 89% (WOODWARD et al., 2013, HERKER et al., 2008; SLSA, 2011; USLA, 2012; LI, 2016). (GALVÃO, 2018, p. 11).

A força contida no movimento da corrente de retorno é também potência para reflexões que partem dos elementos que são deixados à mostra pelo repuxo que leva a água de volta para o fundo do mar. Repuxo, como metáfora reflexiva (e na conexão com o fenômeno natural),

permite ver o que está além da onda, o que o mar esconde. Para a Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), a ideia de dobra pauta a compreensão de olhar para o que está além, no repuxo, no avesso. Destaca-se que a metáfora reflexiva ‘Repuxo’, em associação com o Turismo, parte da proposta de (re)pensar as características mercadológicas do Turismo, sua dimensão capitalística, considerando a onda de consequências. Tem-se, aqui, como orientação a proposição de que há outra forma de desenvolvê-lo, pautada pela responsabilidade ecossistêmica, considerando o ecossistema por inteiro, visando à produção de autopoiese coletiva, na dinâmica de interações entre sujeitos turistas e moradores, nos universos de produção do Turismo. Trata-se, portanto, de estar em sintonia com as demandas, no sentido de ajudar a construir um mundo novo, com diferentes papéis, para o Turismo e a Ciência. Desse modo, é relevante refletir, também, sobre a contribuição que esse lugar de observação, que esse campo, além da dobra, pode oferecer para a pesquisa.

Aprofundando a metáfora reflexiva, a seguir parte-se para a seção que apresenta a trilha teórica que sustenta a metáfora.

3.1 METÁFORA REFLEXIVA ‘REPUXO’ DO TURISMO

A compreensão de ‘Repuxo’ do Turismo parte de uma dimensão epistemológica (já sinalizada anteriormente), constituída por pensamentos orientados pela visão holística, integrada de Ciência. Essa visão permite discutir Turismo, considerando outra ‘instância da onda’ da Ciência, um outro lugar de proposição e ação investigativa.

Retoma-se, aqui, o fato de que ‘Repuxo’ do Turismo é uma proposição adaptada de Baptista et al. (2020a), que enuncia *Avesso*, em associação, neste caso, com o Turismo. A ideia de *Avesso do Turismo* relaciona-se com intenção de considerar a trama subjacente e, em certa medida, disfarçada ou escondida pela ‘fachada’, que é mostrada ao turista, mas que dá sustentação a ela. Trabalhando com a metáfora da costura, para abordar a lógica de composições complexas que se dão amarrações sistêmicas e processuais de fenômenos, Baptista explica que é no avesso em que se encontram os fios, os nós, os acabamentos.

Se pensarmos em um bordado, há o lado que está à mostra, que pode ser visto, com os desenhos organizados, os fios cuidados, embelezado para o Outro que chega ver.

No Turismo, isso também pode ser pensado. Há o Turismo que se mostra, se exhibe estruturado por anos e anos, em engrenagens máquinicas que o mostram como produto estético e pré-fabricado para o consumo. (BAPTISTA et al., 2020a, p. 6).

A proposta, então, é enxergar o Turismo de um outro lugar, considerando outros saberes e fazeres, seguindo a orientação epistemológica holística, integral, complexa. Dessa forma, destacam-se os autores citados nos aspectos metodológicos, como autores que sustentam a orientação epistemológica da pesquisa, assim como, também, constituem um conjunto de autores dessa ‘conversa’ teórica. Essa visão se relaciona e fundamenta o pressuposto *Avesso*, que parte do desejo de (re)conhecer a Ciência, na sua profundidade e no seu repuxo, na sua dobra, esta, por sua vez, referenciada pela Esquizoanálise (DELEUZE; GUATTARI, 1995), podendo ser pensada na composição de múltiplos desdobramentos.

Nesse sentido, destacam-se as contribuições de Capra (1992), principalmente sua fala relativa ao desdobramento da vida, como um desdobramento criativo, em formas diversas e complexas, o que é uma característica inerente dos sistemas vivos (CAPRA, 1992). Para a presente pesquisa, esse aspecto estende-se para os fenômenos sociais ecossistêmicos, como o Turismo – e a Comunicação. O autor explica que “[...] a força motriz da evolução, de acordo com a nova teoria emergente, deve ser encontrada não em eventos causais de mutações aleatórias, mas sim, na tendência inerente da vida para criar novidade, na emergência espontânea de complexidade e de ordem crescentes” (CAPRA, 1992, p. 182).

Essa ideia torna-se importante para compreender, num primeiro momento, porque a metáfora do ‘repuxo’ aparece na dissertação, como metáfora reflexiva para discutir o Turismo. Isso decorre da compreensão de que os fenômenos, assim como os sistemas vivos, criam novidades, (re)inventando a realidade, a partir de si mesmos, num desdobramento contínuo (CAPRA, 1992). Assim, olhar para o Turismo, do lugar de seu repuxo, significa olhar de outra parte da ‘onda do Turismo’, do desdobramento da atividade turística como é conhecida, compreendendo que esse outro lugar existe e que contribui para o desdobramento de uma outra forma de desenvolver o setor turístico com responsabilidade ecossistêmica.

A proposta de olhar para o ‘repuxo’, ou a partir dele, reconhecer sua existência e potencialidade, relaciona-se também à proposição de Epistemologias do Sul, apresentada por Boaventura de Sousa Santos (2019). De acordo com o autor, a proposição tem como objetivo reconhecer conhecimentos advindos de experiências sociais “[...] que têm sido sistematicamente vítimas da injustiça, da opressão e da destruição causados pelo capitalismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado” (SANTOS, 2019, p. 17), tratando-se da compreensão de um sul epistemológico e não geográfico, mesmo que eles se sobreponham.

Nesse sentido, pode-se pensar em ‘Repuxo’ do Turismo como uma Epistemologia do Sul, em contraposição à ‘onda’ turística. Essa onda é caracterizada pelos conhecimentos dominantes, principalmente àqueles que têm por objetivo desenvolver o Turismo, unicamente

como instrumento econômico, desconsiderando suas outras potencialidades e, principalmente, colocando em risco o ecossistema inteiro. Aqui destaca-se, ainda, as ideias de Alberto Acosta, principalmente, acerca da proposição Bem Viver, apresentada pelo autor, como construção de uma sociedade em que o desenvolvimento não é a ênfase, mas sim um processo coletivo integrado ao ecossistema, planejado com a orientação de oferecer bem-estar em dimensões materiais e imateriais, a todo o ecossistema. A ideia, segundo ele, “[...] é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a Natureza” (ACOSTA, 2019, p. 32). O autor diz também que o Bem Viver é “[...] uma tarefa de (re)construção que passa por desarmar a meta universal do progresso em sua versão produtivista e do desenvolvimento enquanto direção única, sobretudo em sua visão mecanicista do crescimento econômico e seus múltiplos sinônimos” (ACOSTA, 2019, p. 77).

Outro ponto interessante, que entrelaça as Epistemologias do Sul, a metáfora reflexiva ‘Repuxo’ e o objetivo geral da presente pesquisa, é que a ideia de Santos (2019) se pauta por conhecimentos vivenciados, propondo, também, uma ruptura com os parâmetros modernos de validação científica. “Trata-se antes de identificar e valorizar aquilo que muitas vezes nem sequer figura como conhecimento à luz das epistemologias dominantes, a dimensão cognitiva das lutas de resistência contra a opressão e contra o conhecimento que legitima essa mesma opressão” (SANTOS, 2019, p. 18). Ressalta-se que o objeto de estudo da dissertação envolve ‘com-versações’ com moradores, com a proposta de trazer, para primeiro plano, a relação desses sujeitos com Torres/RS e a atividade turística, para, então, propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo. Ao corresponder às epistemologias experienciais, conforme Santos (2019), o objeto de estudo propõe olhar, ouvir e sentir um lugar, por vezes, invisibilizado por uma produção científica marcada pela ‘onda’ do Turismo, pela atividade turística que inunda Torres/RS durante o verão e que enfatiza o centro e as praias, desconsiderando outros lugares do município, na lógica de vender a destinação como “*A mais bela praia gaúcha*”.

Destaca-se que a relação entre a metáfora reflexiva e Turismo se estabelece, pautada pela compreensão de que os saberes e os fazeres turísticos são marcados pela lógica capitalística, de desenvolvimento da atividade com ênfase nos aspectos mercadológicos, em que a visão não é todo, ou seja, sem considerar as dimensões sociais, ambientais... sem considerar o ecossistema. Desse modo, a produção é estruturada no sentido de criação de uma fachada dos processos turísticos, dos fazeres e das destinações, de tal modo a gerar consumo, a produzir constantemente a ampliação do negócio turístico ‘a qualquer preço’, sem questionamentos éticos e pautados pela responsabilidade ecossistêmica e a preocupação com a sustentabilidade. A discussão relacionada ao desenvolvimento turístico pautado pela lógica

capitalista será aprofundada na próxima seção do presente capítulo, referente ao resgate histórico da temática. Por ora, ressalta-se que, nesse sentido, as ideias do geógrafo David Harvey são importantes para a pesquisa, principalmente o que o autor chama de ‘capitalismo por espoliação’ (HARVEY, 2004).

A discussão trazida por Harvey parte da apropriação da produção e do espaço como manutenção do capitalismo, destacando que tal apropriação acontece por meio de espoliação.

A escalada da destruição dos recursos ambientais globais (terra, ar, água) e degradações proliferantes de habitats, que impedem tudo exceto formas capital-intensivas de produção agrícola, também resultaram na mercadificação por atacado da natureza em todas as suas formas. A transformação em mercadoria de formas culturais, históricas e da criatividade intelectual envolve espoliações em larga escala (a indústria da música é notória pela apropriação e exploração da cultura e da criatividade das comunidades). (HARVEY, 2004, p. 123).

A ‘fachada turística’¹² oferecida ao turista, os aspectos com os quais o sujeito tem contato quando conhece um lugar como visitante, é composta, na sua maioria, de elementos construídos para oferecer maior performance econômica ao setor turístico, desenvolvendo-o com ênfase comercial, no lucro. Essa fachada desencadeia “[...] processos de ampliação e crescimento desenfreado, sem crítica e autocrítica, gerando, como consequência, fenômenos apontados como turistificação e turismofobia” (BAPTISTA et al., 2020a, p. 10).

Pode-se dizer que os fenômenos apontados por Baptista são processos alinhados aos aspectos do capitalismo por espoliação, de acordo Harvey (2004). O desenvolvimento da atividade turística como meio de acumulação – por espoliação – do capital, envolvendo comportamentos predatórios sobre o lugar e seus moradores, promove, também uma descaracterização do local, por meio de um processo de padronização. Ao propor a ideia de ‘alma do lugar’, Eduardo Yázigí, (2001) aponta que “Hoje em dia, até cidadãos comuns já notaram que muitos lugares do mundo estão ficando com a mesma cara, não só em razão da consciência da globalização [...]” (YÁZIGI, 2001, p. 11). O autor apresenta como pressupostos os fatores que contribuem para a descaracterização dos lugares:

[...] o uso indiscriminado do progresso técnico e o abismo social, aliados a um baixo grau de informação do cidadão; o preconceito pelo antigo e pelas coisas da terra; os modismos; a sujeição cega ao gosto do mercado; a falta da expressão geográfica na administração do espaço; desconsideração das características “menores” do lugar. (YÁZIGI, 2001, p. 21-22).

¹² Expressão de Baptista compreendida como contraposição à proposta *Avesso do Turismo*.

Vale destacar que não se quer propor (muito menos impor!) a ideia de não progresso, de que o lugar deveria permanecer da mesma forma que era no passado, ou, então, que a inserção de elementos globalizados não deveria acontecer, até porque, em certo sentido, a globalização é um processo irreversível (BENI, 2003). Acredita-se, porém, que aceitar esse processo sem reflexão, consciência e responsabilidade ecossistêmica pode prejudicar o lugar, as pessoas, o ecossistema e a própria manutenção da atividade, no sentido de conservação de processos, na lógica recursiva que alimenta a dinâmica produtiva.

Segundo Beni (2003, p. 29),

A globalização provocou uma maior disponibilização e acessibilidade em amplitude mundial dos produtos, das instalações e dos serviços turísticos. O mercado de turismo mundial assistiu ao crescimento de novas destinações e ao investimento maciço de capital no desenvolvimento dos tradicionais países receptores.

Com isso, o Turismo tem sido responsável pelo desenvolvimento econômico de diversos países, principalmente os relacionados como emergentes. Este fato é importante e deve ser considerado, inclusive, para mostrar a relevância da atividade turística e, nesse sentido, evidenciar que ela precisa ser planejada e desenvolvida, de forma responsável com os viajantes e, principalmente, com o local receptor. Em contrapartida, é possível perceber que alguns destinos turísticos, já amplamente turistificados e conhecidos mundialmente, enfrentam problemas, como a descaracterização cultural, ambiental e o conflito entre turistas e moradores, que se sentem invadidos ou em um estado de subserviência. Isso significa que a mesma onda que beneficia, trazendo turistas e, com eles, recursos e sobrevida para as destinações, depois de um certo ponto inunda, devasta, destrói as próprias condições de vida do lugar, colocando em xeque sua própria sobrevivência de ‘onda turística’, diante do exaurimento das condições de ‘exploração turística do lugar’.

Dessa forma, a metáfora do ‘repuxo’ serve para expressar que a construção da presente dissertação se concentra na corrente de retorno desse desenvolvimento desenfreado, que acontece sem se preocupar com a descaracterização dos espaços e das culturas. Corrente de retorno, repuxo, o que é subjacente, o que resulta a partir dos processos de onda turística. Aqui vale uma das reflexões do Amorcomtur, que transversaliza com frequência os Encontros Caóticos do grupo de pesquisa: contra quem e para quem essas práticas – Turismo, Comunicação, Ciência – são feitas?

Nesse sentido, propõe-se a apresentação de sinalizadores, que mostrem aspectos de diferenciação entre a ‘onda’ do Turismo – pautada pela lógica capitalística – e o ‘Repuxo’ do

Turismo – que deve orientar no sentido de autopoiese dos processos turísticos, pautada pela responsabilidade ecossistêmica. Portanto, no Quadro 2, é possível perceber os sinalizadores que se alinham com a discussão teórica e que orientarão a reflexão sobre as narrativas produzidas, a partir das ‘com-versações’ com os moradores de Torres/RS, apresentada mais adiante.

Quadro 2 – Sinalizadores de ‘Onda’ do Turismo e de ‘Repuxo’ do Turismo

Sinalizadores ‘Onda’ do Turismo	Sinalizadores ‘Repuxo’ do Turismo
Planejado somente como instrumento de desenvolvimento econômico, com ênfase no acúmulo de capital – lucro.	Planejamento ecossistêmico do Turismo.
Desvalorização da cultura local em detrimento de culturas hegemônicas/dominantes.	Cultura de interior como potência turística do lugar.
Descaracterização da arquitetura histórica do lugar.	Construções e (des)construções da história arquitetônica do lugar
Exploração predatória do meio ambiente e dos recursos naturais.	Conexões ecossistêmicas com meio ambiente.
Separação entre o espaço do turista e o espaço do residente.	Entrelaços de amorosidade de lugar, moradores e turistas.

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Assim, para compreender o ‘Repuxo’ do Turismo, em Torres/RS, percebe-se a importância de tentar interagir com o fenômeno no seu todo, envolvendo aqui uma complexa trama de aspectos que se entrelaçam e estão transversalizados simultaneamente. Trata-se de uma ‘trama-viva’, conforme Baptista ensina nos Encontros Caóticos do Amorcomtur!, viva, pulsante, mutante. Nesse sentido, são interessantes as falas dos moradores, possibilitando narrativas que se encontram nessa condição de repuxo, que ajudam também a compreender a história da cidade e a história das pessoas, no entrelaçamento dos feixes que compõem a trama. O olhar sensível, artesanal, para o todo [Torres/RS], torna possível compreender as características que marcam a prática turística da cidade e, também, a relação das pessoas com a cidade e com a cidade turística.

Avançando o mergulho, compreende-se a importância de apresentar um breve resgate histórico sobre o universo de conhecimento Turismo, antes de apresentar a proposição de Turismo-Trama-Ecossistêmica – compreensão de Turismo que orienta as pesquisas Amorcomtur! e, portanto, a presente dissertação. Dessa forma, seguimos para a próxima seção do presente capítulo.

3.2 RESGATE HISTÓRICO SOBRE TURISMO

O mar do Turismo é, na verdade, um oceano!

Essa foi a primeira informação que a pesquisadora teve, ao se aproximar do Turismo, por meio do entrelaçamento com os estudos em Comunicação. Assim, ficou claro, de saída: a dimensão epistemológico-teórica do Turismo é desafiadora. O entrelaçamento de diversos universos de conhecimento, para formar os estudos nessa área, mostra a complexidade que envolve a discussão sobre esse universo de conhecimento, tanto como atividade quanto como fenômeno, na trama de fazeres e saberes.

O que se está discutindo aqui decorre do reconhecimento de uma história conceitual. Entende-se que, assim como o Turismo e seus fazeres têm uma história e uma lógica de desenvolvimento, ao longo dos tempos, o mesmo ocorre com a abordagem teórica, os saberes. Desse modo, as associações também estão presentes, quando se decide mergulhar no conceito de Turismo, para, depois, compreender o que há ‘no repuxo’, no que enxergamos, quando ‘o mar volta’, à volta, embaixo, subjacente. Enfim... vamos!

Desse modo, desde o início da aproximação com o Turismo, foi possível perceber que uma de suas marcas é a multiplicidade de saberes, bem como o entrelaçamento de diferentes fazeres, teorias e demais universos de conhecimento. A compreensão da complexidade, contida na discussão epistemológica sobre Turismo, direciona esta pesquisa, para a noção de Turismo-Trama-Ecossistêmica, cuja fundamentação está apresentada em um dos projetos de pesquisa, sobre os Ecossistemas Turístico-Comunicacionais-Subjetivos, ao qual esta pesquisa está vinculada (BAPTISTA, 2018).

Para que seja possível partir para a discussão dessa perspectiva de Turismo, propõe-se um pequeno resgate das variações de conceitos na história, o que foi possível, principalmente, a partir das sugestões de leituras, feitas nas disciplinas, principalmente do primeiro ano, do Mestrado. Destaca-se que a intenção não é, aqui, reduzir esse universo de conhecimento, delimitando formas de compreendê-lo, e sim sustentar a discussão teórica, exposta durante o trajeto de pesquisa. Trata-se de pensar o Turismo “[...] de um modo que se afaste de padronizações, o que seria uma armadilha para a constituição do turismo na atualidade: um turismo complexo, fluído, com características subjetivas e que não existe apenas em função da geração de divisas ou de sua operacionalização” (DEL PUERTO, 2016, p. 28).

Bem, vamos ao recuo no tempo. Considerando que o ser humano tem como característica intrínseca a necessidade de movimentar-se, seja por questão de sobrevivência ou, então, por curiosidade em conhecer uma realidade diferente da sua, o Turismo foi desenvolvido

como decorrência natural nas sociedades antigas – ainda que não tenha sido denominado assim, inicialmente. Historicamente, nas sociedades primitivas, a integração harmônica com o nicho ecológico e o deslocamento, quando essa integração assim demandava, representou a conservação de um dos traços da espécie, o de movimento, em busca de melhores condições de bem-estar (MATURANA; VARELA, 1997). Trata-se, portanto, originalmente, do traço marcante do Turismo, que é o deslocamento, a desterritorialização, não especificamente da denominação da atividade como se conhece hoje, no universo de conhecimento em que se produz esta dissertação.

Assim, desde que concluiu que gostava ou carecia de ampliar seu campo de ação, através de deslocamentos em busca de víveres, de aumento de território tribal ou reduto familiar, ou mesmo para saciar sua curiosidade a respeito do que pudesse empertigar por causa da possibilidade de alguma nova existência além do horizonte conhecido, aprendeu a viajar. (ANDRADE, 2000, p. 14).

Ao longo dos séculos, as viagens foram se transformando em sintonia com as transformações com os mais diversos ecossistemas, nas mais diferentes regiões do planeta. Nos estudos da história do Turismo (MOESCH, 2000), tem-se o destaque para as ocorrências nos séculos XVIII e XIX, na Europa, por exemplo, quando as viagens não eram acessíveis para todas as camadas da sociedade, ficando restritas às aristocracias. Na época, as viagens de estudo eram realizadas por jovens da alta sociedade inglesa, como rito de passagem à vida adulta. O *Grand Tour* envolvia visitas às principais cidades europeias, berços da arte e da literatura. Acompanhados por seus pintores particulares que registravam as passagens importantes da viagem, os jovens aproveitavam os roteiros, cuja programação fundamentava-se

[...] em grandes passeios de excelente qualidade repletos de atrativos prazerosos, que denominavam “turísticos”, nomenclatura adotada para expressar a realização de viagem através de regiões e países diversos, ou mesmo para significar a realização de voltar ao mundo conhecido ou possível à sociedade mais evoluída da época. (ANDRADE, 2000, p. 09).

Mesmo ainda sem serem compreendidas, efetivamente, como Turismo, as viagens turísticas já aconteciam e termos semelhantes eram usados. O desenvolvimento da prática de viagem acompanhava o progresso social: a chegada do vapor, por exemplo, impulsionou o deslocamento de pessoas a lugares mais distantes. Assim, aos poucos, o Turismo se popularizava, com os avanços industriais.

Capítulos importantes dessa história foram o termalismo e o surgimento dos balneários marítimos, para tratar questões de saúde. Mesmo que a viagem não estivesse relacionada

somente com o lazer, a movimentação envolvia aspectos que precisavam ser organizados e que, aos poucos, foram sendo padronizados na lógica de planejamento turístico e na grade de serviços oferecidos pela área. O movimento mais marcante dos séculos XVIII e XIX foi, sem dúvida, o “[...] termalismo, cujo fluxo de pessoas aos balneários produziu a conversão destes em lugares para o descanso e o prazer. [...] e as cortes dos principais países europeus não ficaram alheias a esse movimento” (REJOWSKI, et. al., 2005, p. 46-47).

A busca pelas termas expandiu-se pela proximidade com o mar e suas características curativas. “A atividade de veraneio que se concentrava nas estâncias termais vivenciou a crescente concorrência dos balneários marítimos, cuja evolução começou no século XVIII e consolidou-se no século XIX [...]” (REJOWSKI et. al., 2005, p. 50).

O século XIX, marcado pela consolidação da Revolução Industrial, da lógica urbana social e das relações de trabalho baseadas no ambiente fabril, tornou importante o estabelecimento de tempo e as condições para o lazer. Os deslocamentos, então, passaram a envolver experiências que afastassem os sujeitos da rotina de trabalho nos centros urbanos. Destaca-se que, nesse momento, a atividade turística tornou-se próxima ao modelo conhecido atualmente, adotando práticas e processos em cadeia produtiva (THOMAZI; BAPTISTA, 2018). Além disso, a ampliação da malha ferroviária na Europa permitiu deslocamentos mais longos e rápidos, fato que, combinado com a expansão de busca pelo ócio, fez aumentar a frequência das viagens relacionadas ao Turismo.

Dando um salto no tempo, já no século XX, o Turismo passou a ser tratado como uma atividade de massa. O processo de consolidação do capitalismo foi cristalizando processos de encaixe dos sujeitos às máquinas produtivas, ao mesmo tempo em que surgiam os momentos de permissão para o lazer e para a parada estratégica de restauração produtiva: as férias. Na mesma medida em que os traços capitalistas se agudizaram as demandas por dispositivos de sobrevivências levaram à hipervalorização das viagens, que pouco a pouco, foram também se transformando em e arena do Capital.

Com o tempo, marcados pela estética globalizada e capitalista, os pacotes de viagens passaram a ser oferecidos para toda a população, através dos veículos de Comunicação Social e de agências e organizações do setor, tendo sido criados modos de pagamento diferenciados, para dar acesso a um número cada vez maior de pessoas. As campanhas de Comunicação e os apelos para o Turismo se voltavam para a possibilidade de realizar um sonho. Os lugares turísticos mais famosos do mundo tornaram-se objeto de desejo, passando a receber grandes conglomerados de pessoas, consumindo desenfreadamente serviços e *souvenirs* (DE SÁ; GASTAL, 2018). “Os valores do ócio penetravam dificilmente a burguesia; nos dias de hoje,

por mais paradoxal que possa parecer, sua difusão é mais fácil nas massas, devido à mídia” (BOYER, 2003, p. 38).

Outro resgate importante, na reflexão deste recuo no tempo, diz respeito ao conceito de Turismo. É audacioso afirmar que se tem o registro da primeira definição que se deu no campo científico. Da pesquisa até então realizada, no entanto, tem-se como base a fala de Marutschka Moesch (2000, p. 10, grifos da autora): “O primeiro registro da palavra turismo remonta-se a 1800 e está no *Pequeno Dicionário de Inglês de Oxford*: ‘Turismo: A teoria e prática de viajar, deslocar-se por prazer. Uso, depredação’”.

Já, Margarita Barretto diz que

A primeira definição remonta-se a 1911, em que o economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhofen escrevia que “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”. (BARRETTO, 2006, p. 9).

É preciso considerar, também, o que a Organização Mundial do Turismo (OMT) entende como definição de turismo. Para a OMT, “Turismo refere-se à atividade dos visitantes”¹³ (UNWTO, 2014), é o que o viajante faz na destinação turística, sejam atividades culturais, relacionadas ao lazer ou a questões de trabalho. Percebe-se que o conceito está atrelado à relação de consumo.

Ao longo dos tempos, o conceito foi se transformando, sobressaindo-se ênfases econômicas, para as relações de troca e oferta de serviços turísticos nas destinações. Na segunda metade do século passado, houve ampliação da compreensão do fenômeno, em sintonia com a complexificação dos mercados, diante do fenômeno da globalização e do acirramento dos traços do capitalismo mundial¹⁴. No início do século XXI, percebeu-se, também, a consolidação de temáticas envolvendo abordagens culturais, educacionais, de preocupações com as bases locais do Turismo e de questionamentos a respeito da responsabilidade social e das críticas inerentes ao avanço desenfreado do fenômeno.

Após o breve resgate histórico apresentado nesta seção, produzido na aproximação com a complexidade do universo de conhecimento Turismo, segue-se a trilha teórica para a apresentação da proposta Turismo-Trama-Ecossistêmica que orienta a compreensão de

¹³ Tradução livre: “*Tourism refers to the activity of visitors*”. Disponível em: <http://statistics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryterms.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2019.

¹⁴ Um levantamento minucioso, em linha de tempo, do conceito de Turismo foi feito por Helena Charko Ribeiro, em tese de doutoramento intitulada *Turismo e Saúde: sinalizadores turísticos de Porto Alegre, relatados pelos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e seus acompanhantes, em processos de deslocamento*, apresentada em 2019, no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade.

Turismo, na dissertação.

3.3 TURISMO-TRAMA-ECOSSISTÊMICA

A perspectiva conceitual de Turismo, na pesquisa, é a de desenvolvimento de um pensamento turístico potencializador de sujeitos, compreendendo o entrelaçamento entre esses sujeitos e a trama ecossistêmica dos saberes e fazeres turísticos. Por isso, entende-se que a concepção de Turismo somente como atividade econômica é insuficiente, ainda que se considere o grande potencial econômico da prática.

Dessa forma, a discussão avança em direção da proposição de Turismo-Trama-Ecossistêmica, apresentada por Maria Luiza Cardinale Baptista (2018; 2020b). Destaca-se que essa visão está relacionada ao entendimento que o Amorcomtur!, enquanto grupo, tem sobre Turismo. Além disso, os estudos desenvolvidos por Marutschka Moesch (2000; 2004), Mário Beni e Marutschka Moesch (2017) e Susana Gastal (2002; 2005a), contribuem para a reflexão dos saberes e fazeres turísticos, em sua dimensão complexa e ecossistêmica.

Para Baptista (2018), o Turismo como Turismo-Trama-Ecossistêmica é decorrente de proposições transdisciplinares, orientadas por pressupostos da ciência contemporânea, ecossistêmica e complexa, estando em constante movimento e reinvenção. “Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas” (BAPTISTA, 2020b, p. 49).

A compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica parte da visão de ecologia profunda, em que a noção de ecossistema inclui os fatores bióticos e também os abióticos, que se inter-relacionam dinamicamente. Dessa forma, é importante que os saberes e fazeres turísticos, considerem os relacionamentos entre os elementos que constituem o ecossistema e seu dinamismo, relacionando-se de forma fluente e harmônica com esse movimento (BAPTISTA, 2020b).

Considera-se, então, que o Turismo é transversalizado por esse movimento, pela desterritorialização, de sujeitos e lugares, e com isso, autopoietiza, reinventando sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas (BAPTISTA, 2020b). A proposta é contraponto à produção marcada por características do Capitalismo Mundial Integrado, de acordo com Félix Guattari (1986) ou do “capitalismo por espoliação”, conforme Harvey (2004). Ao se referir aos saberes turísticos, Baptista (2018; 2020b) destaca o atrelamento com a engrenagem maquínica capitalística, embasada nos estudos esquizoanalíticos, principalmente

de Félix Guattari (1992), com Gilles Deleuze (1995) e nos estudos que o autor desenvolveu com Suely Rolnik (2006).

Há proposições sobre a visão de Turismo integrado ao ecossistema, em trama, também, no texto de Melo e Baptista (2019), em que as autoras destacam a necessidade de pensar a prática turística a partir de aspectos ainda não explorados, reconhecendo as demandas dos sujeitos e do ecossistema num exercício de amorosidade – orientando-se em Maturana (1998). Assim reconhecer o Turismo como Trama-Ecossistêmica alinha-se a metáfora reflexiva ‘Repuxo’ do Turismo, bem como às teorias holísticas, integrais e complexas, que orientam epistemológica, teórica e metodologicamente o desenvolvimento da presente dissertação.

Propostas que orientam para a reflexão sobre saberes e fazeres turísticos, considerando-os na dimensão ecossistêmica, complexa podem ser encontradas também nos estudos de Moesch (2000; 2004), principalmente ao propor uma epistemologia social do Turismo. Para Moesch (2004, p. 395),

O Turismo como uma "ciência social" tem condições de autojustificar-se cientificamente a partir de uma teorização própria, que tenha em conta o sujeito e o encontro; ou melhor, o sujeito na sua totalidade, na intencionalidade para o deslocamento, no ir e vir, como resposta pessoal aos apelos da transcendência humana.

A ideia desenvolvida por Moesch (2000; 2004), na discussão de uma epistemologia social do Turismo, propõe a reflexão à produção científica na área, afirmando que o Turismo pode ser pensado como uma ciência social aplicada, transdisciplinar e autônoma (MOESCH, 2004). Além disso, a autora diz que a atividade turística precisa ser considerada para além do setor terciário, sendo classificada como serviço. “A problemática é que o Turismo, muito mais que uma indústria de serviços, é fenômeno com base cultural, com herança histórica, meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais” (MOESCH, 2000, p. 20).

Conforme Beni e Moesch (2017, p. 432), “Turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. Como um processo singular, necessita de ressignificação às relações impositivas, aos códigos capitalísticos e aos valores colocados como patrimonialização cultural”. Portanto, pensar o Turismo hoje é voltar-se a uma complexa trama de olhares, que se debruça por um caminho cheio de entrelaçamentos que se ‘costuram’ em um meio social. Trata-se de uma trama de um fenômeno multi-inter-transdisciplinar que se desloca como em uma viagem, através de percurso de conceitos, definições, debates (LIMA, BAPTISTA, 2017).

Nesse sentido, considerando a atividade turística um objeto complexo, onde a análise precisa ser realizada de modo a reconhecer e a compreender essa complexidade, Beni e Moesch (2017, p. 444) dizem que “O estudo do turismo requer um questionamento sistemático de tudo que envolve o fazer-saber turístico, e do que se quer fazer; o saber turístico é e será objeto de desconstrução permanente”.

A reflexão sobre a dimensão complexa em relação ao Turismo também faz parte dos estudos de Susana Gastal. Assim como Beni e Moesch (2017), a autora considera o Turismo “[...] um fenômeno social, cultural e econômico muito complexo” (GASTAL, 2005a, p. 11). Nesse sentido, destaca-se que há convergência com a proposta de Turismo-Trama-Eossistêmica. Além disso, vale destacar que compreender os saberes e fazeres para além de sua dimensão econômica torna possível pensá-lo holisticamente, promovendo a prática de forma integrada ao ecossistema, sabendo que cada fio dessa trama é importante para que sua existência.

Reconhecer o Turismo partindo de sua característica complexa, pensando-o holisticamente, em entrelaçamento com o ecossistema, torna-se ainda mais importante neste momento de pandemia. As orientações para conter a crise infecciosa pararam, literalmente, o mundo. Essa parada forçada (repuxo) promoveu uma instabilidade generalizada, afetando também a atividade turística, mostrando a necessidade de (re)pensar o seu desenvolvimento. Para que a sustentabilidade da prática seja constante e permanente, durante o momento pandêmico e depois dele, percebe-se a necessidade de integração ecossistêmica: é preciso olhar além da valorização econômica que a atividade turística oferece aos lugares. Essa supervalorização, causada pela emergente cultura de mercado capitalística, de acordo com Beni e Moesch (2017, p. 453).

[...] desconhece a essência do fenômeno turístico, o qual exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético, a herança cultural, existentes nas localidades visitadas, gerando agenciamentos possíveis de resignificação junto à realidade, através da relação entre visitantes e visitados.

Além da complexidade, Gastal (2002) fala, ainda, sobre a transdisciplinaridade nos estudos sobre Turismo como característica, tendo em vista as proporções que o Turismo moderno assumiu, levando teóricos de diversas áreas a se preocuparem com as questões que a atividade envolve. Conforme já citado, a compreensão de Turismo-Trama-Eossistêmica é transversalizada também pela ideia de que o Turismo é multi-inter-transdisciplinar, em constante transformação. Dessa forma, envolver diversos universos de conhecimento para

pensar os saberes e fazeres turísticos alinha-se com a proposta que orienta a compreensão de Turismo na presente dissertação, também com a metáfora reflexiva ‘Repuxo’ do Turismo.

Finaliza-se, dessa forma, o presente capítulo e segue-se o desenvolvimento da dissertação, para o capítulo de apresentação do campo de pesquisa, com o detalhamento de aspectos a respeito do município de Torres/RS, apresentando-o em sua dimensão ecossistêmica.

4 EM DIREÇÃO A TORRES/RS

No presente capítulo, o caminho percorrido para chegar ao campo empírico da pesquisa (o município de Torres) envolveu uma aproximação conceitual-histórica da principal marca da atividade turística do município: o Turismo de Sol e Praia¹⁵. Ao percorrer, de forma breve, esse trajeto, o texto deste capítulo aborda o desenvolvimento dessa categoria turística no Brasil, aproximando-se de Torres e, enfim, apresentando-o de forma ecossistêmica. Não se trata aqui de concordar ou não com a existência dessa ‘categoria de abordagem’, mas de referir-se a ela, como reconhecimento ao percurso da angulação dos estudos ligados a destinações turísticas praianas.

Conforme comentado no resgate histórico, o Turismo desenvolveu-se acompanhando o progresso das sociedades industriais, principalmente. Desde os séculos XVIII e XIX, é possível perceber os balneários de praia como destinos de viagem, sendo que, nesses períodos históricos, os balneários eram considerados como recurso curativo para diversos problemas de saúde, causados pela vida nas cidades urbanizadas/industrializadas. Ressalta-se que o perfil do turista desse tempo era pautado, principalmente, por sua posição social, visto que o direito à atividade, à viagem, era restrito às classes mais altas da sociedade.

Durante o século XX, com a consolidação do que se convencionou chamar de sociedade industrial, a constituição das grandes massas de assalariados, houve também a massificação da prática turística. Desse modo, as atividades de lazer, envolvendo o cenário de praia, tornaram-se mais recorrentes. Ainda no século XX, o Brasil despontou como cenário tropical com destaque no segmento. De acordo com Paula et. al. (2012, p. 301) “[...] os destinos tropicais tornaram-se mercadorias globais do turismo, devido essencialmente ao clima (quente o ano todo), às praias paradisíacas, à água do mar sempre quente, aos voos diretos, à infraestrutura hoteleira, aos restaurantes, aos bares e às barracas de praia”. O Turismo de Sol e Praia espalhou-se pela costa brasileira, principalmente, durante a década de 1970, chegando às praias da região Nordeste, depois de marcar as praias cariocas, além das regiões Sudeste e Sul (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

Nesse sentido, a geografia brasileira, composta pela zona costeira com mais de oito mil quilômetros de extensão e o clima tropical, faz do País uma potente destinação caracterizada

¹⁵ A temática também é compreendida como Turismo de Sol e Mar, Turismo Litorâneo, Turismo de Praia, Turismo Costeiro. “Para fins de formulação de políticas públicas, considera-se que o segmento denominado como Turismo de Sol e Praia constitui-se das atividades turísticas relacionadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 43).

pelo Turismo de Sol e Praia. De acordo com pesquisa realizada pelo Ministério do Turismo, em 2019, quatro dos cinco destinos mais buscados, entre junho e julho de 2019, eram destinos de praia – Fortaleza (CE), Maceió (AL), Natal (RN), Gramado (RS) e Rio de Janeiro (RJ) (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2019b).

Ainda sobre a importância do litoral para a atividade turística no Brasil, Silva (2007) destaca:

A praia talvez seja a imagem mais recorrente da paisagem turística brasileira, fortemente ancorada pela ideia de “paraíso tropical”, onde vegetação abundante, sol e mar azul são os ingredientes ressaltados para a composição de um dos cenários de lazer mais conhecidos do país e amplamente divulgado como um dos nossos melhores “produtos turísticos”. (SILVA, 2007, p. 63).

Assim, em sintonia com a lógica decorrente desse contexto histórico-conceitual, envolvendo saberes e fazeres, a atividade turística desenvolveu-se em Torres, tornando o Turismo de Sol e Praia a principal marca do município, que está localizado no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, no Sul do Brasil, como pode ser visto na Figura 4.

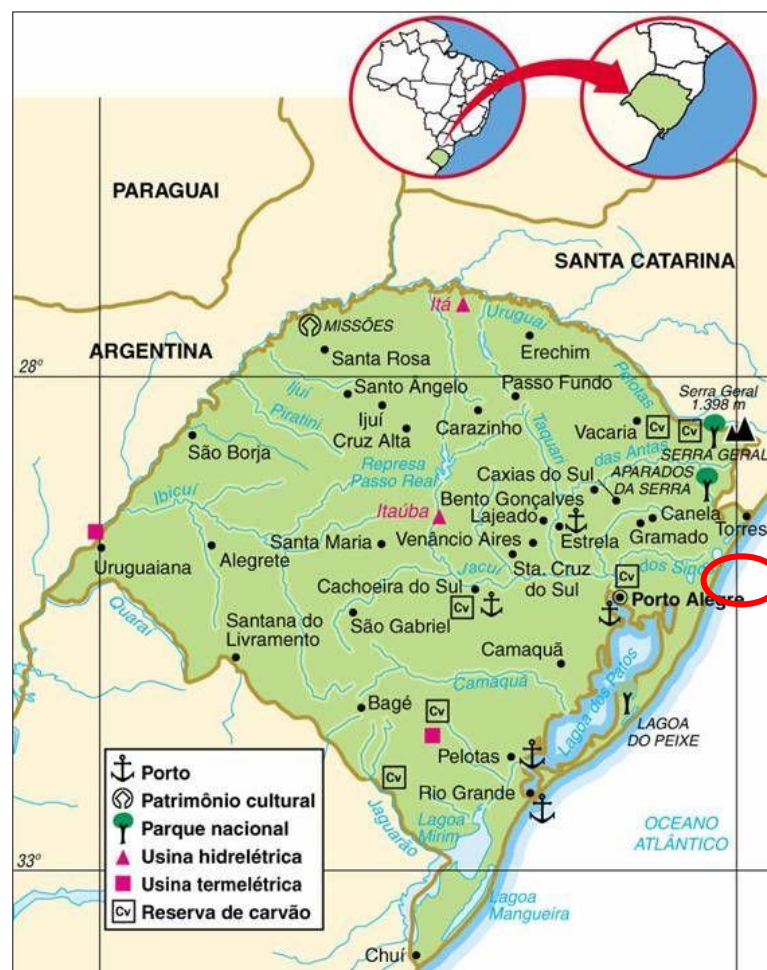


Figura 4 – Localização de Torres no estado do Rio Grande do Sul

Fonte: Site Enciclopédia Global (2019).

É possível chegar a Torres pela BR-101, pelo interior do município, ou então pela RS-389 (Estrada do Mar), que, como o próprio nome indica, transversaliza o município mais próximo às praias. Conforme é possível ver na Figura 5, Torres faz fronteira com o estado de Santa Catarina e com os municípios gaúchos de Arroio do Sal, Dom Pedro de Alcântara, Morrinhos do Sul e Mampituba. Torres está a 198 quilômetros de distância de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e a 280 quilômetros da capital catarinense, Florianópolis.



Figura 5 – Mapa do município de Torres/RS

Fonte: Site Google Maps (2019).

Resgatando aspectos históricos de Torres, segundo Ruy Ruben Ruschel (1984), a expedição náutica comandada por João de Lisboa chegou ao lugar em 1514 e nomeou-o de Ilha da Baya. A construção de uma guarnição militar, entre o final do século XVIII e início do século XIX, promoveu o início do povoamento da região. Vale destacar, porém, que os primeiros habitantes do lugar foram os povos tradicionais Guaranis Carijós, que sobreviviam da pesca, além de caça e cultivos agrícolas. Resquícios da presença destes povos foram encontrados em sambaquis¹⁶ e acredita-se que viveram na região até o ano de 1600 (IBGE,

¹⁶ Sítios arqueológicos formados por montanhas de cascas e moluscos, erguidas em baías e praias por povos que habitaram o litoral brasileiro. A palavra sambaqui tem origem tupi e significa “amontoado de conchas” (SUPERINTERESSANTE, 2011).

2017). Marcas da ancestralidade dos povos indígenas que habitaram a região são presentes na constituição do município. Destaca-se, por exemplo, o nome do rio que separa o lugar do estado de Santa Catarina: Mampituba (*‘rio de muitas curvas’* ou *‘pai do frio’*, em tupi-guarani). Há ainda o mito – histórica folclórica – de que a Lagoa do Violão, um dos pontos turísticos da cidade, formou-se a partir do choro lamurioso de uma jovem moça indígena, por seu amado, branco, sacrificado em um ritual de seu povo. Por chorar abraçada ao violão que pertencia ao jovem amado, as lágrimas da indígena acumularam-se no formato do instrumento (VIVA TORRES, 2021).

Em termos oficiais, o Sargento Manoel Ferreira Porto é considerado o fundador do município. O comandante da guarnição militar foi responsável por desenvolver o progresso da cidade, buscando incentivo governamental para a infraestrutura local e conseguindo autorização para a construção de uma igreja na cidade, em 1815 – a Igreja São Domingos. Em 1878, sob a denominação de freguesia São Domingo das Torres, emancipou-se de Conceição do Arroio, tornando-se o município de Torres, por meio do Decreto Estadual n.º 62, de 22 de janeiro 1890 (IBGE, 2017).

Atualmente, Torres tem Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,762, ocupando 335ª posição no ranking nacional, elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD-Brasil). De acordo com o IBGE, a taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade, em 2010, era de 98,4 % (IBGE, 2017). “Em 2018, o salário médio mensal era de 2.2 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 31.7%” (IBGE, 2017).

Tratando dos aspectos turísticos do município, destaca-se que seu desenvolvimento teve início a partir da iniciativa de José Antonio Picoral, ao construir, perto da praia o Hotel Picoral, em 1915. Com isso, o empresário organizou um roteiro turístico, tido como um dos mais importantes do estado, por seu pioneirismo (EBERHARDT, 2015).

Tratava-se de estabelecimento integrado com o hotel, chalés, fornecimento de luz e água, restaurante, lavanderia, carpintaria, serraria, bar, diversões, transportes, propaganda, “marketing”, etc. Torres passou a ser famosa como RAINHA DAS PRAIAS GAÚCHAS, lotando-se de veranistas a cada temporada. (RUSCHEL, 1996, p. 45, grifo do autor).

Com a popularização dos banhos de mar e dos balneários de praia e a beleza natural que Torres possui, a prática turística encontrou um caminho de desenvolvimento, atraindo mais veranistas a cada temporada e fazendo crescer os investimentos no setor. Segundo reportagem especial do jornal A Folha (2017), de Torres, os primeiros turistas buscaram a cidade para

passar o verão ainda em 1910, o que teve progresso com a construção do Balneário – Hotel – Picoral, cinco anos depois. “O hábito do verão à beira-mar pouco a pouco se difundiu, e a partir da década de 1920 Torres acabou por ser conhecida pelos rio-grandenses como um local da moda” (A FOLHA, 2017).

A década de 1950 foi importante para a atividade turística da cidade. O principal marco foi a construção do Hotel da Associação dos Amigos da Praia de Torres (SAPT), que contribuiu para a melhora no serviço de hospedagem, sendo um espaço valorizado e de estética europeia. Também foi nessa década que a orla marítima e a turistificação de pontos panorâmicos da cidade tornaram-se prioridade para a administração pública.

[...] houve considerável melhoria nas condições de saneamento, água e luz, principalmente na alta temporada. Foi o período de investimentos no Aeroporto de Torres e renovação do prédio de Correios e Telégrafos. A transferência do Cemitério Municipal e das sepulturas do platô da Torre Norte para às margens da BR-101, ocorreu no início da década de 60. Também, ocorreu o início do processo de desapropriação das imediações da Praia da Guarita, localizada ao sul do perímetro urbano, para fins da implantação de um Parque Estadual que valorizasse os aspectos geológicos e naturais. Idealizado pelo ambientalista José Lutzemberger, só foi construído na década de 70. (FLORES, 2010, p. 09).

Durante as décadas de 1980 e 1990, o mercado imobiliário de Torres recebeu investimentos e desenvolveu-se, atingindo seu ápice em 1992 (FALCÃO, 2000). Nos anos seguintes, as construções hoteleiras preencheram a orla marítima da cidade, e o aumento de turistas na alta temporada fez com que a administração municipal tivesse atitudes voltadas à preservação ambiental. Para o início da década 2000, Falcão (2000, p. 170) sugere, como obras de infraestrutura indispensáveis:

- a despoluição da Praia Grande, Prainha e Praia da Cal;
- a ampliação substancial do sistema de coleta e tratamento de esgoto cloacal;
- cuidados com o assoreamento e despoluição da Lagoa do Violão;
- a conclusão de hidrelétrica no Morro de São Braz, planejada para atender a demanda nos próximos 30 anos.

Num panorama atual, o município ainda enfrenta problemas de poluição das praias citadas no primeiro item, bem como da Lagoa do Violão, conforme citado no terceiro item. Além disso, ainda que a ampliação do sistema de coleta e tratamento de esgoto cloacal tenha acontecido nos últimos anos, percebem-se problemas relacionados ao saneamento básico e ao tratamento de resíduos, de acordo com o segundo item e, em relação ao último item, a não conclusão da obra da hidrelétrica, citada por Falcão (2000). Apesar dos problemas relacionados à infraestrutura, Torres é uma das cidades mais buscadas no Rio Grande do Sul, retomando o

dado já informado, recebendo mais de 60 mil turistas, entre eles, inclusive, segundos residentes.

Os turistas podem obter informações sobre o lugar, sua estrutura de serviços (hospedagem, alimentação e transporte) e seus pontos turísticos na *Casa do Turista*, localizada na Praça XV de Novembro, no coração da cidade. O local oferece serviços de informação, divulgação e orientação sobre roteiros, programações, serviços, informações históricas, culturais, naturais e artísticas (VIVA TORRES, 2021).

Em relação aos atrativos turísticos, além do cenário natural, a cidade oferece como atrativos e serviços turísticos, os destacados no Quadro 3:

Quadro 3 – Aparato turístico de Torres/RS

Hospedagem	Gastronomia	Atrativos turísticos: praias/paisagens	Atrativos turísticos: cultural/patrimoniais
<ul style="list-style-type: none"> • 15 hotéis; • três campings; • 15 pousadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • 20 bares, lancheiras e cafés; • 18 restaurantes. 	<ul style="list-style-type: none"> • seis praias; • dois parques de preservação ambiental; • duas lagoas; • um rio; • uma ilha; • três morros costeiros; 	<ul style="list-style-type: none"> • dois museus; • uma igreja; • uma casa cultural; • dois monumentos; • um <i>city tour</i>.

Fonte: Elaborado pela autora com base nas informações do Site Viva Torres (2020).

Considera-se importante ampliar as informações trazidas no quadro, desdobrando as colunas referentes aos atrativos turísticos – praias/paisagens e cultural/patrimoniais. Destacando o principal atrativo turístico de Torres, para iniciar o aprofundamento nas informações, apresentam-se as seis praias do quadro, sendo elas: Praia dos Molhes, Praia Grande, Praia do Meio (ou Prainha), Praia da Cal, Praia da Guarita e Praia da Itapeva. Somente a última não é localizada próximo ao centro da cidade, sendo mais frequentada por segundos residentes, veranistas e moradores que procuram um lugar menos movimentado. Todas as demais podem ser acessadas pelas principais vias da cidade, como as avenidas Barão do Rio Branco, XV de Novembro, que se conectam com a Avenida Beira Mar (VIVA TORRES, 2021).

Os parques de preservação ambiental são: o **Parque Estadual José Lutzenberger (Parque da Guarita)** e o **Parque Estadual da Itapeva**. O primeiro está localizado junto à Praia da Guarita, na área central da cidade, foi projetado pelo paisagista Bourle Marx e a execução do projeto foi feita pelo ambientalista José Lutzenberger, homenageado no nome do Parque. Possui espaços com gramado, além da praia, sendo buscado também para a prática de atividades físicas como caminhadas. A entrada é gratuita para quem acessa o parque a pé; para veículos não emplacados no município, as taxas seguem a tabela apresentada na Figura 6:

	Alta temporada (15 de dezembro a 1º de maio)	Baixa temporada (2 de maio a 14 de dezembro):
Valores de Estacionamento:	Tarifa única: (alta temporada)	Tarifa única: (baixa temporada)
Carro	R\$ 20,00	R\$ 10,00
Moto	R\$ 10,00	R\$ 5,00
Van	R\$ 100,00	R\$ 70,00
Ônibus / Motorhome	R\$ 150,00	R\$ 100,00

Figura 6 – Taxas de acesso Parque Parque Estadual José Lutzenberger

Fonte: Site Viva Torres (2021).

O Parque Estadual da Itapeva é localizado da região costeira sul do município, a 10km do centro da cidade, com acesso possível pela Estrada do Mar. O Parque está “[...] em meio a ecossistemas litorâneos – mar, dunas móveis, dunas fixadas por restinga, banhados, áreas alagáveis, mata paludosa e matas de restinga” (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA DO RIO GRANDE DO SUL, 2021).

Sobre as duas lagoas, destaca-se que estão localizadas em regiões opostas: a Lagoa do Violão (cuja lenda foi destacada anteriormente) está no centro urbano, próxima às principais praias, enquanto a Lagoa do Jacaré está localizada no limite com o município gaúcho de Morrinhos do Sul, no interior de Torres, a 9,5km do centro da cidade. A primeira é uma opção de lazer, com espaço para caminhadas e exercícios ao ar livre, frequentada, principalmente, por residentes e turistas que se estabelecem na parte urbana do município. Já a segunda é também uma área para estudos ambientais, sendo buscada, principalmente, por pesquisadores e ecoturistas, além de receber visitas que envolvem educação ambiental. Destaca-se, ainda que ambas as lagoas oferecem belas paisagens como produção de cartões postais (VIVA TORRES, 2021).

O Rio Mampituba, já mencionado em outros trechos do texto, demarca a fronteira entre o município e o estado de Santa Catarina. O rio nasce nos Campos de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, em São Francisco de Paula, desaguando no Oceano Atlântico. “Através de seus meandros pode ser apreciado nos passeios de barco, caiaque, stand-up paddle e jet-ski, permitindo a visualização dos municípios de Torres/ RS e Passo de Torres/SC, dos manguezais, da vegetação nativa e dos pássaros” (VIVA TORRES, 2021).

A ilha citada no quadro refere-se à Ilha dos Lobos, formação de origem vulcânica e

única ilha marítima do estado. Localizada a 1,8 km do litoral torrense, “[...] é um refúgio de lobos e leões marinhos, que utilizam o lugar como descanso em suas rotas migratórias, bem como aves de várias espécies, inclusive oceânicas, além de tartarugas, peixes, algas, corais e mariscos” (VIVA TORRES, 2021). O local é ponto turístico, sendo visitado em passeios de barcos¹⁷ que param próximos à Ilha para apreciação dos visitantes. Os barcos costumam ter seu ponto de saída e retorno na foz do Rio Mampituba, oferecendo a experiência do encontro entre o rio e o mar, além da vista panorâmica da costa torrense.

Destaca-se também que a Ilha dos Lobos é uma Unidade de Conservação (UC), chamado Refúgio de Vida Silvestre da Ilha dos Lobos. De acordo com informações disponíveis no site Viva Torres (2021), a área

[...] visa proteger ambientes naturais onde se asseguram condições para a existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora local e da fauna residente ou migratória. De acordo com o seu decreto de 04 de julho de 2005 o Refúgio de Vida Silvestre da Ilha dos Lobos tem como objetivo preservar os ecossistemas naturais existentes, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades controladas de educação ambiental, recreação e turismo ecológico.

A área também recebe pesquisadores, como visitantes, e passeios relacionados à educação ambiental, justamente por conta de sua condição de UC e por ser habitat de grande diversidade de fauna e flora marinhas.

Concluindo o desdobramento da coluna de atrativos turísticos praias/paisagens, fala-se sobre os três morros costeiros. São eles: Torre Norte (Morro do Farol), Torre do Meio (Morro das Furnas) e Torre Sul (fronteira entre a Praia da Guarita e a Praia da Itapeva). É por conta dessas três grandes falésias de frente para o mar que o município tem este nome: Torres. A Figura 7 mostra a disposição das torres na costa litorânea do município.

¹⁷ Para saber mais sobre os passeios de barco acessar: <torres.rs.gov.br/viva/barco/>. Acesso em: 30 jul. 2021.

Figura 7 – Torres Norte, do Meio e Sul



Fonte: Site A Folha (2017).

A Torre Norte abriga também o farol da cidade, sendo o único entre os três que permite o acesso de automóveis, “[...] sendo o local preferido de moradores e turistas para observar a imensidão do mar. Dele é possível avistar todas as praias, as torres, a lagoa do violão, a serra, as dunas do Parque da Itapeva e a Reserva Ecológica Ilha dos Lobos. É também um local propício para voos de parapente e parapente” (VIVA TORRES, 2021). O lugar é também buscado por pesquisadores, biólogos marinhos, por possibilitar o avistamento de baleias francas. Entre agosto e novembro de todos os anos, é possível observá-las cruzando o litoral gaúcho em direção ao norte, para procriar e criar seus filhotes em águas mais quentes.

A Torre do Meio, também conhecida como Morro das Furnas, é o mais extenso dos três, permitindo caminhar sobre seu platô, após a subida de uma pequena trilha. É possível atravessá-lo de um lado ao outro, com escadas que permitem o acesso às furnas e às praias da Cal e Guarita (Parque da Guarita). O lugar é cercado por histórias e lendas, envolvendo piratas, tesouros perdidos e sereias, além de outros seres místicos. Já a Torre Sul é a menor entre as três, localizada dentro do Parque da Guarita, o topo da torre tem acesso por uma escada de mais de 100 degraus. Do alto, é possível avistar o Parque e a Praia da Guarita, Praia da Itapeva, Morro do Meio, as dunas e a cidade (VIVA TORRES, 2021).

A coluna do quadro destinada aos atrativos turísticos culturais/patrimoniais inicia

pelos dois museus citados. Trata-se do Museu Histórico de Torres e o Chalé do Surfe. O primeiro está localizado no prédio onde, anteriormente, funcionou a prefeitura do município (na Rua Júlio de Castilhos, região que conserva prédios históricos da cidade). Além de estar aberto diariamente para visitação, o espaço conta também com a possibilidade de visita virtual¹⁸ (VIVA TORRES, 2021). Já o Chalé do Surfe está na região oposta ao primeiro museu, sendo localizado na Avenida Beira Mar, próximo à Praia dos Molhes – buscada principalmente por surfistas – e ao Rio Mampituba. Preservando a história do surfe, o lugar recebe apresentações musicais e conta com um acervo permanente, com peças de relevância sobre a história do surfe, tanto locais como nacionais. Por conta do momento pandêmico, o Chalé ainda estava fechado para visitação, no momento de conclusão da pesquisa.

A igreja referida no quadro é a Igreja Matriz São Domingo, localizada na região histórica da cidade, ao pé do Morro do Farol. Representa o marco inicial urbano de Torres, já que a cidade se desenvolveu em seu entorno. Destaca-se que, ao lado da igreja, está a casa número um do município. Sua construção teve início em 1819, sendo inaugurada em 24 de outubro de 1824. “A estrutura foi erguida por prisioneiros de guerra e representa a arquitetura luso-brasileira com trato barroco. Já a decoração interna tem estilo eclético, com traços neoclássicos e góticos” (GAÚCHA ZH, 2017).

A torre que acompanha a igreja, conforme é possível ver na Figura 8, foi construída em 1898. A igreja é a mais antiga do Litoral Norte gaúcho e foi tombada como patrimônio histórico e cultural do Rio Grande do Sul, em 1983.

Passou por obras de restauração (depois de ser interditada por má preservação) a partir de 2011, com recursos e contrapartidas provenientes de diversas fontes e sua reinauguração aconteceu em abril de 2017. A igreja guarda um acervo de esculturas e artigos religiosos históricos, alguns datados de sua fundação, que também foram restaurados. Além disso, durante o processo de restauração foram instalados um sino eletrônico (sem a necessidade de acionamento por corda), na torre, microfone no altar e caixas de som no interior da igreja, melhorando a acústica nas celebrações (GAÚCHA ZH, 2017).

¹⁸ Disponível em: <museuhistorico.redeculturatorres.org>. Acesso em: 29 jul. 2021.

Figura 8 – Igreja Matriz São Domingos



Fonte: Site Gaúcha ZH (2017).

Seguindo o desdobramento das informações, o próximo atrativo destacado é a Casa da Terra e do Artesanato, casa cultural localizada na Avenida Barão do Rio Branco, na entrada do centro da cidade. O objetivo do espaço é valorizar a produção de microempreendedores, comercializando o artesanato local e suvenires de Torres. Além disso, a casa promove a produção cultural e artística local, disponibilizando programação para moradores e turistas que quiserem conhecê-la (PREFEITURA MUNICIPAL DE TORRES, 2021).

Sobre os monumentos citados no quadro, são eles: o Monumento ao Surfista e o Oratório à Nossa Senhora dos Navegantes. O primeiro está localizado junto à SAPT, na Avenida Beira Mar, próximo também ao Chalé do Surfe. A obra é da artista plástica Leda Christina Nácul e chama-se “*Tube*”, o trabalho é construído em concreto representando um surfista deslizando em uma onda, conforme é possível ver na Figura 9. Já o Oratório à Nossa Senhora dos Navegantes (amplamente conhecido como Santinha) está localizado entre a Prainha e a Praia da Cal, no Morro do Farol, junto a uma vertente de água cristalina que sai da rocha. O local é procurado por devotos que ali, acendendo velas, fazem preces e deixam mensagens de agradecimento por graças alcançadas. O acesso ao local é feito por meio de um calçadão construído à beira mar que costeia o morro (VIVA TORRES, 2021).

Figura 9 – Monumento ao Surfista e Oratório à Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de imagens encontradas no Site da Prefeitura Municipal (2021).

Fechando o desdobramento, fala-se sobre o *city tour* que percorre os principais atrativos turístico da cidade. O passeio é orientado por um profissional guia de turismo e precisa ser contratado previamente em uma das agências de turismo de Torres. O *city tour* inclui visitas ao Parque Estadual José Lutzenberguer, Praia da Cal, Igreja São Domingos, Morro do Farol, Prainha, Praia Grande, Praia dos Molhes, barra do Rio Mampituba, Praça XV e Lagoa do Violão (VIVA TORRES, 2021).

Como é possível perceber, na Figura 10, os atrativos turísticos (destacados também no Quadro 3) estão localizados no centro da cidade ou têm relação direta com o mar, no caso das praias e dos parques de preservação natural. Vale ressaltar que a Lagoa do Jacaré e o Parque Estadual da Itapeva aparecem no Quadro 3, mas não constam na Figura 10, sendo os dois atrativos turísticos localizados em outros pontos do município. Além disso, é possível perceber que o Mapa Turístico não contempla praias menores, como a Praia de Santa Helena, Praia Webber, Praia Recreio, Praia Arroio Seco e Praia Paraíso, localizadas depois da Praia Itapeva e formadas basicamente por segundas residências e casas destinadas ao aluguel na temporada de veraneio.

Figura 11 – Área apresentada no mapa turístico em comparação com o mapa de Torres/RS



Fonte: Elaborada pela autora com base nas informações do Site *Google Maps* (2020).

Resgatando a característica turística de Torres, o Turismo de Sol e Praia, destaca-se que o seu desenvolvimento com ênfase na dimensão econômica, promove um dos desafios que marca os ecossistemas em que a prática está presente: a sazonalidade. Conforme Yázigi (2001, p. 157), “No litoral se vive e se trabalha. Sua linha costeira é pontilhada de convergências oceânicas e continentais. Desde o século XIX, pelo menos, o turismo litorâneo criou um mundo sazonal e de animação, em oposição à baixa estação. Isto cria ritmos contrastados para os que residem ao longo da costa”. Nessa lógica, outras atividades costumam ocupar o espaço deixado pela prática turística na geração de renda das destinações.

No caso de Torres, as informações sobre os espaços e atividades que se estabelecem economicamente durante o inverno não são expressivas como as informações turísticas, o que não permite a construção de quadro e desdobramento como feito anteriormente. A busca foi realizada em sites institucionais (prefeitura e secretarias municipais, estado secretarias estaduais, e órgãos federais), documentos oficiais, publicações (científicas e informativas).

Segundo relatório elaborado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE), o Produto Interno Bruto (PIB) do município, em 2018 foi de R\$ 1.138.188.862, correspondendo à 0,25% do PIB do Estado do Rio Grande do Sul (SEBRAE, 2019). Conforme é possível perceber na Figura 12, os setores de comércio e serviços compõem grande parte do PIB do município, movimentadas intensamente pela prática turística, durante o verão, principalmente.

Figura 12 – Participação dos setores no PIB¹⁹



Fonte: Relatório SEBRAE (2019).

Em Torres, ainda é possível perceber, como fonte de receitas municipais, a agricultura, majoritariamente, de plantio de cereais para grãos, como o arroz, pecuária, principalmente, de animais para abate e a pesca, na qual Torres é a líder da região (COREDE, 2015). Tratando da região em que o município está localizado, conforme Vianna e Rambo (2016), há no litoral do Rio Grande do Sul, uma diversidade para além do Turismo de Sol e Praia, que precisa ser estudada de forma ampla e profunda para mapeá-la. Desse modo, será possível fomentar potencialidades regionais conectadas com a atividade turística, no trabalho de um desenvolvimento sustentável e responsável ecossistemicamente.

Além das atividades destacadas no gráfico da Figura 4, a urbanização – construção civil – também tem participação considerável no desenvolvimento do município. De acordo com dados disponibilizados pelo Conselho Regional de Desenvolvimento (COREDE) Litoral Norte (2015), o setor de construção civil tem maior participação na economia da região, “[...] especialmente nos municípios que constituem centros de turismo sazonal, o que atrai grandes contingentes de trabalhadores” (COREDE, 2015, p. 15).

¹⁹ Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Torres.pdf. Acesso em: 25 jan. 2021.

Ressalta-se, porém, que além de incentivar investimentos na cidade, durante o ano inteiro, a atividade também provoca a expansão de aspectos desafiadores, que podem afetar a conservação da área urbana, próxima à praia, como a especulação imobiliária, por exemplo. O mercado imobiliário, aquecido na década de 1980, continua recebendo investimento, fazendo crescer o número de prédios em construção no centro da cidade, alterando a paisagem.

Na Figura 13, é possível ver a expansão imobiliária no entorno da Lagoa do Violão, localizada no centro urbano do município e próxima às principais praias movimentadas pela atividade turística, como a Praia da Cal e a Praia Grande. A área é residencial (com a presença de segundas residências) e também marcada pela presença de estabelecimentos comerciais e de serviços.

Figura 13 – Vista aérea Lagoa do Violão nas décadas de 1980 e 2000



Fonte: Elaborada pela autora, a partir de imagens encontradas no Site da Prefeitura Municipal (2020).

Além do processo de urbanização na área central da cidade, o aumento de pessoas instaladas na região e nas praias, durante a temporada, fez surgir também os condomínios horizontais fechados. De acordo com Luz (2011), Torres têm quatro áreas destinadas à construção desse modelo de habitação, “[...] duas se localizam em áreas de APP²⁰, e duas em zonas de menor impacto ambiental” (LUZ, 2011, p. 10). Isso sinaliza para ações de desenvolvimento pautadas pelo cuidado, com atenção e respeito ao ecossistema todo. O desafio já é pensado em pesquisas que apontam os danos que ações que não considerem integralmente o lugar podem causar. No caso de Torres, destaca-se a relação entre a ocupação urbana em faixa de dunas e as interferências ao meio ambiente da região, como trata o estudo de Luz (2011).

²⁰ Área de Preservação Permanente, nota nossa.

A construção de uma prática turística ecossistêmica, preocupada com os espaços de ‘onda’ e também de ‘repuxo’, é importante para a preservação/conservação histórica, cultural e ambiental do município.

4.1 FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO

O Festival Internacional de Balonismo é um evento organizado pela Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria de Turismo. As edições acontecem anualmente entre abril e maio, tendo como sede o Parque do Balonismo.

Morar próximo ao Parque do Balonismo, em Torres, significa morar distante do centro. A paisagem da região é alterada dos prédios, asfalto, areia e mar para casas, campos, pássaros e vacas. Significa também ver de perto o céu se colorir com pontos flutuantes que parecem pequeninos lá em cima, na imensidão azul. Ver os balões voar provoca sempre uma emoção diferente, alegre, mágica. Morar nos bairros afastados do centro de Torres, entre outros benefícios, concede a possibilidade de presenciar o início ou o fim do voo de um ou diversos balões. Os moradores interagem com as equipes de balonistas, com a imprensa que cobre o evento, vê as paisagens da região nos noticiários e marca a vivência dos moradores do interior como um dos aspectos positivo de residir em Torres.

Há um envolvimento diferente com o episódio, por parte dos moradores do lugar. Para além da magia que desperta, o voo dos balões promove uma ‘conversa’ entre a região marcada pela ‘Onda’ do Turismo e a região marcada pelo ‘Repuxo’ do Turismo. Por este motivo, além do fato de que o evento aparece em algumas das ‘com-versações’ de moradores, é que o Festival Internacional de Balonismo é apresentado como seção individual no presente capítulo. Pode-se compreender o evento como um sinalizador de afetivação e entrelaçamento entre a ‘Onda’ e o ‘Repuxo’, entre os moradores e os turistas, entre a prática turística e os outros espaços para além da praia e a cidade. A Figura 14 mostra balões sobrevoando os campos localizados nos bairros periféricos e no interior do município.

Figura 14 – Balões sobrevoam o interior de Torres/RS



Fonte: Site do Festival Internacional de Balonismo (2021).

Resgatando a história do Festival, destaca-se que seu surgimento se deu por meio da segunda edição da feira agrícola Febanana²¹, realizada em Torres, em 1989, que trouxe balões de ar quente para promover a feira, como uma atração menor. Os balões fizeram tanto sucesso que, em outubro do mesmo ano, ganharam um evento individual, o 1º Festival Sul brasileiro de Balonismo, sendo realizado anualmente desde então. O evento recebeu o nome de Festival Internacional de Balonismo, na edição realizada em 2000. “Por seus 30 anos de história, Torres já é considerada a Capital Brasileira do Balonismo e a maior referência da modalidade em toda a América Latina” (FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO, 2021).

O evento acontece desde 1990 entre os meses de abril e maio, coincidindo com algum feriado, como forma de promover a movimentação turística na cidade durante o período em que o sol e a praia não são sustentados pelo verão. De acordo com as informações disponibilizadas no site do Festival, a edição de 2019 contou com mais de 20 mil visitantes e mais de 60 pilotos, que disputaram as competições.

Atualmente, o Festival acontece durante quatro dias, no Parque do Balonismo, localizado na entrada da cidade, com acesso pela Avenida Castelo Branco, conforme é possível perceber na Figura 15. O Parque, durante os dias de Festival, é movimentado com outras

²¹ A feira teve somente duas edições: 1988 e 1989 (JORNAL NORTE SUL, 2018).

5 NARRATIVAS E ‘COM-VERSAÇÕES’ COM MORADORES DE TORRES/RS

Chega-se ao momento de apresentação das narrativas dos moradores, derivadas das ‘com-versações’ realizadas no segundo semestre de 2020. Antes de apresentar as narrativas, acompanhadas na sequência de ‘com-versações’ com os autores, a abertura do presente capítulo traz a narrativa da pesquisadora, que residiu em Torres/RS durante sua infância e adolescência, conforme já foi relatado. Essa primeira narrativa é importante, por apresentar as ideias iniciais da pesquisa, que representam a trama agenciadora da reflexão desta dissertação, ponto de partida para refletir o objeto de estudo. Dessa forma, o texto que segue é apresentado na primeira pessoa do singular, contendo trechos de diário de pesquisa – correspondente à Trilha de Saberes Pessoais da Cartografia de Saberes. Assim, em coerência com a estratégia metodológica adotada, a pesquisadora é a primeira moradora de Torres, a produzir narrativas e a estar em ‘com-versação’ nesta pesquisa. Segue a narrativa.

Ainda no início do processo de pesquisa da dissertação, depois que meus relatos no Amorcomtur!, como moradora de Torres, fizeram brotar o objeto de estudo que desenvolvi no Mestrado, eu e a orientadora percebemos a importância que seria refazer o caminho de casa, da minha casa em Torres. Revisitar aquele espaço, caminhando pelas minhas lembranças, nos trouxe pistas importantes de como seguir a discussão sobre ‘Repuxo’ do Turismo. Isso porque o lugar onde morei era marcado por características contrastantes às sustentadas pela atividade turística. Assim, a escrita do projeto de pesquisa, naquele momento, iniciou-se com a apresentação do caminho entre minha casa e o mar.

Escolho iniciar este relato resgatando dois trechos da narrativa que compôs o projeto de pesquisa: o início e o final da caminhada para o encontro com o mar. Esses dois trechos destacam aspectos importantes, que contribuem para a compreensão da discussão proposta na presente pesquisa. A seguir, o trecho que traz os primeiros passos da caminhada e as primeiras reflexões.

Ao sair da minha casa, havia um campo verde, com algumas cabeças de gado e, ao fundo, a estrada de chão que nos conectava com o resto do bairro. Junto a nossa casa, tínhamos um galinheiro e duas estufas. Nessa época, eu era adolescente e meus pais eram produtores de fumo. A plantação começava bem perto das janelas de nossos quartos. Nossa casa era de madeira e minha vida era caminhar de chinelo, ter amizade com muitos animais e ler nos galhos das árvores.

Para chegar até a estrada principal, era preciso atravessar o pedaço de terra descampado, por um ‘carreiro’ improvisado com cascalhos e terra. O espaço era delimitado

com uma cerca de postes de madeira e arame. O som rangido da porteira anunciava que alguém estava a caminho de minha casa, ou saindo para a ‘cidade’.

A estrada de terra solta, pelo tempo pouco úmido, seguia, à esquerda, para se conectar à Estrada do Mar. Desse ponto em diante, era possível seguir a caminhada até a praia, o destino desse relato. A paisagem começava verde, sem casas no caminho, atravessando uma plantação de eucaliptos. Aquele espaço me proporcionava imaginar muitas coisas, eu passava todos os dias por ali para ir à escola. Durante os sete anos em que moramos no sítio, eu me imaginava adulta, indo trabalhar, fazer coisas importantes, no meu cargo importante. Em outras vezes, aquele caminho me levava aos estádios de futebol, que eu sonhava em conhecer.

As árvores iam acabando, depois de 500 metros caminhados, e a alteração da paisagem vinha sem avisar: campo aberto, barulhos de veículos grandes e pesados, que saíam e entravam do lugar de extração de terra. Algumas casas surgiam no caminho e, a 500 metros de distância, lá estava a Estrada do Mar.

Na beira da Estrada, eu pegava um ônibus coletivo que conectava os bairros periféricos ao centro da cidade. Por vezes, escutava de meu avô dizer: “Vou pra Torres”, se referindo ao deslocamento até o centro da cidade.

O final deste trecho de meu relato traz um dos primeiros aspectos importantes na reflexão sobre o objeto de pesquisa. Toda vez que eu escutava alguém dizer que ‘iria para Torres’, o que acontecia frequentemente, achava engraçado... Afinal, já estávamos em Torres. Eu costumava interromper a fala das pessoas para reforçar que se deveria dizer: ‘vou ao centro, pois em Torres você já está’.

Hoje, como pesquisadora, esse fato me chamou a atenção de outra forma, funcionando como pista, para pensar a relação das pessoas com a cidade onde moram. Surgiram alguns questionamentos: será que elas não se reconheciam como moradoras da cidade? Será que, para elas, a cidade não representava o mesmo, do que significava para quem mora em outros lugares? Por que isso acontecia? Será que a condição de cidade turística implicava alguma coisa, na fala dos moradores?

A potência da narrativa produzida a partir das minhas lembranças, do caminho entre minha antiga casa e o mar, apareceu também no final dessa caminhada. Há no encontro com o mar uma potência, também no repuxo, que permitiu desenvolver a pesquisa.

Depois de quase oito quilômetros percorridos, desde o momento em que deixei minha antiga casa, pelo caminho das minhas memórias, tinha como recompensa ver crescer a cor azul entre os prédios baixos, abrindo-se uma clareira de céu e mar a minha frente. Esse era meu caminho preferido, para chegar às praias Grande ou Prainha. Subir a lomba do Banco do Brasil era prazeroso, porque, antes de a rua ficar plana, havia uma descida, e a rua acabava de frente para o mar, com poucas construções de um lado e com uma praça aberta – Praça Borges de Medeiros – do outro. Como o asfalto é mais alto que a praia, os olhos não veem a areia, encontrando-se diretamente com o azul do mar. Havia sempre certa magia, no momento de encontro direto com o mar ‘pelo olhar’.

Esta lembrança me faz refletir que talvez seja por isso mesmo que é esse o caminho escolhido, para me encontrar com o mar, todas as vezes que volto a Torres: no centro, subo a rua do Banco do Brasil de forma intrínseca a minha visita.

Desenvolver a pesquisa me possibilitou descobrir outros caminhos para fazer esse encontro, mesmo longe de Torres. Descobri, também, que tenho um mar imenso, azul e forte dentro de mim. Para escrever esse texto, lembro-me a todo momento que a mistura entre os tons do céu e do mar cria uma linha no horizonte, capaz de me transportar para o outro lado... me fazendo imaginar o que há depois da curva da Terra, ou despertando a curiosidade sobre se, em algum lugar, as estrelas tocam a água. Sinto como se houvesse um encontro dentro de mim. Um encontro que me puxava e me fez caminhar, também na pesquisa. Penso, então, que, no horizonte, está a utopia de Galeano (2007, p. 310): “aquela que serve para nos fazer caminhar”.

O trajeto que caminhei para apresentar a presente dissertação fortaleceu meu laço afetivo com o lugar onde cresci e aprendi a ver o mundo. Torres e o interior em que morei marcam minhas vivências até os dias atuais, sejam elas pessoais ou relacionadas à pesquisa, destacando aqui as proposições epistemológicas ‘Repuxo’ do Turismo e Narrativas Artesãs, como propostas que buscam reconhecer (também) o que é simples, as miudezas cotidianas que também compõem a trama da realidade. Sei que esses aspectos orientam minhas produções científicas, porque sempre orientaram minha relação com o ecossistema.

Destaco que minhas visitas a Torres, durante o desenvolvimento da pesquisa até sua defesa, aconteceram por meio de minhas lembranças e pelas ‘com-versações’ com os moradores, o que tornou ainda mais saborosa a produção das narrativas, pois elas eram oportunidades de (re)visitar lugares de Torres, pelo olhar do outro.

Entre os muitos movimentos de corrente de retorno que transversalizaram o desenvolvimento de minha dissertação, o mais forte deles me puxou para dentro de casa, literalmente (e também para dentro de mim mesma), impossibilitando a ida a Torres e o encontro com os moradores para a produção das ‘com-versações’. As implicações que a Pandemia COVID-19 tem causado no desenvolvimento da pesquisa já foram destacadas no Capítulo 2, referente aos aspectos metodológicos. Nesse relato, gostaria de falar sobre ser pesquisadora em ‘não-movimento’ em um momento tragicamente histórico como este.

Mergulhei no mar teórico do Turismo, realizei o mesmo movimento com as Narrativas Artesãs e com os dados informativos sobre Torres. Gostaria de ter fisicamente mergulhado no encontro com o campo da pesquisa, mas precisei ressignificar meu movimento, me desterritorializando para Torres, me aproximando dos lugares, por meio das ‘com-versações’

com os moradores. Com as alterações necessárias na produção das ‘com-versações’, que passaram a ser remotas, em vídeochamadas, minha trama interna também se alterou, me mostrando que minha relação com Torres já não era mais a mesma do tempo em que fui residente, e também já era diferente da última vez em que estive no lugar como visitante. O afastamento físico, causado pelo cenário pandêmico, provocou um olhar para dentro, um mergulho interior.

O mergulho nas ‘com-versações’ aconteceu, mesmo que não fisicamente. Nesse mergulho, pude (re)conhecer o repuxo, de mim mesma, de minha relação com Torres, com o Turismo, com a Comunicação, com a pesquisa. Na corrente de retorno com Torres, pude ver as amarrações do meu laço afetivo, principalmente com o lugar da roça, mas reconhecendo as singularidades pela proximidade com a praia.

Mesmo que meu relato se faça presente (nesse momento como moradora desterritorializada de Torres e como moradora desterritorializada da pesquisa), destaco que esta dissertação tem como vozes principais os moradores, as narrativas contadas no presente capítulo.

Em síntese, posso dizer que o que eu quis com esta pesquisa foi demonstrar que há um espaço, em Torres, que não vive diretamente do turismo, correspondendo ao lugar onde morei, e que também faz parte do município, também é Torres. O interior pauta um cotidiano que também chega à beira da praia, ao ‘mar’ do Turismo. No movimento de repuxo, foi possível encontrar sinalizadores da orientação dessa vivência.

Dessa vez, a caminhada em direção à praia é feita pelas narrativas dos moradores. A partir delas, encontrei-me não só com o mar de Torres – e do Turismo –, mas também com uma corrente de retorno que possibilitou caminhar pela areia ‘catando conchinhas’. Antes de seguir para essa caminhada, nos próximos parágrafos, apresento a organização do presente capítulo.

Os itens do capítulo são organizados para apresentar narrativas a partir da ‘com-versação’ com cada um dos sujeitos, individualmente. Sobre a produção dessas narrativas, destaca-se que foi desenvolvido um texto apresentando cada um dos moradores, sua história de vida e sua relação com o lugar. A proposta aqui é a operacionalização da produção de narrativas sensíveis, em coerência com o que está sinalizado no capítulo dos aspectos metodológicos.

Há, nas narrativas, a presença de dois tempos verbais: o passado quando o texto tratar de aspectos gerais da ‘com-versação’, como descrição preliminar de como o encontro entre pesquisadora e morador aconteceu, e o presente que marca as narrativas decorrentes de cada ‘com-versação’, seguindo a orientação do critério jornalístico de presentificação da/na

narrativa. Ressalta-se, ainda, a presença de imagens acompanhando algumas narrativas, tendo como intenção apresentar marcas da ‘Onda’ do Turismo (como atrativos) ou do ‘Repuxo’ do Turismo (como o lugar de residência), nas falas dos moradores.

Os nomes citados nas narrativas são fictícios. O critério para escolha dos codinomes já sinaliza um dos aspectos destacados pelas ‘com-versações’: é possível perceber nos relatos a simplicidade como constância, inclusive nas relações com o lugar e com o Turismo. Dessa forma, os codinomes foram escolhidos a partir de nomes que tenham a simplicidade como característica, correspondendo ao traço dos sujeitos do ‘Repuxo’ do Turismo em Torres.

5.1 AMÉLIA - ‘NO VAI E VEM DAS MARÉS’

O convite para participar da pesquisa foi recebido com entusiasmo por Amélia. Havia entusiasmo também para falar da cidade, compartilhar a vivência, buscando, em diversos momentos, resgatar detalhes das lembranças. A ‘com-versação’ com Amélia aconteceu na primeira noite de inverno: 21 de junho, marcando também o início da produção das ‘com-versações’.

No relato sobre sua história de vida e a respeito de sua relação com Torres, há marcas das mudanças de residências. Os deslocamentos entre Torres e outros municípios da região – tanto no estado do Rio Grande do Sul quanto em Santa Catarina – foram constantes, mas algo sempre fez com que ela retornasse a Torres. Durante a ‘com-versação’, ela reconhece sua conexão com o lugar.

A psicóloga, de 27 anos, nasceu em Torres/RS, onde morou com os pais até, aproximadamente, um ano de idade. Nesse período, a residência era no bairro Praia da Cal, que também dá nome a uma das praias movimentadas pelo turismo no verão, lugar onde residia quando a ‘com-versação’ aconteceu, em 2020²². Reconhecendo a relação com o lugar que lhe acolheu diversas vezes, Amélia, brinca: “*Não sei Jennifer, acho que eu nasci e vou morrer na Praia da Cal (risos)!*”.

Conta que, ainda criança, em um dos retornos a Torres, os pais trabalharam de caseiros (zeladores) de uma residência localizada próxima à Ponte Pênsil, que atravessa o Rio Mampituba, marca da fronteira com o estado de Santa Catarina e ponto turístico da cidade (conforme a Figura 16). Lembra que os donos da residência visitavam o lugar no período de férias de verão, indo pouquíssimas vezes ao lugar, nos demais momentos do ano.

²² Hoje Amélia reside em Passo de Torres, município de Santa Catarina, fronteira de Torres.

Figura 16 – Ponte Pênsil sobre o Rio Mampituba



Fonte: Site Viva Torres (2021).

Sobre a Praia da Cal, Amélia comenta as alterações na paisagem do bairro, durante os anos. A população das décadas de 1990 e 2000 era consideravelmente menor que a população atual. A moradora ressaltava também as alterações de movimentos entre o inverno e o verão: a atividade turística trazia novos vizinhos durante o veraneio. Ela conta que diversos moradores deixavam suas casas, oferecendo-as para aluguel. *“Muitas vezes os moradores ficavam em uma casa menor, construída nos fundos da casa principal, como se fosse uma casa de apoio. Outras vezes, eles saíam para a casa de algum parente em um bairro mais afastado, com uma mini mudança temporária.”* Além disso, Amélia destaca a presença de uma pequena pousada familiar próxima à casa onde morava que contribuiu para o aumento da movimentação de pessoas pelo bairro, principalmente no verão. Além da Praia da Cal, ela morou também nos bairros São Jorge (localizado em região periférica, com acesso pela Estrada do Mar), Curtume (bairro localizado entre a região central e a região marcada por aspectos rurais e periféricos) e, também, no Centro da cidade.

Entre as diferenças de residir em bairros mais afastados, na comparação com suas vivências de moradia em bairros centrais, a moradora destaca a dificuldade de acesso às praias movimentadas pelo turismo no verão (Praia Grande, Praia dos Molhes, Praia da Guarita, Prainha e Praia da Cal) e também ao centro da cidade. *“Eu sempre gostei das praias daqui. Gosto de estar em contato com a natureza, mas, nas vezes que morei longe do centro, era sempre bem difícil chegar. Os ônibus não eram frequentes, no inverno menos ainda e, no verão,*

o movimento, o aumento de pessoas nas ruas, no trânsito, me incomodava um pouco. Agora acho que acostumei com esse movimento e moro mais perto das coisas agora, consigo aproveitar mais e me incomodar menos (risos).”.

Em todos os períodos em que residiu em outros municípios, as viagens a Torres sempre foram recorrentes, para ver os familiares e amigos, mas também para manter o laço afetivo com o lugar, com a paisagem, com a tranquilidade, segundo a moradora. Ela diz que, no verão, durante as férias, fazia questão de ficar mais tempo em Torres. Esse fato leva Amélia a afirmar que, mesmo naqueles momentos de visitas, ela não se sentisse visitante ou turista. *“É que é difícil separar, porque eu sou daqui!”*. A relação de Amélia com o lugar é afetiva e afetivada, ou seja, marcada pelo acionamento dos afetos. Nesse sentido, é possível perceber que a moradora fala de Torres com apreço e preocupação.

Em diversos momentos da ‘com-versação’, ela ressalta os aspectos relacionados à segurança, às belezas naturais e, também, à tranquilidade, como dimensões que a fazem gostar e cultivar moradia na cidade. *“Toda vez que eu estou voltando para cidade, de algum trabalho em outro lugar, eu me sinto bem. Eu sinto que estou voltando para casa. Me sinto privilegiada de morar em um lugar tão bonito e perto das pessoas que conheço e gosto. Além de ser um lugar seguro, mesmo com problemas comuns, aqui é seguro. Eu me sinto segura de caminhar sozinha na praia todas as manhãs, cedinho. Torres me traz acolhimento e amparo, de estar em casa!”*.

Para ela, esses aspectos também destacam Torres no cenário turístico, propondo a tranquilidade do lugar como um atrativo desse cenário. *“Acho que Torres tem uma tranquilidade de lugar pequeno, de interior, que o turista que só visita a praia também sente. As minhas próprias experiências como moradora, próxima aos pontos turísticos, mostraram que até lá é tranquilo.”*. Por outro lado, salienta que os investimentos em turismo devem ser planejados de forma integral, para além do espaço e período em que a prática tem ênfase, diferentemente do que parece acontecer agora. *“As melhorias na cidade só acontecem perto do verão e voltadas para o turismo, como pracinhas em pontos turísticos. Acho que essas melhorias precisam acontecer no município todo, em todas as épocas do ano e não só relacionadas ao turismo. Até porque, estrutura para o morador é estrutura para o turista também.”*.

Ainda em relação à dimensão turística de Torres, a moradora ressalta a forte presença da atividade na economia do município, mesmo fora da temporada, pontuando a influência do turismo, principalmente, na construção civil. *“O mercado imobiliário tem recebido bastante investimento, dá para perceber um desenvolvimento do setor, mas é preciso reconhecer que*

isso acontece por grande influência do turismo. Muitas pessoas vêm visitar e depois compram um imóvel aqui, muita gente compra para alugar na temporada, moradores constroem para isso, tem uma grande movimentação de aposentados que se mudam para cá. Então, o turismo em Torres influencia direta e indiretamente no desenvolvimento do município, como um todo.”.

Em relação à profissão, Amélia afirma que a maioria de seus pacientes reside na cidade, mas nem todos são naturais de Torres. Encontrou diversas possibilidades de trabalho na área, fazendo parcerias com outros profissionais, buscando espaços onde poderia atender até montar seu próprio consultório e conseguiu se estabelecer rapidamente, trabalhando exclusivamente como psicóloga. Quando perguntada sobre as alterações provocadas pelo verão em seu trabalho, Amélia diz que, no inverno, o número de pacientes é muito maior. Ela mesma ressalta que essa característica não se estende para diversas outras áreas, movimentadas no verão pela atividade turística (direta ou indiretamente). Amélia complementa: *“No verão ninguém quer resolver problemas (risos). Essas coisas só se pensa a partir de março (risos)!”.*

5.2 JOSEFA - ‘ENTRE O REPUXO E A ONDA’

A conexão com Torres, na segunda ‘com-versação’, foi feita durante uma tarde ensolarada de inverno, dia 12 de julho de 2020. Josefa estava sentada próxima à janela e ativou a câmera, dizendo que estava aproveitando o calor, esticada ao sol. Era possível ver um pouco da paisagem verde, pela janela, próxima de onde a moradora estava sentada.

A estudante de Arquitetura, de 26 anos, nasceu e sempre morou em Torres, com vivências no bairro Vila São João – onde mora atualmente – e em bairro próximo ao centro. O bairro Vila São João é localizado às margens da BR-101, no interior do município, a 6 km do centro da cidade, conforme mostra a Figura 17. Ela descreve o bairro como um lugar seguro, tranquilo, residencial. *“Mesmo sendo distante do centro, o bairro é bem abastecido. As coisas mais necessárias, digamos assim, como mercado, farmácia, escola, posto de saúde tem aqui por perto, no bairro mesmo.”.*

Figura 17 – Vista parcial do bairro Vila São João



Fonte: Site A Folha (2019).

De toda forma, Josefa ressalta que não vê o bairro sem o centro da cidade, afirmando também que gosta daquele espaço. A importância da presença do centro para a Vila São João, segundo a moradora, se dá pelo fato de que muitos moradores se deslocam para trabalhar nos setores de comércio e serviços, alocados no centro da cidade. Essa movimentação faz com que a economia do bairro seja sustentável. *“Eu trabalhei no hospital durante seis anos e meio, ia e voltava de ônibus, todos os dias, que sempre estavam lotados de pessoas indo ou voltando do trabalho.”*. Ainda sobre aspectos econômicos e de emprego, a moradora comenta sobre o fato de a economia municipal ser sustentada pelo verão. *“É mais no verão que as pessoas trabalham horrores. Muitas pessoas trabalham no verão e não trabalham no inverno, como o pessoal dos quiosques, das lojas com vagas temporárias.”*

Sobre o movimento entre a Vila São João e o centro de Torres, para o trabalho no hospital, Josefa destaca a grande diferença entre verão e inverno, em diversos aspectos, como o transporte público, o tempo do percurso para o trabalho e o aumento de demandas no hospital. Sobre os atendimentos, ela afirma que a busca por atendimento aumenta entre os conveniados em planos de saúde, principalmente de cidades como Porto Alegre/RS e Caxias do Sul/RS. *“Além dos casos de réveillon, carnaval... que a galera exagera e vai para o hospital por vários motivos (risos)!”*. Já sobre o transporte e o trânsito, Josefa ressalta que o aumento de usuários

no transporte público, que se movimentam entre o bairro e o centro, em conjunto ao aumento de veículos nas vias, torna o percurso entre a Vila São João e os bairros centrais mais demorado e desafiador.

A moradora afirma que o município precisa de melhorias em diversas dimensões, mas que, apesar disso, ama Torres, ama morar no lugar. Um dos primeiros aspectos citados por ela, para justificar o sentimento, foi a presença de belas paisagens naturais. Josefa destacou também a tranquilidade do lugar, dizendo: *“Não tem tanta gente, não tem tanto trânsito, não tem tanta violência.”*. Além disso, comenta que os empregos na cidade podem não remunerar bem, como em outros lugares, mas que o custo de vida também não é alto. *“É possível se manter, comprar algumas coisas, fazer algumas coisas, mas com qualidade de vida.”*

Da relação com a atividade turística, no verão, a única coisa que a moradora diz incomodar é o trânsito que, por ficar mais lento, faz com que o tempo dos trajetos fique mais longo do que em outros períodos. Ressalta que o planejamento de uma infraestrutura pensada em atender o aumento de veículos poderia solucionar o problema. *“Quanto aos turistas, eu acho muito bom. Gosto de ver as pessoas diferentes. Claro que há casos de pessoas que não respeitam, que acham que, por serem turistas, não há regra, jogam lixo em qualquer lugar. Mas sei que isso acontece em todos os lugares. Então, no geral, eu gosto de saber que as pessoas vêm para cá. A cidade precisa delas, já que muitas pessoas tiram seu sustento do turismo.”*

Outro aspecto que Josefa apresenta, para justificar que gosta da presença dos turistas na cidade, é o fato de que o movimento provocado pelo turismo faz com que a cidade ofereça mais opções de lazer, também aos moradores durante o verão. *“No inverno não tem o que fazer aqui. Os restaurantes fecham cedo, muitos nem abrem à noite. As baladas são sempre as mesmas, com as mesmas pessoas, é difícil ter aonde ir, ter algo diferente para fazer. Já no verão tem uma vivacidade diferente, é bom ver as pessoas caminhando na rua.”*

Ainda sobre os investimentos em infraestrutura, Josefa concorda com as melhorias promovidas recentemente referentes à prática turística, dizendo que muitos moradores reclamam da destinação de verbas para esse setor, sem compreender que a atividade é importante para o município e precisa ser valorizada. *“Também concordo que é preciso não esquecer dos moradores, é preciso melhorar a cidade para a gente também! [...] Eu sinto que algumas informações ficam fechadas na prefeitura. Aqui na Vila não tem coleta de lixo seletivo, por exemplo, e a gente não sabe dizer porquê.”*

Partindo da fala anterior da moradora, em que ela pontua a importância da atividade turística no município, pergunto o que ela reconhece em Torres, para além do Turismo, como

meio de trabalho, de fonte de renda para os moradores. Josefa reforça, em sua resposta, que a atividade turística é a responsável por movimentar a economia da cidade, não percebendo outras atividades além do turismo. Um aspecto interessante ressaltado por ela, sobre o assunto, refere-se ao fato de que a maioria dos atrativos turísticos têm acesso livre, sem custo, tanto para moradores quanto para turistas. *“As paisagens chamam os turistas para cá, mas é no comércio que eles gastam.”*

5.3 JOÃO - ‘APAIXONADO POR TORRES’

Dessa vez o encontro com Torres aconteceu durante uma noite fria, já no final do inverno, em 31 de agosto de 2020. A ‘com-versação’ é com João, torrense de 45 anos, servidor público municipal. Atualmente reside no bairro Faxinal, na fronteira com o bairro Campo Bonito, que também marca sua vivência no município. O primeiro bairro é transversalizado pela Estrada do Mar e o segundo, pela BR-101, o que sinaliza a localização de ambos em relação ao centro da cidade. João disse que mora no mesmo lugar há 34 anos, sentindo que criou raízes ali.

O morador comenta sobre as alterações na paisagem do lugar. *“Onde é minha casa hoje, antes era um morro. Atrás aqui de casa era mato, agora já não tem mais. Quando eu ia até o Campo Bonito, tinha só a estradinha para passar. Hoje tem casas até aqui na frente.”*. Mesmo com essas alterações, João destaca que é bom saber que sua filha e seu filho podem crescer tendo contato com a tranquilidade e a natureza do lugar, assim como ele. *“Aqui eles têm mais liberdade. Eles podem ver a natureza, os animais, ter espaço para brincar, mas eles também estão perto da cidade. A gente não mora longe.”*. O morador diz que não trocaria o lugar de sua residência, que gosta de morar no interior e deslocar-se para a cidade, somente para trabalhar, ressaltando a liberdade e a segurança que tem morando no bairro. *“Teve um tempo que a cidade era mais perigosa, agora está mais tranquilo. Os lugares que antes eram mais violentos agora têm até pousadinhas. As pessoas que visitam Torres se hospedam lá!”*.

Ele acredita que esse movimento turístico faz com que as pessoas queiram conservar a harmonia no bairro e que também aproxima os turistas do cotidiano da cidade, saindo das hospedagens habituais do centro. Nesse sentido, resalta ainda, que as hospedagens nos bairros desafogam o centro, mesmo que a cada verão ele esteja movimentado por turistas. *“Cada verão tem mais gente, e vai ficar cada vez pior. Sabe por quê? Porque a cada verão o centro tem menos casas e mais prédios. Se você pegar uma foto de quatro anos atrás, ali de perto da Praia Grande, por exemplo, e passar pelo mesmo lugar agora, não vai ter a metade das casas que*

tinham antes. Se todos os prédios que surgem tiverem alugados ou vendidos, imagina quantas pessoas não vêm no verão?! Nesse sentido, o turismo está 'bombando' em Torres!"

Em relação ao município, João afirma gostar de Torres. Diz que é um privilégio morar na cidade. *“Sou um apaixonado por Torres. Mesmo não indo nos pontos turísticos, eu conheço todos. Na verdade, agora tenho visitado eles, quase todos os dias, por causa do trabalho. Às vezes, envio foto para minha esposa lá da Guarita, do Morro do Farol, e ela me pergunta se estou trabalhando ou passeando (risos). Eu respondo que estou fazendo os dois (risos)!”*. O servidor público trabalha na manutenção da iluminação pública do município, atendendo tanto o centro e as praias, quanto o interior. Comenta que o trabalho lhe permite perceber os contrastes entre as paisagens do centro e do interior, a simplicidade das casas e das pessoas que sempre tratam ele e os colegas muito bem. *“Quando a gente vai lá para o interior – aqui já é interior, mas tem lugar mais interior ainda (risos) – parece que o tempo passa diferente. As pessoas vivem num outro ritmo, com certeza.”*

Em relação à atividade turística, o morador comenta que é importante que o turista procure conhecer a rotina do lugar. Em Torres, ele ressalta que é comum perceber comportamentos desarmoniosos por parte dos turistas. *“Às vezes parece que as pessoas saem das cidades onde moram e parece que não precisam mais cumprir nenhuma regra. Estacionam em qualquer lugar, jogam lixo em qualquer lugar... Essas coisas também atrapalham quem mora aqui, quem cuida da cidade durante o ano.”*. João reconhece a importância da atividade para a economia do município, dizendo fazer sua parte, para que os turistas gostem do lugar e queiram voltar, e espera que os turistas também tenham esse respeito pelo ecossistema.

Ainda sobre a atividade turística em Torres, o morador diz que a prática de ciclismo no interior do município tem chamado sua atenção. É possível ver pessoas de fora da cidade se reunindo para pedalar por lugares do interior. Já em relação ao que representa Torres, para além do Turismo, o que movimenta a economia fora da temporada, João afirma, rapidamente, que a construção civil, atualmente, é o que se destaca. O morador faz referência ao fato de perceber a demolição de casas para a construção de prédios, na área central da cidade, e brinca: *“A gente brinca aqui que quando você sai de casa, precisa trancar ela muito bem, porque senão, quando voltar, das duas uma: ou tem uma farmácia São João ou tem um prédio (risos)!”*

João reconhece a importância da construção civil, por empregar muitos moradores durante o inverno e promover investimentos no município. Reconhece, também, que o setor é impulsionado pelo turismo, que faz com que as pessoas aluguem ou comprem as habitações, mas pontua que a alteração na paisagem o incomoda. *“É triste passar ali perto da praia e não ver mais aquelas casas bonitas. Cada dia é uma que some e se constrói um prédio. Tira um*

pouco da paisagem que marcava a praia, as casas deixavam a paisagem mais bonita.”. Nesse sentido, ele ressalta a presença da legislação ambiental, como uma orientação no desenvolvimento urbano. “Ainda bem que não pode construir mais que quatro andares ali perto da praia. Isso é uma coisa boa. As pessoas dizem que isso não deixa a cidade crescer, mas, pelo menos, assim temos a natureza preservada, sol na praia até às 19h no verão.”.

O morador pede para retornar sua fala sobre a dimensão turística e comenta que além do verão, o município pode contar com o Festival Internacional do Balonismo, que acontece em período diferente à temporada de verão – entre abril e maio. O episódio além de ser interessante para o turismo, é ressaltado, na fala de João, como mais um momento em que se sente privilegiado em ser morador do município. “*Infelizmente esse ano não teve e fez falta*²³. *Para quem mora no interior, é um privilégio, porque o contato com os balões é muito próximo. Tem uns três anos que uma das provas acabou acontecendo aqui perto de casa. O balão que os outros deveriam seguir pousou aqui no potreiro, então todos os outros tiveram que pousar no mesmo lugar (risos). Foi um espetáculo lindo e particular, praticamente (risos)!”.*

O morador ressalta que Torres é a Capital Brasileira do Balonismo, o que dá muita visibilidade para o lugar. Além disso, João comenta sobre os pilotos que a cidade tem formado. A relação afetiva com o evento tem feito com que torrenses tornem-se expoentes do esporte. “*Imagina: pessoal da tua idade cresceu com o Balonismo, correndo atrás de balões, conversando com as equipes. Vocês não conhecem Torres sem o Balonismo. Tem um monte de jovem daqui se formando em piloto, investindo na carreira. Eram essas crianças aí correndo atrás de balão uns anos atrás (risos)!”.* Concluindo a fala sobre o assunto, o morador conta, com orgulho e alegria, que já teve a oportunidade de voar duas vezes: “*Voar de balão é muito bom. É indescritível. A cidade lá de cima é linda. Dá gosto de saber que moro aqui!”.*

5.4 CARLOS - ‘MORADOR PASSARINHO’

A presente narrativa é decorrente da ‘com-verseção’ com o morador Carlos, que se iniciou junto com a chegada da noite, no dia 14 de setembro de 2020. Desde o primeiro contato com o morador, foi possível perceber o quanto seu afeto por Torres é forte e marcante em sua relação com o lugar. Embora não seja natural do município, Carlos se diz torrense. O instrutor de *paraglider* e parapente de 61 anos de idade, nasceu em Montenegro, município gaúcho localizado a 60 km da capital Porto Alegre e a 238 km de Torres, para onde se mudou ainda

²³ A 32ª edição do Festival Internacional de Balonismo, que aconteceria em 2020 foi adiada, por conta da Pandemia COVID-19, e está prevista para o período entre os dias 14 e 24 de abril de 2022.

criança, com a família. O movimento entre lugares diferentes era comum, por conta da profissão do pai, que era policial militar. Em Torres, sua primeira residência foi no bairro Praia da Cal. O morador ressalta que a paisagem da região, naquela época, era marcada pela pobreza.

O sonho de ser piloto fez com que ele fosse para o exército, afastando-se da cidade por vinte anos, indo morar em Porto Alegre. A distância, como residente, fez com que ele fosse um visitante frequente de Torres, viajando a cada dois meses para ver a família, mas também para admirar as paisagens do lugar. *“Eu sempre tive o laço afetivo, meus familiares moram aqui, eu sempre tive meu cantinho aqui. Visitava eles com frequência. Mas também tenho um laço afetivo com o lugar, com as paisagens, com o jeito amigável das pessoas.”* O sonho de ser piloto, porém, não se realizou. Carlos trabalhou como bombeiro, em Porto Alegre, retornando a Torres, em 2004, com a finalidade de permanecer na cidade e de investir no sonho não realizado. Ele retornou à cidade com a intenção de envolver-se com os voos de *paraglider* e parapente, que estavam se tornando comuns no lugar, naquela época.

Tornou-se instrutor profissional em 2010, quando começou a se dedicar aos voos comerciais (com licença municipal de piloto de voos panorâmicos), fomentados, principalmente, pela atividade turística durante o verão. *“Eu faço os voos ‘ali’ no Morro do Farol. Claro que as paisagens de Torres ajudam muito a trazer clientes, mas não só as paisagens aqui da praia, porque lá de cima dá para ver até o interior e a vista é linda também. Os paredões de pedra são lindos e os campos do interior são lindos. Eu amo (risos)!”*. Conforme é possível perceber na Figura 18, produzida pelo morador e disponível em sua rede social.

Figura 18 – Vista aérea parcial de Torres/RS



Fonte: Arquivo pessoal de Carlos (2016).

Pela atual profissão, o morador tem contato direto com a atividade turística, fazendo parte do setor, pelo serviço de voo panorâmico que oferece. Ele destaca que, nos últimos anos, por alterações na legislação da prática, tanto como lazer quanto como esporte, a busca por pessoas que queiram voar – profissional e não profissionalmente – tem diminuído, afetando financeiramente profissionais como ele. De toda forma, o morador afirma continuar voando, pelo sentimento que a atividade lhe proporciona. *“Eu sou muito ativo, acho que isso faz com que eu não queira parar (risos), mas também gosto de estar no céu. Acho que realizei meu sonho melhor do que esperava (risos). É uma forma de fazer parte da natureza.”*

Durante a ‘com-versação’, nesse momento, pergunto se Carlos gosta da cidade e uma das justificativas foi, justamente, as belas paisagens do município. Além disso, o morador ressalta a tranquilidade e a segurança, como aspectos que trazem qualidade de vida para o lugar. Para ele, o conjunto desses elementos torna a cidade única. *“Eu diria que Torres é, hoje, a melhor cidade do Brasil. Não só de hoje. A expedição²⁴ que eu fiz em 2009, voando pelo litoral do país (do Rio Grande do Sul até o Rio Grande do Norte) me mostrou que não tem nenhum*

²⁴ Expedição ‘Rastreado o Atlântico’ (2009).

outro lugar como Torres: com as belezas naturais, com a qualidade de vida e segurança daqui, não tem.”.

Ele destaca que há outros lugares tão belos quanto Torres, que ele e os amigos já visitaram outros lugares, mas que sempre há algum dos elementos (citados acima) que não estão em harmonia. *“Outros lugares têm paisagens bonitas, mas não têm infraestrutura. Outros lugares têm paisagens bonitas, mas não têm segurança. As praias aqui, por exemplo, são acessíveis. As belezas naturais são acessíveis. A qualidade de vida daqui é realmente muito boa. Tem o que melhorar? Tem! Sempre tem. Em todo lugar.”.* Carlos destaca, ainda, como aspecto positivo das administrações públicas, o fato de que a legislação ambiental é uma orientação para o planejamento e desenvolvimento do lugar. *“O pessoal se pergunta porque Capão da Canoa²⁵ cresceu tão rápido e Torres ficou estagnada. Pois eu discordo. Torres conseguiu se preservar, se conservar. Tem um monte de obra embargada de muito tempo já, todas por questões ambientais. Agora, eu tenho vários amigos que trocaram Torres por Capão e querem voltar, porque todo aquele crescimento não foi planejado, não preservou o lugar.”.* O morador pontua, novamente, que este aspecto é visto, por muitos moradores, como um obstáculo para o crescimento do município, em termos econômicos, pois afasta investimentos no setor da construção civil, por exemplo. Ele ressalta, porém, a importância que a preservação ambiental tem, inclusive, para a atividade turística, já que o principal atrativo de Torres são as belas paisagens naturais.

Na sequência da resposta, Carlos reafirma que há o que melhorar, dizendo que “nada é perfeito”. Ele comenta, nesse sentido, a carência de empregos, que marca o município durante o inverno, momento em que a atividade turística não é presente, como é durante a temporada de verão.

Direcionando a ‘com-verseção’ para a movimentação turística em relação à cidade, questiono sobre sua percepção da temática e, também, como o turismo altera seu trabalho, visto que os voos panorâmicos são uma interessante atividade para quem visita o lugar, seja pela primeira vez ou não. Carlos começa sua fala, dizendo que, para ele, um dos aspectos que podem contribuir para o desenvolvimento turístico é o investimento no aeroporto municipal. *“A gente já tem uma infraestrutura aqui, uma infraestrutura boa, por sinal! O aeroporto tem capacidade para pouso de grandes aviões, mas ele não é administrado, não é usado. Acho que aí falta vontade de buscar recursos para o desenvolvimento da área.”.*

²⁵ Cidade localizada Litoral Norte do Rio Grande do Sul, a 60 km de Torres.

Ainda sobre a atividade turística, o morador destaca a diversidade de opções que Torres oferece, mesmo que seus principais pontos sejam relacionados com as praias e o clima de verão. *“Eu sei que as pessoas vêm para Torres buscando praia e aí ganham de presente as paisagens lindas daqui (risos)! Mas, mesmo assim, tem outras coisas para fazer. Claro, é bom ressaltar que isso é no verão, tá?! No inverno, as coisas são meio paradas por aqui, mas, enfim, o centro é perto da praia, tem umas lojinhas para olhar, tem lugares para caminhar, tem shows para assistir.”*. Carlos diz que esses aspectos poderiam ser mais valorizados pela gestão pública, que o turismo, no município, poderia ser expandido, por meio de investimentos em outras opções de atrativos que não só as praias e paisagens. *“É importante olhar para as outras coisas, incentivar ações culturais, por exemplo. Até estão investindo em algumas feiras de produtos locais. Achei bem interessante. Traz turistas para cá, em outros momentos do ano, e faz com que as pessoas conheçam Torres mais de perto, que aqui não é só praia.”*

Em relação ao seu trabalho, ele afirma que a temporada de verão aumenta a busca por voos panorâmicos, sendo que a maioria é realizada por visitantes de fora do município, vindos tanto do Rio Grande do Sul quanto de outros estados brasileiros. *“Eu voei com bastante gente do Rio [de Janeiro²⁶] nesse verão que passou. Voiei com bastante gente daqui do estado também.”*. Para além da temporada turística, Carlos diz que o aumento de voos acontece nos finais de semana e nos feriados. Ele comenta que o município ainda sente a alteração brusca no ecossistema, na ruptura com o movimento turístico, entre o verão e o inverno. *“Não tem como não dizer que a cidade ainda é afetada pela chegada do inverno. Por isso que eu acho que falta investimento no turismo. Primeiro, porque isso é um sinal de que tem que movimentar a cidade também em outras épocas, com outras coisas, ou até com as mesmas coisas, mas de um jeito diferente. Segundo, porque investir no turismo também é investir em bem-estar para os moradores, o que envolve ter o máximo de empregos possível durante o ano todo.”*

Por fim, pergunto ao morador como é ter contato com Torres, a partir do ponto de vista de quem voa de parapente ou *paraglider*, e sua resposta resume sua relação com a profissão, seu sonho de criança e o lugar. *“O privilégio de ver o que eu vejo é só voando. Eu não consigo mais viver uma vida normal (risos), sem voar. Me sinto um passarinho sobrevoando Torres. É como se eu fosse um passarinho que morasse em Torres e precisa voar para sobreviver. E sobreviver aqui é muito melhor (risos)!”*

²⁶ Estado da região Sudeste do Brasil.

5.5 ERNESTO - ‘HOMEM DA ROÇA’

A ‘com-versação’ seguinte aconteceu em 17 de setembro de 2020, com o morador do bairro Faxinal, Ernesto, servidor público estadual e estudante de Engenharia Civil, de 39 anos. A Figura 19 mostra a vista da casa de Ernesto, possibilitando perceber o contraste entre o bairro em que ele mora e o centro urbano de Torres.

Figura 19 – Vista da casa de Ernesto



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

O momento escolhido foi um final de tarde, marcado pela oscilação de temperatura do final de inverno. O morador recebeu o convite com surpresa, mas aceitou, dizendo esperar ter contribuições interessantes para a pesquisa. Essa preocupação foi perceptível durante a ‘com-versação’, considerando o detalhamento das informações apresentadas por ele.

Ernesto inicia sua fala, contando que nasceu em Torres, mas, com um ano de idade mudou-se com a família para Araranguá (município do estado de Santa Catarina, localizado a 62 km do município torrense). Eles residiram no lugar por 12 anos. No retorno para Torres, continuaram morando no mesmo bairro (Faxinal), mas na região mais próxima à Estrada do Mar. Sobre quando ele morou em Araranguá, conta que costumava visitar a cidade natal, entre duas e três vezes ao ano. *“Me lembro do verão, de vir para cá e ir à praia e, também, visitar*

*os parentes do pai lá no interior, na Glórinha*²⁷. *Tudo era diversão: ficar com os tios, ir ajudar na roça (risos). Eu gostava de ir para a roça, é um serviço que me faz bem.*”. O morador comenta que se sente um ‘homem da roça’, que estar em contato com a natureza, com os animais é algo necessário para seu bem-estar. Trabalhou com o avô e os tios nos afazeres rurais, como criação de gado leiteiro e para abate, e cultivos como milho, aveia (alimentos para o gado). Esteve também com os pais, quando foram fumicultores. Trabalhou ainda, por diversos anos, em uma loja de artigos pecuários e para animais domésticos, estando sempre próximo ao universo do interior. Ressalta que a ocupação como servidor público estadual é a primeira que o afasta desse cotidiano; porém, conforme se perceberá ao longo da ‘com-versação’, há uma relação entre a profissão e o universo do interior.

Além das lembranças relacionadas às férias de verão, Ernesto fala sobre sua relação com o Festival Internacional de Balonismo, iniciando pelo resgate de lembranças. *“Eu me lembro dos Balonismos também. Gostava de sair correndo atrás dos balões que pousavam aqui por perto... Bom, até hoje é assim (risos)! Agora eu tenho a desculpa de levar o Joaquim, meu filho, para ver, e ele também já gosta. Tudo bem que é difícil não gostar (risos)!”*.

Pergunto se ele gosta de morar na cidade, e ele responde rapidamente que sim. *“Não saio daqui por nada do mundo (risos)!”*. Quando peço para que ele justifique sua resposta, ele diz: *“Não sei te dizer... Agora tu fez uma pergunta difícil (risos)! Não sei... Acho que é uma cidade boa, uma cidade tranquila. Tem segurança. A gente tem tudo aqui.”*. O morador reconhece que há o que melhorar, na infraestrutura municipal, em todo o ecossistema, mas que entre os lugares com características demográficas próximas, Torres ainda tem destaque positivo.

Conforme referido anteriormente, Ernesto trabalhou como vendedor, em uma loja de artigos pecuários e para animais domésticos, no centro da cidade. O estabelecimento ainda é um dos mais procurados por moradores e turistas. Direcionando a ‘com-versação’ para a dimensão turística de Torres, pergunto quais alterações ele percebia, entre a temporada de verão e o período de inverno, em relação ao seu trabalho e a loja, e também como morador que se desloca entre o interior e o centro todos os dias. *“Economicamente afetava muito. Durante o inverno a pet vendia só para se manter. Já no verão as vendas cresciam até mesmo entre os moradores. Claro, muitos turistas compravam, o que aumenta as vendas, mas o pessoal daqui também comprava mais. No inverno, eles compravam só o essencial.”*.

²⁷ Localidade Glória, do interior do município, conforme apresenta a Figura 1 – Localidades das narrativas dos moradores.

O morador comenta que, na temporada de verão, trabalhava durante o dia na loja e, durante a noite, em um hotel (próximo à loja, no centro), como recepcionista. Ernesto comenta que a rotina era, de certa forma, desafiadora, mas que, como eram só três meses, conseguia ter os dois empregos. Comenta também que, por conta do trabalho, os moradores não conseguem aproveitar a cidade como os turistas e que, quando vão à praia, procuram as praias menos frequentadas.

Aprofundando a ‘com-versação’ sobre a dimensão turística de Torres, o morador ressalta que o lugar ainda não tem muito mais para oferecer do que as praias no verão, mas que percebe uma alteração, nesse sentido. *“A gente não tem turismo aqui, durante o inverno, tirando o Balonismo. Se bem que as coisas estão mudando, Torres já está sendo quase uma segunda casa para o pessoal da Serra [Gaúcha] ou de Porto Alegre. Todo final de semana parece verão.”*.

Retomando os aspectos profissionais de Ernesto, no período da ‘com-versação’, ele trabalhava como agente público na empresa responsável pelo abastecimento e tratamento de água do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Essa experiência o mantém, de certa forma, perto do lugar em que se sente mais à vontade: o interior. *“A gente vai para tudo quanto é canto (risos). Dá para notar muito a diferença das pessoas, nas localidades do interior, o pessoal sempre pergunta se queremos um café, uma água. A gente acaba conhecendo todo mundo pelo nome e sabendo um pouco da vida deles. É uma atmosfera bem diferente da cidade.”*. Das diferenças entre os lugares, o morador ressalta que os condomínios fechados, localizados em Torres, também alteram a paisagem. *“Quando a gente entra lá, parece que não estamos em Torres. Eu nunca fui para a Europa, mas eu imagino que lá seja assim (risos)! A organização, a arquitetura das casas, é diferente.”*.

Ainda sobre sua atuação profissional, em relação ao abastecimento de água, ele comenta que, mesmo com o aumento da população, sobretudo na zona urbana, durante a temporada de veraneio, o reservatório que atende o Litoral Norte tem capacidade e água tratada para atender ao aumento de demanda, sem problemas. *“Não falta água tratada, o que falta é um sistema de abastecimento novo. Quando aumenta a demanda, ele não suporta, e aí vêm os problemas de distribuição. A parte que representa o coração do sistema de abastecimento é das décadas de 1970, 1980, Ele não foi projetado para a cidade de hoje.”*.

Entre os investimentos realizados nesse sentido, o morador destaca a ampliação no saneamento básico, com o recolhimento de mais de 90% do esgoto municipal, que é posteriormente tratado antes de voltar para a natureza. *“Infelizmente o que se percebe é que as pessoas não usam o serviço de recolhimento e preferem jogar os resíduos na Lagoa do Violão,*

por exemplo, ou ainda no Valão. [...] O Valão atravessa a cidade, da Lagoa do Violão até o Rio Mampituba, e ele precisa existir porque é ali que desagua toda a drenagem da cidade (ali é o ponto mais baixo) e vai para o Rio. Sem ele, a cidade inundaria, o que já acontece quando chove, mesmo com ele (risos)! O que precisa mudar é a mentalidade das pessoas.”.

Afastando a ‘com-versação’ da dimensão turística do município, pergunto ao morador o que é Torres além do turismo, tanto em aspectos econômicos, quanto nos demais aspectos – como representação do lugar, por exemplo. Ernesto pensa, em silêncio, e responde: *“Não tem como falar de Torres e não falar do turismo. Nem economicamente. Se for falar de Torres, vai falar das praias e as praias são turismo. Para o morador, ainda é uma das principais fontes de renda. Mesmo a construção civil que tem crescido, no centro, só aumentou por conta do turismo, é ele que traz investimentos para cá.”.*

Outro aspecto comentado pelo morador refere-se ao comportamento dos turistas. Ressaltando que nem todas as pessoas são assim, ele fala: *“Às vezes parece que a pessoa deixa a educação dela em casa, literalmente! Chega no outro lugar totalmente diferente, parecendo outra pessoa.”.* Entre os comportamentos indesejados, por parte dos turistas, ele destaca a falta de respeito no trânsito e a pressuposição de que, por serem turistas, têm prioridade nos atendimentos comerciais. *“Claro, durante o verão, as coisas ficam ainda piores, por conta do número de pessoas que estão aqui, mas, em outros momentos, como o Balonismo, ou nos finais de semana, mesmo, que vem gente para cá, isso acontece.”.*

5.6 DALVA - ‘NA TRANQUILIDADE DO REPUXO’

O encontro com Torres, dessa vez, aconteceu no início da tarde. O clima ainda frio, na transição entre inverno e primavera, se fez presente no dia 18 de setembro de 2021. Na tela do computador, aparecia Dalva sorrindo enquanto avisava que estava com um dos filhos em casa. Então, talvez ele a chamasse em algum momento. Atrás do lugar onde ela estava sentada, alguns livros empilhados sobre uma mesa compunham o cenário que acompanhava a ‘com-versação’. A moradora do bairro Vila São João tem 39 anos e é professora na Rede Estadual de Ensino. Além disso, ela e o esposo são cantores, trabalhando em eventos, restaurantes e bares, principalmente à noite, nos finais de semana. A ocupação é uma forma de renda extra para a família.

Dalva inicia seu relato, contando que é natural do município e que residiu sua vida inteira no bairro Vila São João, exceto o período de um ano e meio, quando morou no centro da cidade. *“Sabe que gente que mora a vida toda em bairro afastado tem o desejo de crescer e*

morar no centro. Foi o que aconteceu comigo, mas logo eu voltei para cá, é daqui mesmo que eu gosto. É aqui que me sinto confortável.”. Sobre essa experiência, ela comenta, ainda, que gostava de estar próxima dos lugares, mas que o barulho e o ambiente agitado da rua incomodavam. Na Vila, ela mora próximo da maioria de seus familiares, destacando o contato que os filhos podem ter com os primos, tios e avós, além dos laços afetivos com a vizinhança. *“Hoje eu não moraria em outro lugar. Talvez em outra cidade, mas dentro de Torres, não.”*.

Para além da afetividade que tem com o bairro onde reside, a moradora comenta que o lugar tem boa estrutura, conseguindo oferecer a maioria dos serviços à população, dispensando o deslocamento até o centro da cidade. *“Vale à pena morar no interior, com as opções de deslocamento que temos. Ônibus entre a Vila e o centro costumam passar de 30 em 30 minutos, por exemplo. Hoje eu só saio daqui por conta do trabalho, se não fosse isso, acho que seria só para passear mesmo, ou quando precisasse de algo específico.”*. Dalva conta que, pelo menos uma vez ao mês, sai com o marido e os filhos para caminhar no calçadão à beira-mar, ressaltando que os passeios são mais comuns durante o verão.

A moradora afirma gostar do município, gostar de morar em Torres, sendo possível perceber que os laços afetivos são importantes para esse sentimento. *“Torres é tranquila e segura. Isso conta muito para quem tem filhos pequenos. Aqui, por exemplo, todo mundo se conhece, a gente consegue se ajudar. Eu teria medo de morar com meus filhos em uma cidade maior.”*. Como parte de sua resposta, Dalva ressalta, entretanto, que o incentivo cultural é o aspecto que precisa ser mais trabalhado pela gestão pública. *“A única coisa que me incomoda é o fato de Torres não ter uma vida cultural mais agitada, de não ter tantos eventos culturais. Aí a gente acaba indo para cidades maiores.”*.

Outro aspecto comentado pela moradora, sobre os desafios de morar em Torres refere-se às oportunidades de trabalho, que ainda são mais comuns em áreas que remuneram menos, sem a exigência de mão de obra qualificada. *“Se você quiser trabalhar de balconista, atendente, vendedor... Enfim, comércio de produtos ou serviços, vai ter emprego para você, mas fica só nisso. São vagas que têm remuneração baixa. [...] Acho que, além disso, deve ter agricultura, que eu não conheço muito sobre as vagas de trabalho, e serviço público, mas é isso.”*. Dalva relaciona a predominância de vagas de trabalho nos setores de comércio e serviços com a presença da atividade turística em Torres, comentando que é possível perceber que a chegada do verão movimenta os empregos disponíveis. *“É possível perceber uma movimentação maior na cidade, durante o ano: nos feriados, feriadões, a cidade já tem ficado mais cheia, mesmo sendo inverno. Isso também vai gerar mais empregos, que sejam temporários. O turismo também tem movimentado Torres no inverno.”*.

Em relação à movimentação de turistas em outros momentos do ano, a moradora ressalta o fato de a cidade ser amplamente buscada como local de segunda residência, tendo como atrativo, inclusive, a tranquilidade e a segurança. *“Muita gente de fora tem casa aqui. Aí sempre vem nos finais de semana ou feriados, como disse antes, mesmo não tendo praia. Isso porque Torres é tranquila, dá para ter contato com a natureza, né? [...] Sabe que trabalhando em escola estadual, eu percebi que professores que estão em final de carreira pedem transferência para cá, porque depois se aposenta e já fica morando aqui. É o sonho que muitos dos meus colegas têm planejado ou executado (risos) nesses últimos anos.”*

Nesse sentido, Dalva comenta que o turismo tem trazido novos moradores para o lugar: *“Muita gente começa sendo turista e se torna morador, principalmente quando se aposenta (risos).”* Essa movimentação de novos moradores tem feito crescer o número de moradores não só no centro da cidade, mas também nas praias menores. *“Eu tenho amigos que têm casa na praia Itapeva e na Estrela do Mar, que praticamente já se mudaram para lá, porque tem mais moradores ‘fixos’, digamos assim, não só veranistas. Aí já tem mercado o ano todo, tem mais segurança.”*

Antes de direcionar a ‘com-versação’ para a dimensão turística de Torres, a moradora comenta sobre a importância de ser turista também no seu lugar de residência. *“Acho que a gente tinha que começar sendo turista pelo lugar onde moramos. Eu sei que conheço muito pouco de Torres. Tem um monte de lugares no interior, cachoeiras, rios, que eu fui quando criança e só. A gente acaba se apegando aos pontos turísticos mais famosos e, às vezes, nem todos eles a gente conhece (risos).”*

Relatando sobre o que é a atividade turística no município, Dalva ressalta: *“É difícil desassociar Torres do verão, porque vem muita gente para cá. O turismo aqui ainda são as praias no verão. Claro, tem o Balonismo, que é no inverno e tem movimentado bastante a cidade, mas não é como o verão, inclusive pelo tempo de duração, né? O Balonismo é um evento de três, quatro dias.”* Ela destaca, novamente, a movimentação percebida durante os finais de semana, no inverno, mas pontua que o turismo, em Torres, é o verão.

Já para definir o município para além de sua dimensão turística, a moradora destaca aspectos não relacionados diretamente com o setor econômico. *“Torres é tranquila, é segura. Até certo ponto é bem organizada, claro que sempre tem o que melhorar, mas é organizada, sabe? Tem um ambiente de interior, as pessoas são simples e queridas, o lugar é hospitaleiro. Acho que se eu não morasse em Torres e viesse visitar, eu teria vontade de morar aqui (risos)!”*

Nesse momento da ‘com-versação’, Dalva expande seu relato, relacionando a questão com suas percepções enquanto professora. *“Em termos econômicos, acho que Torres precisa*

se ampliar, ver o turismo diferente ou ampliar o planejamento de outros setores, porque, como professora de Ensino Médio, percebo que os alunos não têm vontade de continuar morando aqui por causa dos empregos. Muitos saem para fazer faculdade em outro lugar e acabam não voltando, porque não tem trabalho na área.”. Além disso, a moradora comenta sobre a relação dos jovens com o lugar. *“Acho também que Torres não é uma cidade para os jovens dessa idade. É uma cidade para pessoas mais maduras, por conta dos poucos eventos culturais, por exemplo, da pouca agitação. O comentário deles é que Torres é uma cidade de aposentados (risos)!”*.

5.7 LURDES - ‘MORADORA DAS BEIRADAS’

Com o clima ameno pela aproximação da primavera, no dia 20 de setembro de 2020, a ‘com-versação’, dessa vez, iniciou-se em um final de tarde de tons quentes e seguiu-se no início da noite, acompanhando as alterações do céu, que aparecia timidamente em uma janela, ao fundo do cenário em que a moradora estava sentada. Lurdes tem 52 anos, é professora da Rede Municipal de Ensino e natural de Torres, residindo atualmente no bairro Itapeva. Ela disse que realizou o desejo de morar perto do mar. *“Olha a mudança (risos)! Estou muito mais longe do centro, mas estou mais perto do mar!”*.

A mudança aconteceu há três anos. Até então ela residia no bairro Faxinal, que já apareceu em outros relatos, bem como o bairro Itapeva (ou praia Itapeva). Entre outros motivos, destacados pela moradora, que motivaram sua mudança, dois estão relacionados a sua ocupação profissional. É aposentada de um dos turnos em que lecionava e, atualmente, leciona na Praia Paraíso, bairro localizado ao sul de Torres, na fronteira com o município gaúcho Arroio do Sal.

Sobre o bairro onde cresceu e morou – Faxinal –, a moradora conta que é possível perceber sua ampliação pela relação entre as pessoas. *“Eu vou te dizer que, no Faxinal, antigamente, a gente conhecia todo mundo. Agora não se conhece mais ninguém, veio muita gente de fora. Claro, algumas pessoas de lá também saíram, como eu fiz agora, mas tem muito mais casa no bairro, muito mais gente que antes.”*. Lurdes complementa sua fala, dizendo que a legislação ambiental não permite uma expansão ainda maior do bairro, ressaltando que o Parque Estadual da Itapeva (parque de preservação ambiental) estende-se até o Faxinal. A Figura 20 apresenta, parcialmente o lugar.

Figura 20 – Vista parcial do Parque Estadual da Itapeva



Fonte: Site Gaúcha ZH (2019).

A moradora afirma que gosta do lugar, que não trocaria Torres por outra cidade. *“Mesmo não sendo a Torres que a gente gostaria, porque sempre tem o que melhorar, aqui é um lugar muito bom. As pessoas falam que tem que ter progresso. Sim tem que ter progresso, mas tem que ter tranquilidade também, tem que ter qualidade de vida e, às vezes, o progresso não traz isso.”*. Direcionando a ‘com-verseção’ para a dimensão turística de Torres, a moradora utiliza a atividade para complementar sua fala, dizendo que: *“Hoje no verão a cidade não é do morador, ela é do turista. O pessoal que mora no interior do município, do Faxinal para dentro, por exemplo, não frequenta as praias do centro. Preferem as praias pequenas, com menos movimento. Só que as praias com mais infraestrutura são as próximas ao centro, frequentadas pelos turistas.”*.

Com a ‘com-verseção’ já direcionada para a dimensão turística, Lurdes diz que a atividade, em diversos aspectos, tem provocado o deslocamento dos moradores no município. *“Além da busca pelas praias menores no verão, muitas pessoas têm se mudado cada vez mais para longe do centro, porque o custo de vida é mais baixo, no caso de moradores com remunerações mais baixas. Porque é mais tranquilo, menos movimentado, no caso dos moradores de classes sociais mais altas, que buscam os condomínios fechados. Tem gente que constrói no centro para alugar na temporada. O morador está se deslocando para as beiradas*

da cidade.”. A moradora comenta, ainda, que os investimentos na cidade são promovidos, também, pelo turismo, principalmente em aspectos imobiliários. As construções próximas ao mar, são, em sua maioria, destinadas a turistas e segundos residentes, contribuindo para o afastamento dos moradores dessas localidades. *“Eu disse que, no verão, Torres é o do turista, né? Mas toda a organização e gestão daquela área, para o turista, também afeta o morador e não só no verão. Às vezes parece que as coisas são pensadas só para o turismo, para o turista.”*.

Ainda sobre os aspectos imobiliários, Lurdes ressalta as alterações que o aquecimento do setor tem causado na paisagem, pontuando, novamente, que a atividade turística contribui para os investimentos no mercado imobiliário. *“Eu tenho saudade, em Torres, das casas antigas. Cada vez mais, a cidade só tem prédios. Para quem entra na cidade, vindo da BR-101, olhando lá de cima para o centro, vai ver uma pedreira. É uma vista de prédios de uma ponta a outra do centro.”*. A moradora comenta que a troca das casas antigas pelos prédios modernos descaracteriza o lugar, apagando pedaços da história que a arquitetura também conta. *“Acontece muito rápido. De uma semana para outra, já tem a fundação de um prédio no lugar de uma casa. Eu, como moradora, fico triste com isso, porque conheci uma Torres que não existe mais.”*.

A moradora traz para a ‘com-versação’ aspectos sobre a relação do morador com o lugar e com a atividade turística, destacando que, quem mora em Torres, não desfruta das belezas naturais como o turista. *“Eu já passei seis meses sem ver o mar (risos)! Agora eu vejo porque faço minha caminhada de exercício físico até a praia e volto, todos os dias. Um turista que vem para cá, uma vez por ano, com certeza vai à praia muito mais vezes que um morador (risos)!”*. Ela conta ainda que a condição de ‘não-turista’ se estende para o interior do município, ao dizer que, semanas antes, havia conhecido localidades próximas ao Jacaré e que eram lugares tão belos quanto as praias. *“Levei esse tempo todo para conhecer lugares lindos do interior, que ainda não são conhecidos pelo turismo e talvez por muitos moradores.”*.

Para descrever Torres além da dimensão turística, que segundo a moradora, marca também a relação do morador com o lugar, Lurdes ressalta a tranquilidade e o sentimento de comunidade entre as pessoas. *“Torres ainda é um lugar pequeno, com costumes de interior. Falando de localidades mais distantes do centro, que foi onde eu sempre morei, as pessoas se ajudam, cuidam do lugar, valorizam o espaço onde moram e as relações. Acho que isso faz com que Torres seja mais tranquila, simples, agradável.”*.

Ainda sobre a dimensão ecossistêmica torrense, Lurdes compartilha um acontecimento que se repete há alguns anos, na escola onde atua como professora municipal, na localidade de Praia Paraíso. *“A escola em que eu trabalho é bem pequena, atende crianças até o 4º ano do*

Ensino Fundamental. Dá para perceber que a maioria das crianças não é natural daqui e, sim, da Serra Gaúcha e da região de Porto Alegre. Isso porque os pais vêm para cá, em busca de trabalho, só que eles não ficam só aqui. Alguns fixam moradia, mas outros migram, conforme encontrem emprego. Nesses meses de setembro, outubro, a gente começa a receber matrículas novas, em março, abril já altera novamente.”.

A aproximação da temporada de verão, em localidades marcadas por segundas residências, gera demandas como reformas imobiliárias, manutenção de jardim e limpezas residenciais. Além disso, outras atividades informais, como o comércio ambulante na areia da praia, atraem pessoas vindas de outras cidades brasileiras. *“A atividade turística é muito forte em Torres, ela movimenta até o que a gente acha que não movimenta, sabe (risos)?! Mas talvez isso faça da cidade, para algumas pessoas, a possibilidade de uma vida diferente, melhor, mais tranquila e segura.”.*

5.8 MARIA - ‘RECONHECER OS MORADORES’

Esta foi a primeira experiência de ‘com-versação’ com problemas tecnológicos. O dia 23 de setembro de 2020 foi marcado por dificuldades com a conexão de internet tanto por parte da moradora quanto da pesquisadora, transversalizando constantemente a ‘com-versação’. Além disso, outros problemas como processamento dos aparelhos utilizados tornaram o momento ainda mais desafiador. Embora tenham ocorrido contratemplos incontroláveis, a ‘com-versação’ foi produtiva, sendo uma importante contribuição para a pesquisa.

Maria, terapeuta holística, licenciada em História, 53 anos, é natural de Torres. Mudou-se para Porto Alegre com cinco anos de idade, residindo com os pais na capital gaúcha, até os 30 anos de idade. Em Torres, suas residências alternam-se entre os bairros de Praia da Cal (onde residia no momento da ‘com-versação’) e Curtume. Ela e o esposo, atualmente, têm como renda parcial a locação de imóveis, principalmente para as temporadas de veraneio. *“Nós escolhemos voltar para Torres, porque aqui é mais tranquilo. Eu e meu marido temos família aqui, então estamos perto deles, e o lugar tem mais qualidade de vida.”.*

Isso sinaliza para o sentimento afetivo da moradora com o lugar, o que ela confirma, ao responder se gosta da cidade: *“Eu gosto de Torres. É a minha cidade. Temos o privilégio de ter as belezas naturais à disposição, acessíveis. Elas encantam até nós, moradores (risos)! Claro que poderia ser melhor, mas Torres é tranquila, é segura, comparada a outros lugares.”.* Em relação aos desafios coletivos, que envolvem a gestão pública do município, Maria ressalta que muitas soluções poderiam ser alcançadas com a participação dos moradores, visto que,

segundo ela, há um distanciamento entre a administração municipal e a comunidade civil. *“Parece que a prefeitura não quer conversar com as pessoas, com os moradores. As coisas são decididas sem uma consulta, um estudo com a comunidade. Aí as obras demoram para acontecer e, muitas vezes, não atendem às demandas. O poder público é sempre distante, burocrático e inacessível.”*

Já como aspectos positivos, a moradora destaca (além da tranquilidade e segurança, apontados anteriormente) as belezas naturais de Torres, o ambiente acolhedor da cidade, das pessoas. *“Mesmo no centro, Torres tem jeito de cidade do interior, as pessoas são mais solícitas, acho que as pessoas se sentem bem aqui, o lugar é agradável, simples, ajuda a relaxar.”* Maria aproveita a fala e comenta que esses aspectos, em conjunto com as belezas naturais e a tranquilidade, são os diferenciais turísticos de Torres. Ela afirma que isso é interessante, pois, além dos atrativos turísticos ‘materiais’, como as praias, as paisagens, a arquitetura, o lugar oferece atrativos ‘imateriais’, como a sensação de tranquilidade. *“Cada vez as pessoas têm buscado lugares tranquilos para sair da rotina, principalmente quem mora em cidade grande, capital, trabalha em escritório, enfim... Todo mundo quer desacelerar. Cada vez mais gente compra um imóvel aqui, principalmente quem aluga toda temporada. As pessoas sempre voltam.”*

Sobre a atividade turística, a pergunta sobre o que é turismo em Torres é respondida pela moradora, depois de uma pausa ‘para pensar’. Segundo ela: *“É... Olha, eu pensei para responder, porque queria dizer algo além das praias e do verão, mas ainda é só a praia e o verão. Acho que faltam eventos e outros atrativos que façam os turistas visitarem Torres. E novos turistas, porque, nos últimos anos, quem tem vindo para cá são as pessoas que já tem casa aqui ou que visitam há muitos anos a cidade. Aí tem um apego.”* Segundo a moradora, a diminuição no número de turistas se deve pela melhora ao acesso às praias do estado de Santa Catarina: *“Desde que duplicaram a BR-101, as pessoas preferem muito mais as praias de Santa Catarina, por conta do preço dos aluguéis, hospedagem e alimentação. Torres foi ficando para trás, na escolha dos turistas.”*

Sobre os atrativos, a moradora comenta que eventos durante o verão e em outros momentos do ano poderiam movimentar a atividade turística. *“O Balonismo acaba sendo o único atrativo turístico além do verão. De maio a dezembro, não acontece mais nada na cidade.”*

Maria ressalta, novamente, como a comunidade poderia contribuir para a atividade turística, já que, além de gerar renda para os moradores, o bem-estar social do residente é também o bem-estar do turista e vice-versa. *“As melhorias na cidade interferem na vida de todo*

mundo, do turista e do morador. Acho que seria interessante conversar com os moradores também sobre o turismo, porque quem vai para ‘a linha de frente’, digamos assim, quem vai atender o turista, em diversos setores, é o morador.”. Entre os desafios que permeiam o cotidiano do morador e do turista, principalmente, durante a temporada de verão, ela destaca os valores dos produtos e serviços, pontuando a situação de moradores de bairros afastados do centro. “O verão, para o morador, também é complicado, porque ele também precisa consumir muitas coisas que o turista também consome... Com preço para turista, como se costuma dizer. Imagina como é para que mora no São Jorge, na Vila, no Salinas e tem que enfrentar o trânsito de verão para vir trabalhar? E trabalhar mais, para fazer uma renda extra. Quando chega em casa já é hora de voltar para o trabalho.”.

A moradora conta que seu contato com a atividade turística, por meio da locação de imóveis, principalmente na temporada de verão, permitiu que ela percebesse o aumento de pessoas aposentadas buscando Torres para morar. “Depois que a gente começou a alugar casas, eu percebi como tem aposentado vindo morar aqui. Temos bastante amigos, servidores públicos aposentados, principalmente, morando aqui. Os aposentados gostam de vir para cá, por achar que é mais tranquilo né?”. Maria diz ainda que, economicamente, Torres é dependente do turismo, o que, segundo ela, pode contribuir para que as pessoas busquem a cidade somente depois de se aposentar, visto que têm uma renda estável. “Os jovens têm cada vez mais buscado lugares maiores para fazer a vida. Torres não oferece muitas oportunidades de empregos e oportunidades boas, promissoras. Quem tem uma renda fixa se dá melhor aqui, como os aposentados.”.

Para além do turismo, em aspectos econômicos, a moradora diz que o município pode ser caracterizado pela construção civil, além da pesca, presentes durante o ano todo. “O trabalho aqui no inverno é a construção civil. Tem saído muitas casas, prédios, galpões para empresas. É o que o pessoal que trabalha no verão em restaurantes faz no inverno: ou vai pescar ou vai trabalhar em obra. Claro que a pesca e a construção civil continuam no verão, mas as vagas em restaurantes e hotéis aumentam, acho que no verão o setor do turismo toma conta da economia.”.

5.9 RITA - ‘MORADORA DO PARAÍSO’

A penúltima ‘com-versação’, que aconteceu em 26 de setembro de 2020, também é marcada pelos desafios tecnológicos. O problema com a conexão de internet trouxe instabilidade e, em alguns momentos, foi preciso reconectar-se à chamada de vídeo. De toda

forma, a vivência foi significativa para a pesquisa, assim como as demais. A moradora da localidade Praia Estrela do Mar, Rita, 27 anos, secretária, iniciou seu relato, dizendo que nasceu e cresceu no lugar onde mora, mudando-se somente de residência. *“Morei com minha mãe, na chácara que ela tem aqui e aí me mudei de casa quando casei, mas continuo morando no mesmo bairro.”*. Além dessa experiência, ela conta que residiu no centro de Torres, durante um ano com a irmã mais velha. *“Queria, porque queria morar em Torres (risos)! Na época eu estudava lá, aí fui morar com a minha irmã. Depois de seis meses voltei para a casa da minha mãe (risos)! O sossego, liberdade e tranquilidade daqui me fazem mais falta do que o agito de Torres.”*.

Entre os aspectos ressaltados pela moradora sobre sua vivência no lugar, estão as alterações relacionadas à infraestrutura que ocorreram na localidade. Ela conta que, durante sua infância, para resolver demandas sociais, era preciso deslocar-se até bairros mais próximos do centro do município. *“Escola, hospital, mercado, para absolutamente tudo era necessário ir no centro. Hoje não, nesse sentido, já melhorou muito aqui, tem ambulatório uma vez por semana, tem mercado. Isso melhorou muito a qualidade de vida das pessoas daqui.”*. Rita comenta que algumas permanecem iguais, também em relação à estrutura pública, mas que isso contribuiu para a preservação de elementos que marcam o lugar como a tranquilidade e a liberdade. *“De certa forma, é bom que algumas coisas nunca tenham mudado, porque conserva o lugar. Acho que quem mora aqui ou tem casa de veraneio nessa região de Torres quer justamente isso: sossego, tranquilidade, silêncio. É diferente da movimentação das praias do centro. Acho que aqui as pessoas se sentem livres.”*.

Outro aspecto para o qual ela chama atenção refere-se ao trânsito, que, mesmo fora da temporada turística, parece aumentar. *“Eu não sei o que tem acontecido, mas, mesmo no inverno, não tem lugar para estacionar, demora na sinaleira... Hoje mesmo eu estava comentado com a minha irmã como o trânsito do centro parece de cidade grande. Aqui na Estrela do Mar é tranquilo, mesmo no verão, porque são somente os carros das casas. No centro são carros de comerciantes, de consumidores, de turistas. Fica bem bagunçado (risos)!”*.

No período de realização da ‘com-versação’, a moradora trabalhava na Associação Praia Paraíso, criada como iniciativa de gestão do lugar, pelos próprios moradores, ou seja, eles planejam e executam as ações, por meio da entidade. Tanto a Praia Estrela do Mar quanto a Praia Paraíso – vizinhas – localizadas na região sul do município, já na fronteira com o município gaúcho Arroio do Sal, são marcadas pela segunda residência. O fato é trazido por Rita e complementado com a informação de que muitos tornam-se moradores fixos. *“O pessoal*

se aposenta e vem morar aqui, é incrível (risos)! Eles têm casa de veraneio, sempre vêm toda temporada e aí quando se aposentam, se mudam para cá!”.

Nesse momento da ‘com-versação’, o papel da Associação de moradores do local é destacado na fala de Rita. Ela aponta que os membros da diretoria são formados, em sua maioria, por segundos residentes, mas que, entre os associados, há moradores fixos. A entidade é responsável por articular ações não abrangidas pela administração pública. *“Por exemplo: a pracinha daqui é particular, não foi instalada pela prefeitura, mas sim pela Associação, então tem que fazer a manutenção. Nós temos um calçadão à beira-mar aqui, é a Associação que faz a manutenção também. É uma entidade antiga, tem mais de vinte anos e bem organizada. Acho legal trabalhar lá e ver o que os moradores conquistam com a própria organização.”.* A moradora conta que a parceria entre a Prefeitura Municipal e a Associação já tornou possível a construção do ambulatório e consultório odontológico da localidade. Além disso, ela destaca a presença de ações preocupadas com o bem-estar coletivo. *“Fecharam uma boate aqui, já que não pode ter festas agora, e transformaram em uma academia para a comunidade. Agora temos uma academia funcionando aqui. Não precisa mais ir até o centro.”.*

Em relação à atividade turística, Rita destaca a dimensão como principal fonte de renda do município e principalmente da localidade. A relação entre o lugar e o turismo é intrínseca para ela, tanto que é destacada ainda na pergunta geral – Para você, o que é turismo?. *“Turismo é conhecer lugares legais. Mas também é fonte de renda, geração de empregos para os moradores do local. Eu te falo isso porque minha experiência é a de moradora de um lugar que tem no turismo a principal movimentação econômica.”.* Em relação a Torres, ela destaca que as praias e o verão ainda representam predominantemente o turismo. Outros eventos, como o Festival Internacional de Balonismo, também movimentam a atividade, de acordo com a moradora, porém, a temporada de verão é a responsável pela maior contribuição econômica municipal.

Já em relação ao que pode representar o município, para além do turismo, Rita pede tempo para formular uma resposta e, depois de alguns segundos, fala: *“Que difícil né (risos)?! Porque falar de Torres é associar o lugar com o turismo. Parece automático! Bem, deixa eu tentar... Acho que agricultura e pesca podem ser elementos econômicos fortes, fora o turismo e para além da economia. Acho que a cordialidade do pessoal daqui é um diferencial. Acho o pessoal mais hospitaleiro, solícito em ajudar.”.* Outro aspecto ressaltado pela moradora, em relação ao ecossistema, é a atmosfera de interior que Torres possui, marcada na simplicidade das pessoas, do modo de vida, no cotidiano. *“Acho que só de estar aqui as pessoas de fora já*

se sentem melhor, porque a vida é mais despreocupada, sem formalidade. Torres tem uma tranquilidade também nesse sentido.”.

5.10 GERALDO - ‘ACOLHIDO PELO MAR’

O mês de setembro 2020 aproximava-se dos últimos dias e neste final, mais especificamente no dia 29, realizou-se a última ‘com-versação’ com moradores de Torres. Dessa vez, o clima mais já primaveril combinava com a parede colorida, cenário de Geraldo, servidor público municipal, de 56 anos, morador do bairro Itapeva. Natural de Porto Alegre, ele se mudou para Torres na década de 1990, após ser selecionado em concurso para servidor público federal, operador dos correios, com vagas no município. Quando conversamos, ele atuava como agente de saúde municipal.

Já no início de seu relato, o morador pontua sobre as alterações que percebe na paisagem, da época de sua chegada na cidade para agora (a Figura 21 mostra, parcialmente, a região comentada pelo morador). *“Eu morava lá perto da SAPT²⁸ e toda aquela parte ali perto do Rio Mampituba era constituída por casas, ali em volta só se via casas. Hoje, é difícil achar uma casa (risos)! Todas elas foram demolidas e transformadas em prédios.”.* Ele conta que acompanhar as alterações era algo intrínseco ao seu trabalho, já que, como carteiro, estava em contato com a rua a maior parte do tempo. *“Como eu caminhava nos bairros de tempo em tempo, dava para perceber, entre uma semana e outra, quando foram verticalizando o espaço. Cada vez menos casas e mais prédios.”.*

²⁸ Sociedade Amigos da Praia de Torres, localizada próxima à Praia dos Molhes e ao Rio Mampituba.

Figura 21 – Vista parcial da região da Praça João Neves da Fontoura, próxima à SAPT



Fonte: Site A Folha (2016).

Durante o tempo em que residiu próximo à SAPT, Geraldo comenta que era também zelador da casa em que morava. O local era segunda residência de moradores de Porto Alegre, que visitavam a cidade durante o verão e em alguns finais de semana e feriados, no inverno. *“Aí eu comprei esse terreninho aqui na Itapeva e, depois de uns anos, eu e minha esposa construímos, nos casamos e nos mudamos para cá.”* Da mudança entre a residência no centro da cidade para a localidade mais afastada, o morador destaca a tranquilidade da atual casa. *“Todo mundo que vem aqui se encanta e quer comprar um terreno (risos)! Cada ano que passa já dá para perceber o número de vizinhos aumentado (risos)! O deslocamento aqui é fácil, mesmo estando longe do centro. Eu, por exemplo, em vinte minutos estou no trabalho”*.

Quando perguntado sobre seu sentimento em relação ao lugar, se ele gosta de morar em Torres, Geraldo responde rapidamente: *“É um privilégio morar em Torres. Pensando nos turistas que viajam, às vezes, mil quilômetros para ver o mar, a gente já está aqui. Não dá para reclamar do trânsito, do barulho, do movimento, porque o mar está ali! Qualquer dificuldade fica pequena diante de poder ver o mar!”*. Além disso, o morador ressalta a qualidade de vida que Torres oferece, segundo ele mesmo. O modo de vida simples, descomplicado, o lugar

pacato, tranquilo, associado às paisagens naturais com livre acesso da população são traços que fazem com que o morador do município tenha a sensação de liberdade cotidianamente.

Ele comenta que, por vezes, os moradores não aproveitam as paisagens que a cidade oferece, compreendendo que, ora os desafios cotidianos, ora os desafios financeiros, não permitam esse desfrute. De toda forma, Geraldo ressalta que os moradores tendem a comentar sobre os aspectos ruins, o que precisa ser melhorado, desconsiderando a qualidade de vida que um lugar como Torres oferece. *“No geral, a cidade é tranquila, não precisamos nos preocupar com segurança e temos paisagens lindas aqui, à nossa disposição, como um presente da natureza. Torres é um lugar privilegiado que ainda tem muita qualidade de vida.”*

Esses aspectos, inclusive, para o morador, são diferenciais da atividade turística de Torres. Ele destaca, ainda, que os principais pontos turísticos do lugar, as praias, são próximas de serviços essenciais como supermercados, bancos, hospital, visto que sua localização é na área central da cidade. *“Mesmo assim, mesmo estando perto do centro, da aglomeração, a cidade é tranquila. Quem quer aproveitar o lugar de dia tem o que fazer, onde ir, e à noite o mesmo. Com tudo perto, com acesso fácil. Isso faz diferença para o turista.”* Em relação à dimensão turística de Torres, Geraldo ressalta que uma das características que poderiam ser mais aproveitadas refere-se à Gastronomia. *“Penso que quem chega no litoral, em uma cidade com mar, quer comer peixe e aqui em Torres tu pode ir em qualquer restaurante, eles vão oferecer de tudo, menos peixe. Isso não quer dizer que não servem, mas deveria ser o carro-chefe dos restaurantes. Acho que tem uns dois restaurantes perto do Rio Mampituba, só que são assim.”*

Ainda sobre a atividade turística em Torres, o morador ressalta a contribuição do setor para a expansão do setor imobiliário. *“Muitos turistas vêm uma vez, gostam, voltam mais vezes, até que compram algo aqui. O grande projeto de quem se aposenta, em cidades maiores, é morar aqui! Isso tem promovido a construção de muitos prédios na área central”*. Como aspecto positivo, Geraldo destaca a seriedade aplicada à legislação ambiental que orienta o planejamento urbano do município. *“Ainda bem que o Plano Diretor Municipal não deixa construir perto da praia, ainda bem que o Parque da Itapeva é respeitado. Assim a cidade vai crescendo, mas sem depreciação dos lugares, conservando o meio ambiente.”*

O Festival Internacional de Balonismo é citado pelo morador como outro aspecto relevante para a dimensão turística de Torres. Ele ressalta, porém, que o esporte ‘balonismo’ pode ser aproveitado para além do evento. *“A gente não vê mais balão só na semana do Balonismo. Agora, a gente vê voos o ano todo, e esses voos podem ser comerciais, ou seja,*

turistas e moradores podem pagar para voar de balão. Talvez isso possa ser visto como um negócio turístico.”.

Quando questionado sobre o que pode caracterizar Torres para além do turismo, Geraldo demonstra dificuldade, iniciando sua resposta dizendo que o lugar é intrinsecamente associado à atividade, por conta de suas paisagens naturais. *“Assim como acontece com outros lugares em que o turismo é muito presente, não tem como falar de Torres e não falar do que faz o turista vir para cá. Para além disso, é um município comum, digamos assim, com as suas dificuldades e seus pontos positivos. Economicamente, pode-se dizer que a construção civil é a principal atividade, depois do turismo, mas até ela é incentivada pelo turismo (risos)!”.*

Mesmo que a atividade turística seja uma marca do município, o morador diz que planejamento e investimento, por parte do poder público, ainda são aspectos desafiadores para as gestões administrativas. *“Eu sinto falta de um grande projeto de planejamento e investimento no turismo em Torres. Algo que possa conversar mais com a cidade, que possa fazer o morador se sentir pertencente. Falta desde algo que identifique Torres, as praias, para quem passa pela BR-101, que chame o visitante, até um plano que utilize o Parque da Itapeva como um lugar de ecoturismo, de turismo voltado para educação ambiental. Falta olhar para Torres como um espaço único: do turista e do morador.”.*

6 'QUEM NÃO VIVE DO MAR, VIVE DE QUÊ?'

O presente capítulo apresenta os sinalizadores de 'Repuxo' do Turismo, em Torres/RS, a partir das 'com-versações' com moradores. A estrutura do capítulo é composta por itens que correspondem aos sinalizadores, destacados também no capítulo teórico sobre a metáfora reflexiva 'Repuxo' do Turismo, associados às falas dos moradores, como resultado da confluência entre reflexão e 'com-versação' com os autores, trazidos nas trilhas teórico-conceituais da dissertação, e os moradores da cidade. Assim, 'com-versações' com teóricos e com moradores, 'com-versações da pesquisadora consigo própria, com a orientadora e com os demais pesquisadores do Amorcomtur. Os sinalizadores são resultado da trama de 'com-versações', que foram recorrentemente se conservando e se inscrevendo como sulcos de informações.

A reflexão e 'com-versação' sobre a relação entre a temporada turística na cidade e a Pandemia COVID-19 é apresentada no último item do capítulo, composto pela produção de quadro-síntese, com o agrupamento de trechos destaques das respostas, buscando relacionar a expressão dos moradores e a realidade vivenciada, durante a temporada de verão 2020-2021.

Destaca-se, em linhas gerais, que os sinalizadores são resultado da confluência das trilhas teórico-conceituais e das falas dos moradores, correspondendo à marca de Trama-Eossistêmica, na compreensão de Turismo e que transversaliza, também, a própria pesquisa. Isso quer dizer que os trechos destacados podem ser associados a mais de um sinalizador. Dessa forma, a reflexão e a 'com-versação' das combinações foram produzidas tendo como orientação a marca Trama-Eossistêmica. Ressalta-se, ainda, que os sinalizadores têm quantidades diferentes de trechos destacados, sendo possível perceber que, em alguns deles, há falas dos 10 moradores, em outros não.

A confluência das 'com-versações' da pesquisadora consigo mesma, com as teorias, com os moradores (nas aproximações e ações investigativas), com a orientadora e os demais integrantes do grupo de pesquisa possibilitou a produção dos sinalizadores, desdobrados no presente capítulo, mas já sinalizados no capítulo teórico 'Repuxo' do Turismo.

6.1 SINALIZADOR 1: PLANEJAMENTO ECOSSISTÊMICO DO TURISMO

Um dos sinalizadores que se evidenciaram na pesquisa foi o de que o planejamento do Turismo se constitui ou pode se constituir dispositivo de desenvolvimento sustentável para o ecossistema envolvido. Há várias falas, nesse sentido, o que também está alinhado com a

trajetória histórica do Turismo e a discussão da potência da atividade, para os ecossistemas turísticos, especialmente, se for considerada com cuidado, em coerência com as comunidades envolvidas. Nesse sentido, é interessante observar o quadro-síntese, abaixo, com o resgate de trechos de falas dos moradores.

Quadro 4 – Sinalizador 1: planejamento ecossistêmico do Turismo

Morador	Trecho destaque
Amélia	<i>“O mercado imobiliário tem recebido bastante investimento, dá para perceber um desenvolvimento do setor, mas é preciso reconhecer que isso acontece por grande influência do turismo. Muitas pessoas vêm visitar e depois compram um imóvel aqui, muita gente compra para alugar na temporada, moradores constroem para isso, tem uma grande movimentação de aposentados que se mudam para cá. Então, o turismo em Torres influencia direta e indiretamente no desenvolvimento do município, como um todo”.</i>
Josefa	<i>“É mais no verão que as pessoas trabalham horrores. Muitas pessoas trabalham no verão e não trabalham no inverno, como o pessoal dos quiosques, das lojas com vagas temporárias”.</i>
João	<i>“Cada verão tem mais gente, e vai ficar cada vez pior. Sabe por quê? Porque a cada verão o centro tem menos casas e mais prédios. Se você pegar uma foto de quatro anos atrás, ali de perto da Praia Grande, por exemplo, e passar pelo mesmo lugar agora, não vai ter a metade das casas que tinham antes. Se todos os prédios que surgem tiverem alugados ou vendidos, imagina quantas pessoas não vêm no verão?! Nesse sentido, o turismo está ‘bombando’ em Torres”.</i>
Carlos	<i>“Não tem como não dizer que a cidade ainda é afetada pela chegada do inverno. Por isso que eu acho que falta investimento no turismo. Primeiro, porque isso é um sinal de que tem que movimentar a cidade também em outras épocas, com outras coisas, ou até com as mesmas coisas, mas de um jeito diferente. Segundo, porque investir no turismo também é investir em bem-estar para os moradores, o que envolve ter o máximo de empregos possível durante o ano todo”.</i>
Ernesto	<i>“Não tem como falar de Torres e não falar do turismo. Nem economicamente. Se for falar de Torres, vai falar das praias e as praias são turismo. Para o morador, ainda é uma das principais fontes de renda. Mesmo a construção civil que tem crescido, no centro, só aumentou por conta do turismo, é ele que traz investimentos para cá”.</i>
Dalva	<i>“Em termos econômicos, acho que Torres precisa se ampliar, ver o turismo diferente ou ampliar o planejamento de outros setores, porque, como professora de Ensino Médio, percebo que os alunos não têm vontade de continuar morando aqui por causa dos empregos. Muitos saem para fazer faculdade em outro lugar e acabam não voltando, porque não tem trabalho na área”.</i>
Lurdes	<i>“A atividade turística é muito forte em Torres, ela movimenta até o que a gente acha que não movimenta, sabe (risos)?! Mas talvez isso faça da cidade, para algumas pessoas, a possibilidade de uma vida diferente, melhor, mais tranquila e segura”.</i>
Maria	<i>“As melhorias na cidade interferem na vida de todo mundo, do turista e do morador. Acho que seria interessante conversar com os moradores também sobre o turismo, porque quem vai para ‘a linha de frente’, digamos assim, quem vai atender o turista, em diversos setores, é o morador”.</i>
Geraldo	<i>“Assim como acontece com outros lugares em que o turismo é muito presente, não tem como falar de Torres e não falar do que faz o turista vir para cá. Para além disso, é um município comum, digamos assim, com as suas dificuldades e seus pontos positivos. Economicamente, pode-se dizer que a construção civil é a principal atividade, depois do turismo, mas até ela é incentivada pelo turismo (risos)”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

É possível perceber, nos trechos destacados, que os moradores reconhecem a importância do turismo para a sustentabilidade econômica do município, como fonte de renda principal ou complementar para diversos moradores que ocupam as vagas temporárias abertas

nos setores de comércio e serviços, por exemplo. Josefa aponta que há pessoas que trabalham somente no verão e Ernesto salienta que a atividade turística ainda é uma das principais fontes de renda para moradores. Nesse sentido, Lurdes contribui, ao dizer que o turismo, para os moradores, é a possibilidade de construir uma vida mais tranquila e segura.

Conforme apresentado pelo enunciado do *Sinalizador 1 Planejamento ecossistêmico do Turismo*, é importante planejar o turismo como dispositivo de desenvolvimento sustentável para o ecossistema. Dessa forma, a reflexão relaciona-se com a importância de desenvolver o município também na integralidade ‘onda’ e ‘repuxo’ do turismo. Quer dizer, reconhece-se a importância do Turismo, com a ressalva de que é preciso oferecer condições para que os moradores acompanhem as alterações promovidas pela sazonalidade turística, valorizando a abundância trazida pela ‘onda’ e reconhecendo a potencialidade do ‘repuxo’. Carlos afirma que Torres/RS é afetada pela chegada do inverno, sinalizando, ainda, a necessidade de considerar que o investimento na prática turística significa investir também no cotidiano dos moradores. Esse aspecto é reforçado por Maria, que além disso, aponta o distanciamento entre as decisões da gestão pública, relacionadas à atividade, e os moradores. Assim como outros moradores, Dalva, ressalta a importância de olhar de outras formas para o turismo, em Torres/RS, movimentando-o para além das praias e o do verão. A moradora diz, ainda, que é necessário ampliar o investimento em outros setores que não só a prática turística, para diminuir o êxodo de jovens que deixam o município em busca de empregos melhores dos que oferecidos no lugar.

Numa primeira ‘com-verseção’ com as trilhas teórico-conceituais, destaca-se que esses aspectos se relacionam com a ideia de Turismo-Trama-Ecossistêmica (BAPTISTA, 2018, 2020b). Conforme apontado pelas falas dos moradores, a atividade movimenta a economia municipal, em sentido amplo. Esse movimento acontece, também, em outras dimensões, estendendo-se, ainda, para outros lugares que não só o centro e as praias. Dessa forma, é possível compreender o Turismo como um dispositivo autopoiético, de reinvenção de todo o ecossistema (BAPTISTA, 2020b). Trata-se, assim, de promover um desenvolvimento que potencialize essa reinvenção, em harmonia e fluidez com o ecossistema, considerando as alterações sazonais que marcam a relação entre Torres/RS e o turismo. Em alinhamento com a lógica da Biologia Cultural, que nos foi apresentada por Maturana e D’Ávila (2015), há a confluência do pensamento dos autores e moradores, no sentido de desenvolvimento turismo, em coerência com as condições do lugar, para gerar autopoiese constante.

O ‘Repuxo’ do Turismo, nesse caso, mostra que a aproximação com a compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica pode contribuir para a brotação de ações que movimentem a dimensão econômica, por exemplo, com vagas de emprego que se mantenham durante o ano,

ou então, com o planejamento de ações que ofereçam aos moradores jovens oportunidades de desenvolvimento profissional no próprio município. A atividade turística, compreendida pelo viés de Trama-Ecossistêmica, nesse sentido, pode ser um caminho interessante, reconhecendo os saberes locais – suas propostas para uma prática integrada e que respeite as características de Torres – e acionando, nos sujeitos, um constante movimento autopoiético (BAPTISTA, 2020b) e amoroso, na ‘com-versação’ com Maturana (1998), reconhecendo o outro como legítimo na convivência.

É importante destacar que não se trata de estender a presença da ‘onda’ do turismo para todo o ecossistema e/ou para todo o ano, mas, sim, de promover um desenvolvimento entrelaçado ao lugar, reconhecendo suas singularidades, a partir do que se pode enxergar ‘no Repuxo’. Além disso, como destacado, o investimento na prática pode contribuir para o desenvolvimento e bem-estar dos moradores na manutenção e ampliação dos serviços essenciais e nas opções (e acesso) de lazer.

A partir da compreensão de Turismo-Trama-Ecossistêmica, os moradores destacam, ainda, que a atividade turística movimenta outros setores, estando presente onde, em um primeiro momento, parece não estar, como é o caso da expansão imobiliária. Destaca-se, sobre este aspecto, que todos os moradores participantes das ‘com-versações’, em algum momento da experiência, afirmaram que a cidade é intensamente buscada como local de segunda residência e, principalmente, como residência fixa após a aposentadoria, fato que implica diretamente na expansão imobiliária do centro e das praias, mas não só. Ainda sobre as falas dos moradores, Amélia pontua que a relação da atividade turística e o mercado imobiliário se dá, também, pelo investimento de moradores em residências localizadas na ‘onda’ do turismo que são locadas durante o veraneio. Ernesto e Geraldo salientam que o crescimento imobiliário se delimita ao centro de Torres/RS, com o complemento de João que relaciona o fato ao aumento no número de turistas recebidos pela cidade nas temporadas, e chama a atenção para a alteração na paisagem arquitetônica (aspecto tratado no *Sinalizador 3 Construções e (des)construções histórica arquitetônica do lugar*).

É possível refletir, primeiramente, sobre como a infraestrutura de Torres/RS acompanha a movimentação do mercado imobiliário. É preciso ter planejamento e preparo para que o município acolha sustentavelmente o aumento da população, oferecendo serviços básicos, como saneamento, energia elétrica e atendimento hospitalar, para os novos habitantes e/ou segundos residentes/turistas, por exemplo. A reflexão pode ser feita, também, em relação à alteração causada pela atividade turística, que faz triplicar a população na cidade no período de temporada.

Na relação com o *Sinalizador 1 Planejamento ecossistêmico do Turismo*, o planejamento do turismo, em Torres, precisa considerar a expansão imobiliária, principalmente na região central da cidade, sinalizando a marca Trama-Ecossistêmica da prática. “As relações devem buscar equilíbrio fluente e harmonia, em ambientes onde convivem diferentes atores” (BAPTISTA, 2020b, p. 48). Na confluência de saberes de teóricos e moradores, como sinalizador, defende-se um planejamento orientado pela ‘ética da relação’ (MATURANA 1998), responsabilidade ecossistêmica e a preocupação com a sustentabilidade.

Na relação entre ‘Onda’ e ‘Repuxo’ do Turismo, o investimento no setor imobiliário, na região central de Torres/RS, com ênfase unicamente no desenvolvimento econômico, pode causar fenômenos como a turistificação, gentrificação²⁹ e a turismofobia, alinhados ao capitalismo por espoliação, na lógica de que a expansão geográfica e a reorganização espacial são potencialidades para a produção e acúmulo de capital (HARVEY, 2004).

A expansão imobiliária altera a paisagem e também altera a relação dos moradores com o espaço. A hipervalorização econômica no centro da cidade eleva o custo de vida na região (aspecto sentido também nas localidades de ‘repuxo’), baseando em relações de trabalho a interação entre os moradores e ‘Onda’ do Turismo, em Torres/RS.

As divisões territoriais e espaciais do trabalho (sendo a distinção entre cidade e campo uma das mais evidentes modalidades iniciais) surgem desses processos interativos de troca no espaço. Assim, a atividade capitalista produz o desenvolvimento geográfico desigual, mesmo na ausência de diferenciação geográfica em termos de dotação de recursos e de possibilidades, fatores que acrescentam seu peso à lógica das diferenciações e especializações espaciais e regionais. (HARVEY, 2004, p. 82-83).

O planejamento do turismo necessita, dessa forma, contribuir com a integração entre os moradores e o município, oferecendo acesso democrático aos lugares de lazer, identificados como pontos turísticos. A interação cotidiana (em situações profissionais e de lazer) entre moradores e turistas pode contribuir para o acionamento de afetos que orientem ações, individuais e coletivas, pautadas pela responsabilidade ecossistêmica, na compreensão de que ‘quem conhece ama e cuida’, e também para o compartilhamento de saberes que, por sua vez, podem fazer brotar soluções para desafios ecossistêmicos do lugar, na proposição de ‘conversações’ autopoieticas. Trata-se, então, de pensar a prática turística, em Torres/RS, marcada

²⁹ De acordo com Paes (2017, p. 668-669, grifos da autora), “O conceito de gentrificação (**gentrification**), criado pela socióloga Ruth Glass em 1964, foi utilizado pela primeira vez para analisar a transformação imobiliária ocorrida em bairros londrinos que definiu a elitização dos estratos sociais (a alta burguesia urbana – **urban gentry**) que se apropriaram dos bairros operários. [...] A gentrificação constituiu-se em um processo de natureza dinâmica, seja em sua concepção conceitual, seja em sua forma de expressão no espaço, reveladora dos conflitos sociais de apropriação dessas novas paisagens urbanas”.

por “[...] responsabilidade e comprometimento com os processos, em um movimento de ampliação de consciência e afetos, no sentido de uma ética ecossistêmica” (BAPTISTA, 2020b, p. 49).

6.2 SINALIZADOR 2: CULTURA DE INTERIOR COMO POTÊNCIA TURÍSTICA DO LUGAR

Em aspectos gerais, os moradores destacam como marca do município (tanto na dimensão ‘onda’, quanto na dimensão ‘repuxo’) a tranquilidade oferecida pelo lugar. Há, em Torres/RS, um conjunto de dinâmicas que transversaliza os fazeres cotidianos (CERTEAU, 1990). Percebe-se que esse conjunto de práticas é orientado pela lógica interiorana, rural, caracterizada pela simplicidade de ser e de estar, pela relação próxima com o ecossistema e seus sujeitos, reconhecendo-os como legítimos, na convivência (MATURANA, 1998). Os valores cultivados no interior tornam as relações comunitárias importantes, compreendendo-as como necessárias para a (sobre)vivência do ecossistema. É o que demonstra o quadro a seguir.

Quadro 5 – Sinalizador 2: cultura de interior como potência turística do lugar

(continua)

Morador	Trecho destaque
Amélia	<i>“Acho que Torres tem uma tranquilidade de lugar pequeno, de interior, que o turista que só visita a praia também sente. As minhas próprias experiências como moradora, próxima aos pontos turísticos, mostraram que até lá é tranquilo”.</i>
Josefa	<i>“No inverno não tem o que fazer aqui. Os restaurantes fecham cedo, muitos nem abrem à noite. As baladas são sempre as mesmas, com as mesmas pessoas, é difícil ter aonde ir, ter algo diferente para fazer. Já no verão tem uma vivacidade diferente, é bom ver as pessoas caminhando na rua”.</i>
João	<i>“Quando a gente vai lá para o interior – aqui já é interior, mas tem lugar mais interior ainda (risos) – parece que o tempo passa diferente. As pessoas vivem num outro ritmo, com certeza”.</i>
Carlos	<i>“É importante olhar para as outras coisas, incentivar ações culturais, por exemplo. Até estão investindo em algumas feiras de produtos locais. Achei bem interessante. Traz turistas para cá, em outros momentos do ano, e faz com que as pessoas conheçam Torres mais de perto, que aqui não é só praia”.</i>
Ernesto	<i>“A gente vai para tudo quanto é canto (risos). Dá para notar muito a diferença das pessoas, nas localidades do interior, o pessoal sempre pergunta se queremos um café, uma água. A gente acaba conhecendo todo mundo pelo nome e sabendo um pouco da vida deles. É uma atmosfera bem diferente da cidade”.</i>
Dalva	<i>“A única coisa que me incomoda é o fato de Torres não tem uma vida cultural mais agitada, de não ter tantos eventos culturais. Ai a gente acaba indo para cidades maiores”.</i>
Lurdes	<i>“Torres ainda é um lugar pequeno, com costumes de interior. Falando de localidades mais distantes do centro, que foi onde eu sempre morei, as pessoas se ajudam, cuidam do lugar, valorizam o espaço onde moram e as relações. Acho que isso faz com que Torres seja mais tranquila, simples, agradável”.</i>
Maria	<i>“Mesmo no centro, Torres tem jeito de cidade do interior, as pessoas são mais solícitas, acho que as pessoas se sentem bem aqui, o lugar é agradável, simples, ajuda a relaxar”.</i>

(conclusão)

Rita	<i>“De certa forma, é bom que algumas coisas nunca tenham mudado, porque conserva o lugar. Acho que quem mora aqui ou tem casa de veraneio nessa região de Torres quer justamente isso: sossego, tranquilidade, silêncio. É diferente da movimentação das praias do centro. Acho que aqui as pessoas se sentem livres”.</i>
Geraldo	<i>“Eu sinto falta de um grande projeto de planejamento e investimento no turismo em Torres. Algo que possa conversar mais com a cidade, que possa fazer o morador se sentir pertencente. Falta desde algo que identifique Torres, as praias, para quem passa pela BR-101, que chame o visitante, até um plano que utilize o Parque da Itapeva como um lugar de ecoturismo, de turismo voltado para educação ambiental. Falta olhar para Torres como um espaço único: do turista e do morador”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Essa tranquilidade que parte do ‘repuxo’ é percebida, conforme afirmado por Amélia, Dalva, Lurdes e Maria, em outros pontos de Torres/RS, marcando, inclusive a experiência turística no lugar. O entrelaçamento relacional entre o ambiente urbano, em Torres/RS, também relacionado à praia e à ruralidade característica do interior do município, faz com que o lugar ofereça o sentimento de tranquilidade e relaxamento, tocando os afetos de sujeitos que buscam se afastar da lógica imediata, acelerada dos grandes centros urbanos, o que é apontado por Rita. Nesse sentido, a reflexão contribui para pensar uma atividade turística que se desenvolva, considerando a conservação desse conjunto de dinâmicas cotidianas, visto que a potencialidade da ‘onda’ do Turismo, em Torres/RS, é justamente o seu ‘repuxo’.

Em relação ao enunciado do *Sinalizador 2 Cultura de interior como potência turística*, destaca-se que o reconhecimento da cultura do interior como potencialidade, também para o turismo, pode contribuir com a valorização da ‘alma do lugar’ (YÁZIGI, 2001), aproximando os sujeitos da essência do município, que, nesse caso, parte da vivência cotidiana do interior, pautada pela lógica rural, de conexão mais profunda com o ambiente onde mora e com as pessoas que interage. Vale ressaltar que ‘alma do lugar’,

[...] seria o que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo – mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõe ao que chamaríamos “desalmado”. Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando há paixão das gentes pelo lugar. (YÁZIGI, 2002, p. 24).

A fala do autor aponta para a importância de conservar a ‘alma do lugar’, visto que é ela quem guarda os aspectos responsáveis pelo laço afetivo com o local, promovendo movimentos autopoéticos. Trata-se de algo que, evidentemente, é fundamental para o Turismo e para as condições de vida e sobrevivência de sujeitos e lugar.

O *Sinalizador 2 Cultura de interior como potência turística*, pode contribuir para o fortalecimento da relação entre os turistas e Torres. A lógica que orienta o desenvolvimento da

atividade turística pós século XX tem sido pautada pela massificação, categorização e padronização de lugares e também de sujeitos, sem o respeito às singularidades, à trama ecossistêmica. Dessa forma, o reconhecimento da importância das relações comunitárias e dos valores do interior (ligado ao não desenvolvimento capitalístico) pode contribuir para alterar o olhar do turista sobre o lugar, compreendendo-o por meio da comunidade local, valorizando os saberes e fazeres locais.

Percebe-se, ainda, contido nesses aspectos uma contribuição significativa importante para o desenvolvimento de práticas orientadas pela compreensão de produzir para viver (SANTOS, 2002). Nesse sentido, o planejamento de ações precisa considerar o ecossistema e suas singularidades, na busca de conservar o conjunto de dinâmicas cotidianas que potencializa Torres, na sua essência. Santos (2002) destaca que a orientação de produzir para viver é importante e urgente, principalmente, pela relação predatória e devastadora estabelecida pelo capitalismo e o meio-ambiente, na lógica produção-consumo. De toda forma, a ênfase no capital é responsável por colocar em risco todo o ecossistema: dimensão política, dimensão social, dimensão econômica, dimensão cultural. Trata-se, portanto, de desenvolver ações que sustentem economicamente o município, mas não só, visto que “[...] o seu potencial emancipatório e as suas perspectivas de êxito dependem, em boa medida, da integração que consigam entre processos de transformação econômica e processos culturais, sociais e políticos” (SANTOS, 2002, p. 64).

Destaca-se ainda, para ‘com-versar’ com a reflexão, as falas de João e Ernesto, que ressaltam o contraste percebido entre o lugar marcado pelo ‘repuxo’ e o lugar marcado pela ‘onda’, afirmando que o ritmo de vida e as pessoas são diferentes. A reflexão feita, aqui, refere-se ao fato de que esse lugar afastado das praias e da região central, onde as pessoas vivem em outro ritmo, orientadas pelos fazeres rurais, agrícolas, também é Torres/RS. Nesse sentido é importante considerá-lo, reconhecendo-o como dimensão ecossistêmica do município, nos planejamentos públicos relacionados também com a prática turística. Além disso, conforme já refletido anteriormente, as singularidades desse lugar são potencialidades para um desenvolvimento turístico pautado pela lógica amorosa, holística e de responsabilidade ecossistêmica.

Outro aspecto apontado pelos moradores, em falas como as de Josefa, Carlos, Dalva e Geraldo, é o de que não há investimentos em ações culturais no município, principalmente, durante o inverno. Os moradores afirmam que a ampliação da oferta cultural pode aproximá-los da trama-ecossistêmica de Torres/RS, conhecendo sua história mais de perto. Essa atitude pode, ainda, ser um interessante dispositivo para a atividade turística na cidade, diversificando

as opções de lazer para além das praias, além de aproximar os turistas da história e da cultura torrenses, valorizando os saberes e fazeres também de localidades do interior. Destaca-se, também, que a falta de opções culturais afasta os moradores da cidade em seus momentos de lazer, visto que é comum o deslocamento para cidades vizinhas, que são maiores, na busca de variedade de entretenimento. A ‘com-versação’, dessa forma, entrelaça-se com a abordagem de Yázigi (2001), já apontada, visto que “Quando um cidadão vive seu lugar ou quando um viajante se detém para considerar aquilo que gostaria de ‘levar consigo’, aí então se capta uma essência” (YÁZIGI, 2001, p. 41). Se isso não for possível, se essa vivência não for incentivada e viabilizada, a tendência é ocorrer o desacoplamento, o distanciamento, em sentido concreto, material e abstrato.

É possível refletir também se as ações culturais já oferecidas na cidade valorizam a cultura local. Refletir sobre até que ponto tem sido valorizada essa ‘cultura de interior’. Na relação com a ‘Onda’ do Turismo, percebe-se que o processo de transformação turística em lugares com as características de Torres/RS, prioriza, seguindo a lógica capitalística, a padronização do espaço ocupado pelos turistas. A massificação no turismo faz com que os ecossistemas (destinações turísticas) busquem corresponder ao modelo econômico de sucesso já (im)plantado, que comporta desde paisagens arquitetônicas até o que é oferecido, pela ‘fachada’, aos turistas. O turismo de massa marca, também, a atividade em Torres/RS, orientada pelo capitalismo liberal que, de acordo com Boyer (2003, p. 149) “[...] também não é respeitador da diversidade das pessoas[...]”. Nesse sentido, reforça-se a importância de valorização do conjunto de dinâmicas que caracterizam a (con)vivência no local, como contraposição ao desenvolvimento turístico padronizado/padronizador e com ênfase no capital, que contribuiu para o fortalecimento de fenômenos como a turistificação e a turismofobia.

Conforme apontado no Sinalizador 1 *Planejamento ecossistêmico do Turismo*, é possível perceber o aumento de moradores fixos em Torres/RS, principalmente de turistas ou segundos residentes que se aposentam e mudam-se para a cidade. O dado é importante também para o Sinalizador 2 *Cultura de interior como potência turística*, já que esses sujeitos se relacionarão com a cultura do lugar, a partir das suas vivências e subjetividades, e com as ações culturais oferecidas. Destaca-se que a intenção não é incentivar o consumo de práticas culturais, com o objetivo de movimentar a economia municipal, ou então, com ênfase na produção de grandes eventos, sob a orientação capitalísticas, mas sim de promover a cultura local, inclusive a marca (do ‘Repuxo’ do Turismo) da tranquilidade e simplicidade interiorana de Torres/RS, potente, também para a prática turística. Andrade (2000, p. 111), “O modo de vida dos habitantes locais, ou dos receptivos turísticos, e seu comportamento são valores capazes de

atrair ou de afastar os turistas, de valorizar ou de desvalorizar o próprio patrimônio social turístico que o núcleo representa”. No caso do município do litoral gaúcho, a lógica interiorana, rural, parece já, subjetivamente, potencializar o turismo.

O entrelaçamento com o conjunto de saberes e fazeres que constituem a dinâmica cotidiana é importante, nesse sentido, como contribuição na construção de um Turismo pautado, também, pelo ‘Bem Viver’, na criação de “[...] sociedades, sustentadas sobre uma convivência harmoniosa entre os seres humanos consigo mesmos e com a Natureza, a partir do reconhecimento dos diversos valores culturais existentes [...]” (ACOSTA, 2019, p. 33), nesse caso, na ‘Onda’ e no ‘Repuxo do Turismo’.

6.3 SINALIZADOR 3: CONSTRUÇÕES E (DES)CONSTRUÇÕES HISTÓRICA ARQUITETÔNICA DO LUGAR

Outro sinalizador que brotou das ‘com-versações’ com os moradores refere-se à relação entre o desenvolvimento imobiliário e a conservação da arquitetura histórica, principalmente na região urbana, transversalizada pela atividade turística. Percebe-se, nas falas dos moradores, a preocupação com tais aspectos, demonstrando a importância da dimensão patrimonial para a identificação com o lugar, reforçando os laços afetivos de pertencimento, por meio da memória material que também compõe a beleza das paisagens naturais de praia. Nesse sentido, o quadro-síntese abaixo destaca os aspectos apontados pelos moradores sobre o sinalizador.

Quadro 6 – Sinalizador 3: construções e (des)construções histórica arquitetônica do lugar

Morador	Trecho destaque
João	<i>“É triste passar ali perto da praia e não ver mais aquelas casas bonitas. Cada dia é uma que some e se constrói um prédio. Tira um pouco da paisagem que marcava a praia, as casas deixavam a paisagem mais bonita”.</i>
Ernesto	<i>“Quando a gente entra lá, parece que não estamos em Torres. Eu nunca fui para a Europa, mas eu imagino que lá seja assim (risos)! A organização, a arquitetura das casas, é diferente”.</i>
Lurdes	<i>“Eu tenho saudade, em Torres, das casas antigas. Cada vez mais, a cidade só tem prédios. Para quem entra na cidade, vindo da BR-101, olhando lá de cima para o centro, vai ver uma pedreira. É uma vista de prédios de uma ponta a outra do centro”.</i> <i>“Acontece muito rápido. De uma semana para outra, já tem a fundação de um prédio no lugar de uma casa. Eu, como moradora, fico triste com isso, porque conheci uma Torres que não existe mais”.</i>
Geraldo	<i>“Eu morava lá perto da SAPT³⁰ e toda aquela parte ali perto do Rio Mampituba era constituída por casas, ali em volta só se via casas. Hoje, é difícil achar uma casa (risos)! Todas elas foram demolidas e transformadas em prédios”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

³⁰ Sociedade Amigos da Praia de Torres, localizada próxima à Praia dos Molhes e ao Rio Mampituba.

O primeiro aspecto destacado das falas dos moradores reflete a relação estabelecida, nas últimas décadas entre a expansão imobiliária, aquecida também pela atividade turística, e a identidade arquitetônica do centro e das principais praias de Torres/RS. Conforme afirmado por João, Lurdes e Geraldo, as casas antigas, que ocupavam terrenos amplos com vista para o mar são substituídas por prédios destinados às segundas residências, habitações para locações de temporada ou, então, a pousadas e hotéis, além de salas comerciais.

A alteração na paisagem arquitetônica da ‘onda’ do turismo é reconhecida pelos moradores do ‘repuxo’, como aspecto negativo para conservar a história do lugar. Isso sinaliza que os moradores se preocupam com o avanço do mercado imobiliário, principalmente pelo fato de esse avanço causar a demolição de casas antigas, que, segundo os moradores, caracterizavam o lugar. Percebe-se, com isso, aspectos de Turismo-Trama-Eossistêmica (BAPTISTA, 2020b) e do viés holístico (CREMA, 1989), de compreensão do todo. A dimensão histórica arquitetônica constitui não só o lugar, mas também os sujeitos do lugar, que se reconhecem afetados pelas construções e desconstruções.

Reconhece-se a importância da construção de novas habitações na ‘onda’ do turismo, para sua sustentabilidade econômica; porém é preciso reconhecer, no planejamento, elementos ambientais (buscando conservar as belezas e os recursos naturais) e, também, simbólicos, como a paisagem arquitetônica, marcada pelas casas antigas “de praia”. Destaca-se, nesse sentido, que a manutenção da paisagem arquitetônica contribui para a “[...] valorização de patrimônio cultural e de memória” (ANDRADE, 2000, p. 112), sendo importante que a atividade turística seja planejada sob essa orientação. Não se trata de estagnar o progresso e, sim, de desenvolvê-lo com responsabilidade ecossistêmica, a partir do viés holístico, considerando as implicações no ecossistema todo, desse modo, também no ecossistema subjetivo.

Yázigi (2001) ressalta que a paisagem arquitetônica é um dos aspectos valorizados no turismo, afirmando que a elegância (seja pela materialidade estética ou pela coerência com o ecossistema) das construções é importante tanto como infraestrutura quanto como aparato cultural. A padronização do espaço, na substituição das casas pelos prédios, torna a paisagem monótona, comum, distanciando da essência, arquitetônica, do lugar. Em contraponto, a expansão imobiliária no centro da cidade, pautada na alta padronização do espaço pode corresponder à demanda de quem o frequenta, visto que a região é frequentada por turistas e segundos residentes das classes média-alta e alta, “[...] é com uma concepção de conjunto que se estabelece uma pertença mútua” (YÁZIGI, 2001, p. 208).

Nesse sentido, a ‘com-versação’, relaciona-se, ainda, com a fala de Ernesto que relata não reconhecer a paisagem arquitetônica de Torres/RS, nos condomínios residenciais de alto

padrão que frequenta, esporadicamente, por conta do trabalho. Todos os condomínios residenciais fechados, no município, estão localizados em áreas caracterizadas pelo ‘repuxo’ – em bairros distantes do centro, principalmente, ou do mar. Assim como as habitações prediais localizadas nas regiões nobres do centro, esses espaços são ocupados por residentes fixos e por segundos residentes, normalmente veranistas, das classes média-alta e alta. Pode-se pensar, nesse sentido, sobre a interação direta entre os sujeitos da ‘onda’ do turismo com o ‘repuxo’.

Na relação direta com a fala do morador, pode-se pensar, ainda, sobre como os moradores se relacionam com esses espaços localizados nos bairros em que residem, entrelaçando a fala de Yázigi (2001) sobre a relação entre o sentimento de pertença e a concepção de conjunto arquitetônico. Como o ecossistema do ‘repuxo’ é alterado pelos condomínios? Na ‘com-verseção’ com as trilhas teóricas, destaca-se, primeiramente, a compreensão de Baptista (2020b), no sentido de reconhecer a trama-ecossistêmica do lugar, propondo entrelaçamentos ao invés de rupturas. Segundo a autora, “[...] ‘*amar la trama más que el desenlace*’ significa amar a trama de saberes, as conexões muitas, múltiplas também com os saberes comuns, cotidianos, de outros campos de produção, de outros ecossistemas, por assim dizer” (BAPTISTA, 2020b, p. 44, grifos da autora).

Além disso, a subvalorização da paisagem arquitetônica do lugar, seja da ‘onda’, pelo avanço predial, ou do ‘repuxo’, pela presença dos condomínios residenciais, conecta-se com a ideia de produção de uma economia do espaço, na ‘com-verseção’ com Harvey (2004) de produção de uma economia do espaço – conforme já mencionado no *Sinalizador 1 Planejamento ecossistêmico do Turismo*. Ressalta-se, sobre isso, as consequências causadas pela expansão imobiliária em relação à conservação do ecossistema, seus elementos materiais e imateriais, na compreensão de Trama-Ecossistêmica.

Yázigi (2001, p. 224) salienta que

[...] diante dos atuais padrões de consumo do espaço para cotidiano, lazer e turismo, pouco haverá de sobrar para as gerações imediatamente futuras se não houver um adequado fluxo de restrições. O que posso dizer é que, mesmo com uma ocupação mais ou menos branda, o máximo que haveremos de conseguir será a recomposição do todo a partir de fragmentos da natureza, essa coisa que traria uma forte marca de identidade.

Outro aspecto interessante é que o distanciamento, sentido pelo morador, em relação à paisagem dos condomínios, que não parece Torres/RS, aproxima-se do sentimento do turista, quando conhece outras localidades do município para além das praias e centro urbano. Às vezes, esse turista chega a afirmar: “nem parece Torres/RS”. Trata-se, então, de refletir o que significa

parecer Torres/RS? Nesse caso, a atividade turística relaciona-se com a criação de imagens turísticas, compreendendo a imagem como um recorte de perspectiva da realidade, dotado de significação (GASTAL, 2005b).

A ‘Onda’ do Turismo associa a Torres/RS o slogan de “*A mais bela praia gaúcha*” e, de fato, o espaço de praia (na combinação com o centro) parece ser valorizado e reconhecido como único espaço pela trama turística. Desenvolver uma relação pautada pelo reconhecimento do cotidiano, também arquitetônico do município, torna-se importante para (re)pensar a relação da cidade com o Turismo que, por vezes, invisibiliza os lugares marcados pelo ‘repuxo’, apresentando a ‘onda’ turística como imagem única de Torres/RS.

Ressalta-se, novamente, que o objetivo, aqui, não é apresentar uma proposta de expansão do turismo para as localidades citadas, ou então de estender a forte presença da atividade para outros períodos do ano. A ideia é propor uma reflexão sobre como o turismo se relaciona com esses espaços, pelo viés da compreensão de Turismo-Trama-Eossistêmica (BAPTISTA, 2020b). Assim, ao vender “*A mais bela praia gaúcha*”: apartamentos com vista para o mar ou terrenos em condomínios fechados, com espaço planejado, a ‘Onda’ do Turismo nega o ecossistema, suas singularidades e potencialidades, também arquitetonicamente, criando rupturas na paisagem, com arranha-céus que não acompanham e cobrem a beleza da linearidade do horizonte, entre os azuis do mar e do céu.

6.4 SINALIZADOR 4: CONEXÕES ECOSSISTÊMICAS COM MEIO AMBIENTE

A falas dos moradores, em todas as ‘com-versações’ produzidas, são transversalizadas, de alguma forma, por aspectos relacionados ao enunciado do *Sinalizador 4 Conexões ecossistêmicas com meio ambiente*. Seja para falar da beleza das paisagens naturais do lugar, ou então para abordar questões mais específicas, como os destaques que compõem o quadro abaixo.

Quadro 7 – Sinalizador 4: conexões ecossistêmicas com meio ambiente

(continua)

Morador	Trecho destaque
João	“ <i>Ainda bem que não pode construir mais que quatro andares ali perto da praia. Isso é uma coisa boa. As pessoas dizem que isso não deixa a cidade crescer, mas, pelo menos, assim temos a natureza preservada, sol na praia até às 19h no verão</i> ”.
Ernesto	“ <i>Infelizmente o que se percebe é que as pessoas não usam o serviço de recolhimento e preferem jogar os resíduos na Lagoa do Violão, por exemplo, ou ainda no Valão. [...] O Valão atravessa a cidade, da Lagoa do Violão até o Rio Mampituba, e ele precisa existir porque é ali que desagua toda a drenagem da cidade (ali é o ponto mais baixo) e</i>

(conclusão)

	<i>vai para o Rio. Sem ele, a cidade inundaria, o que já acontece quando chove, mesmo com ele (risos)! O que precisa mudar é a mentalidade das pessoas”.</i>
Geraldo	<i>“Ainda bem que o Plano Diretor Municipal não deixa construir perto da praia, ainda bem que o Parque da Itapeva é respeitado. Assim a cidade vai crescendo, mas sem depreciação dos lugares, conservando o meio ambiente”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Novamente, o mercado imobiliário aparece nas falas dos moradores, nesse caso, de João e Geraldo, ao tratarem, como benefício, a legislação municipal sobre o meio ambiente. Vale destacar que os moradores reconhecem a importância da preservação ambiental para a atividade turística de Torres/RS, tendo em vista a potencialidade das paisagens naturais, principalmente das praias.

Como primeira ‘com-versação’ entre o enunciado e as trilhas teóricas da presente dissertação, destaca-se a importância de compreender que não há separação entre o ser humano e a natureza. Tudo é! Dessa forma, a sobrevivência humana no planeta Terra depende da preservação/conservação do meio ambiente, dos recursos naturais. Acosta (2019, p. 112) diz que é preciso “[...] aceitar que o ser humano se realiza em comunidade, com e em função de outros seres humanos, como parte integrante da Natureza, assumindo que os seres humanos somos Natureza, sem pretender dominá-la”. Assim, é preciso planejar o desenvolvimento, considerando os aspectos ambientais como fios constituintes da trama-ecossistêmica, também do turismo. Em linhas gerais, destaca-se que Torres/RS tem, nesse sentido, como ponto positivo, a legislação ambiental³¹ como orientação para o planejamento urbano, conforme mencionado pelos moradores.

Pode-se entrelaçar à ‘com-versação’ as ideias de Bem Viver e ‘produzir para viver’. A primeira pela compreensão de que a proposição de Direitos na Natureza é, na verdade, a proposição de direito à existência (ACOSTA, 2019), e a segunda, pelo reconhecimento da sustentabilidade como uma das bases para a produção de produtos, serviços e espaços sociais (SANTOS, 2002).

O crescimento pautado pela lógica capitalística (por espoliação), crescimento desenfreado e com ênfase no capital, tem colocado em risco a harmonia fluente da natureza, na direção de reconhecer que o “[...] sistema capitalista acaba com as condições biofísicas de sua própria existência” (ACOSTA, 2019, p. 133). Nesse sentido, é preciso repensar, também, o

³¹ Compreendendo as especificidades de cada situação, de preservação ou conservação, optou-se por citá-las em aspectos gerais. Para o acesso mais detalhado às informações, assim como para acesso ao Plano Diretor Municipal e à Lei Complementar nº 30, de 19 de novembro de 2010, que institui o Código Ambiental do município, ver a página da Secretaria do Meio Ambiente e Urbanismo de Torres/RS, disponível em: <https://torres.rs.gov.br/secretarias/secretaria-do-meio-ambiente-e-urbanismo/>.

desenvolvimento da atividade turística, alinhada a esse viés. Andrade (2000, p. 104) afirma que “todos os elementos silvestres que, de alguma forma, ornamentam e valorizam os potenciais turísticos devem ser protegidos e preservados [...]”, independentemente de sua localização geográfica ou extensão.

Além disso, a importância de preservar/conservar os recursos ambientais, no município, está entrelaçada à atividade turística pelo aumento populacional causado pela prática, ao lugar. Pode-se refletir, com isso, sobre a utilização dos serviços de recolhimento de resíduos, por exemplo, conforme apontado por Ernesto. Moradores e turistas têm, de acordo com ele, atitudes não alinhadas à compreensão de responsabilidade ecossistêmica, sinalizando que comportamentos individuais têm consequências coletivas: a opção de destinar seus resíduos ao local inadequado causa transtornos para a drenagem da água da chuva, no centro urbano, o que causa a inundação das vias. A partir da percepção de que há o estabelecimento constante de relação entre os elementos do ecossistema, a visão holística (CREMA, 1989) e complexa (MORIN, 2005) da realidade cotidiana mostram-se importantes contribuições para avançar na solução da questão apontada, o que reforça, também a compreensão de Baptista (2020b) de Trama-Ecossistêmica.

A partir do ‘Repuxo’ do Turismo, pode-se pensar, ainda, nas potencialidades de sensibilização para a conservação/preservação ambiental, por meio do Turismo, em Torres/RS. A presença de áreas de preservação (como os parques da Guarita e da Itapeva) é pouco aproveitada pela trama turística, podendo comportar ações e roteiros voltados para o ecoturismo – ou turismo ambiental – e o turismo de aventura, compartilhando saberes sobre o ecossistema, para além dos ambientais, fortalecendo o laço dos sujeitos com o lugar, contribuindo, conseqüentemente, para a sua preservação/conservação. Com isso, percebe-se o próprio turismo como dispositivo na construção de um cotidiano orientado pela responsabilidade ecossistêmica, no entrelaçamento autopoiético de lugares e sujeitos.

6.5 SINALIZADOR 5: ENTRELAÇOS DE AMOROSIDADE DE LUGAR, MORADORES E TURISTAS

Pode-se considerar que este item é transversalizado pelas reflexões e ‘com-versações’ dos sinalizadores anteriores. Em caráter ecossistêmico é preciso reconhecer os demais itens como contribuição para o fortalecimento apresentado no enunciado. A importância de estabelecer uma relação de amorosidade entre os sujeitos moradores e turistas com Torres/RS, passa pela preservação/conservação do meio ambiente e dos recursos naturais, do conjunto de

dinâmicas que orienta a vivência cotidiana, marcado pela simplicidade, do patrimônio arquitetônico e do reconhecimento do outro como legítimo na convivência (MATURANA, 1998). A relação descrita nas falas dos moradores sinaliza a potência contida no fortalecimento do laço afetivo, na ‘com-versação’ com lugares e sujeitos, conforme é possível perceber no quadro-síntese abaixo.

Quadro 8 – Sinalizador 5: entrelaços de amorosidade de lugar, moradores e turistas

Morador	Trecho destaque
Amélia	<i>“Muitas vezes os moradores ficavam em uma casa menor, construída nos fundos da casa principal, como se fosse uma casa de apoio. Outras vezes eles saíam para a casa de algum parente em um bairro mais afastado, com uma mini mudança temporária”.</i>
Josefa	<i>“Também concordo que é preciso não esquecer dos moradores, é preciso melhorar a cidade para a gente também! (...) Eu sinto que algumas informações ficam fechadas na prefeitura. Aqui na Vila não tem coleta de lixo seletivo, por exemplo, e a gente não sabe dizer porque”.</i>
João	<i>“Sou um apaixonado por Torres. Mesmo não indo nos pontos turísticos, eu conheço todos. Na verdade, agora tenho visitado eles quase todos os dias por causa do trabalho. Às vezes envio foto para minha esposa lá da Guarita, do Morro do Farol e ela me pergunta se estou trabalhando ou passeando (risos). Eu respondo que estou fazendo os dois (risos)”.</i>
Carlos	<i>“Outros lugares têm paisagens bonitas, mas não têm infraestrutura. Outros lugares têm paisagens bonitas, mas não têm segurança. As praias aqui, por exemplo, são acessíveis. As belezas naturais são acessíveis. A qualidade de vida daqui é realmente muito boa”.</i>
Ernesto	<i>“Não saio daqui por nada do mundo (risos)”.</i>
Dalva	<i>“Sabe que gente que mora a vida toda em bairro afastado tem o desejo de crescer e morar no centro, foi o que aconteceu comigo. Mas logo eu voltei para cá, é daqui mesmo que eu gosto. É aqui que me sinto confortável”.</i>
Lurdes	<i>“Além da busca pelas praias menores no verão, muitas pessoas têm se mudado cada vez mais para longe do centro, porque o custo de vida é mais baixo, no caso de moradores com remunerações mais baixas. Porque é mais tranquilo, menos movimentado, no caso dos moradores de classes sociais mais altas, que buscam os condomínios fechados. Tem gente que constrói no centro para alugar na temporada. O morador está se deslocando para as beiradas da cidade”.</i>
Maria	<i>“Eu gosto de Torres. É a minha cidade. Temos o privilégio de ter as belezas naturais à disposição, acessíveis. Elas encantam até nós, moradores (risos)”.</i>
Rita	<i>“Quería, porque queria morar em Torres (risos)! Na época eu estudava lá, aí fui morar com a minha irmã. Depois de seis meses voltei para a casa da minha mãe (risos)! O sossego, liberdade e tranquilidade daqui me fazem mais falta do que o agito de Torres”.</i>
Geraldo	<i>“É um privilégio morar em Torres. Pensando nos turistas que viajam, às vezes, mil quilômetros para ver o mar, a gente já está aqui. Não dá para reclamar do trânsito, do barulho, do movimento, porque o mar está ali! Qualquer dificuldade fica pequena diante de poder ver o mar”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A primeira reflexão destacada das falas dos moradores é sobre a relação entre os moradores e Torres/RS. Percebe-se que o laço afetivo com o lugar é forte e presente, marcando a vivência cotidiana, conforme os relatos de João, Carlos, Ernesto, Maria e Geraldo. Assim como a tranquilidade e a segurança, aspectos que transversalizaram as ‘com-versações’, esse

laço afetivo com o lugar também pode ser considerado uma potencialidade para o turismo da região.

De toda forma, essa relação pautada pelo amor e admiração ao lugar pode contribuir com a ideia de desenvolver uma atividade turística amorosa e integrada ao ecossistema. O reconhecimento do laço afetivo, entre os moradores (e turistas) e o lugar, pode, por exemplo, orientar ações que sensibilizem as pessoas para a preservação/conservação ambiental e histórica, beneficiando os atrativos turísticos. Além disso, a valorização da relação morador-Torres/RS pode contribuir para que os sujeitos se reconheçam como personagens da história do lugar, lembrando a proposição de Amorosidade (MATURANA, 1998).

É possível perceber, também, que os moradores ressaltam as paisagens naturais, como as praias (atrativos turísticos), como aspectos relacionados à qualidade de vida. O acesso às paisagens naturais é apontado, pelos moradores, como aspecto importante, ao tratarem da sua relação afetiva com o lugar. Nesse sentido, é importante pensar como os moradores ocupam esse espaço: buscam as paisagens naturais, localizadas na ‘Onda’ do turismo em momentos de lazer ou somente como território de trabalho? Visto que os turistas se concentram na região central da cidade, principalmente próximos às praias mais movimentadas pela atividade, essa reflexão pode contribuir para o fortalecimento do laço afetivo com o lugar, propondo que os moradores se reconheçam como sujeitos da ‘Onda’ e do ‘Repuxo’.

Ainda sobre a atividade turística, destaca-se que os moradores a citam, mesmo quando falam sobre sua vivência pessoal ou seu sentimento pelo município. Nesse sentido, resgata-se a marca Trama-Ecossistêmica associada ao Turismo, proposta por Baptista (2018, 2020b), visto que o Turismo está na ‘onda’ e no ‘repuxo’. “Há neste conceito, a ênfase à interação – conexão –, ao pressuposto de fluxos constantes, de existência e importância de elementos visíveis, materiais, invisíveis, imateriais, passíveis e não passíveis de representação, elementos que escapam ao reducionismo do concreto, portanto” (BAPTISTA, 2020b, p. 46).

Nesse sentido, é preciso refletir sobre como desenvolver o turismo que não seja orientado pelo viés capitalístico de produção-consumo, visto que ele exclui sujeitos dos espaços marcados pela prática, pelo valor cobrado em serviços de alimentação e diversão (como bares e baladas), por exemplo, que pré-selecionam quem pode acessar. As falas de Amélia e Lurdes ressaltam, além disso, outro aspecto que se relaciona com a questão: a atividade turística desloca os moradores para o ‘repuxo’, seja como meio para conquistar uma renda extra, no caso dos alugueis de residências na temporada de verão, seja pela busca de um custo de vida mais baixo, ou, ainda, pela busca de tranquilidade, já que o turismo movimenta mais a região central de Torres/RS.

A contribuição dessa informação permite pensar sobre a forma de como os moradores (con/sobre)vivem com a sazonalidade que marca o lugar. Para além das alterações externas, como a movimentação do trânsito nas vias principais, as rotinas familiares íntimas são adaptadas ao turismo. O nicho ecossistêmico precisa se adaptar à ‘onda’, fluindo entre o inverno e o verão. Há nesse sujeito morador uma experiência marcada, de certa forma, por uma ruptura com o lugar onde mora. Percebe-se que a visão sobre o espaço, na relação com o turismo, é orientada pela lógica econômica.

Vale destacar, conforme apresentado pela pesquisa e pelos moradores, que Torres/RS tem sua população triplicada durante o verão. As consequências desse aumento são sentidas nos deslocamentos que se tornam mais demorados, principalmente para o transporte público. Os moradores que se deslocam para bairros mais afastados, durante o verão, por alugarem suas residências, afastam-se dos locais de trabalho, dos serviços essenciais e dos lugares turísticos (com melhor infraestrutura) de lazer.

A orientação pela lógica econômica também é percebida na vivência de quem busca o interior pelo baixo custo de vida, em detrimento da facilidade de acesso aos serviços essenciais ou trabalho. Sob a orientação de Turismo-Trama-Ecossistêmica, é preciso considerar o entrelaçamento da prática com o afastamento dos moradores para as regiões periféricas e de interior. Conforme já apresentado anteriormente, nos demais Sinalizadores, a região central, próxima às praias banhadas pelo ‘mar’ do Turismo, tem sido marcada pela expansão imobiliária e pela chegada de novos moradores, principalmente, aposentados vindos de cidades maiores, como Porto Alegre e Caxias do Sul, e das classes média-alta e alta. Percebe-se uma tendência de alta dos valores para consumo nessa região, seja de produtos ou serviços.

Relaciona-se a reflexão às ideias de Harvey (2004), já citadas, e também às de Capra (1992), ao ressaltar que a ênfase econômica, por vezes, não reconhece o contexto ecossistêmico. Para Capra (1992, p. 180) a economia é, “[...] um sistema vivo composto de seres humanos em contínua interação e com seus recursos naturais, a maioria dos quais, por seu turno, constituída de organismos vivos”. Desse modo, é preciso oferecer aos sujeitos acesso a esse espaço para além das relações de trabalho, com facilidade aos serviços essenciais e também com a possibilidade de aproveitarem os momentos de lazer.

Capra (1997) ressalta a característica de rede dos organismos vivos, afirmando que olhar para a vida é olhar para redes. Em ‘com-versação’ com o enunciado do *Sinalizador 5 Entrelaços de amorosidade de lugar, moradores e turistas*, entende-se que os laços afetivos potencializam a geração de vida, fortalecendo a rede, trama-ecossistêmica, que também se constitui pelo Turismo. Dessa forma, estimular interações de reconhecimento do ‘Repuxo’ do

Turismo pode significar um processo que tende a contribuir para a criação e o fortalecimento do laço afetivo entre moradores e turistas, com o ecossistema, para além da ‘Onda’, reconhecendo, sob o viés amoroso, a complexidade de um lugar como Torres/RS.

O fortalecimento dos laços afetivos é dispositivo importante para a solução de problemas cotidianos, no compartilhamento de saberes, visto que há, no conceito das redes, apresentado por Capra (1997), a presença de laços de realimentação, gerados pela comunicação entre elas [as redes]. “Desse modo, a comunidade pode corrigir seus erros, regular a si mesma e organizar a si mesma” (CAPRA, 1997, p. 78). A atividade turística, pautada pela lógica capitalística, parece provocar rompimentos nessa comunicação, não compartilhando informações entre a ‘onda’ e o ‘repuxo’ de Torres/RS, como aponta a fala de Josefa, ressaltando o distanciamento entre as ações públicas e os moradores.

Estabelecer uma relação de amorosidade entre moradores, turistas e o lugar é relevante, também, para a compreensão sobre as potencialidades inerentes ao ‘repuxo’, por vezes subvalorizadas, inclusive, pelos próprios moradores. É o que relatam Dalva e Rita, ao comentarem sobre o desejo de morar na região central de Torres/RS. Ambas afirmam que o movimento para a área urbana do município foi impulsionado pela pouca idade, o desejo de estar próximo da agitação e também da comodidade de acesso aos serviços essenciais e de lazer. Explicam, porém, que a vivência longe do interior não correspondeu ao princípio desejante: a aproximação do centro urbano, dos serviços essenciais e das opções de lazer e entretenimento tinha como preço o afastamento da tranquilidade, da liberdade, do conforto e da simplicidade interioranos. Segundo elas, este é um preço alto demais para os benefícios de morar no centro.

Essa tranquilidade tem sido buscada, também, por moradores, segundos residentes e novos residentes fixos, das classes média e média-alta, pela aquisição de terrenos e imóveis nas praias afastadas do centro urbano ou em condomínios residenciais fechados (questão já comentada, principalmente, no *Sinalizador 3 Construções e (des)construções histórica arquitetônica do lugar*. A contribuição aqui se refere ao planejamento de condomínios fechados próximos ao mar, que, por vezes, criam espaços de praias particulares, privando o acesso de demais visitantes e, sobretudo, dos moradores.

Pode-se refletir, com isso, sobre como os moradores do ‘repuxo’ se veem e são reconhecidos pela ‘onda’, também do Turismo. Estabelecendo ‘com-versação’ com a proposta de abertura para o conhecimento, a partir do acionamento dos sentidos, dos afetos, trata-se, de acordo com Santos (2019, p. 239) “[...] de uma experiência de reciprocidade: ver e ser visto, ouvir e ser ouvido, e assim por diante”.

As (com)vivências no ‘Repuxo’ do Turismo, marcadas pelo cotidiano simples e tranquilo, orientam o entrelaçamento dos moradores – e turistas – ao ecossistema. Percebe-se que os laços afetivos entre os sujeitos e Torres/RS mantêm-se em equilíbrio fluente; porém é preciso compreender que, por vezes, a ‘Onda’ do Turismo prevalece como imagem cristalizada do município e que isso pode causar rupturas nesses laços, como já é possível perceber em alguns aspectos, com os espaços de ‘repuxo’.

6.6 ‘RESPINGOS’ DA ONDA PANDEMIA COVID-19

O presente item apresenta a ‘com-versação’ que se pôde estabelecer entre as respostas dos moradores para a questão do roteiro: *Como você acha que a Pandemia Covid-19 vai afetar o turismo no município?* e os dados encontrados sobre a vivência da temporada de verão 2020-2021, marcada pela ‘Onda’ do Turismo.

Tratam-se de ‘respingos’ (termo pensado também como metáfora reflexiva) das falas dos moradores que se conectam com o que aconteceu e com os dados que existem. Não se tem a pretensão de realizar uma discussão exaustiva sobre a Pandemia Covid-19 ou então sobre as consequências para a atividade turística, tendo em vista que algumas informações já foram apresentadas em momentos anteriores da dissertação.

O desenvolvimento do presente item corresponde, nesse sentido, ao reconhecimento da importância deste evento para o planeta e a relação com a pesquisa. Dessa forma, optou-se por não se eximir de falar sobre os dados que foram encontrados e se conectam com as falas dos moradores. Entendendo que toda pesquisa realizada nesse período precisa dar atenção para o que se produziu a partir da ‘Onda’ da Pandemia, que ainda produz fortes respingos no cotidiano dos moradores, do município e também da dissertação, produzindo movimento e não-movimento, fazendo parte das conversas e das ‘com-versações’.

Apresenta-se, a seguir, o quadro-síntese com os trechos destaques das respostas dos moradores e posterior ‘com-versações’ com os dados encontrados.

Quadro 9 – Como você acha que a Pandemia Covid-19 vai afetar o turismo no município?

(continua)

Morador	Trecho destaque
Amélia	<i>“Olha, eu acho que não. Já tem gente vindo para Torres com mais frequência, nos finais de semana e feriado, desde março. Eu acho que quando chegar o verão as coisas vão estar melhores e as pessoas vão querer sair mais, a praia é uma ótima opção, por permitir distanciamento e contato com a natureza. Acho que o turismo vai ser forte nesse ano também”.</i>
Josefa	<i>“Eu acho que não vai interferir. A prefeitura está colocando barreiras na cidade, nos</i>

(conclusão)

	<i>feriados, porque as pessoas estão vindo para cá, isso que é inverno! Imagina quando chegar o verão?! As pessoas vão querer sair, ter contato com a natureza, por ficarem tanto tempo presas em casa”.</i>
João	<i>“A alteração que a Pandemia causou na cidade foi o aumento de pessoas (risos), principalmente nos finais de semana e nos feriados. Acho que quando chegar o verão as pessoas virão para cá com certeza, ter contato com a natureza, se sentir mais livres”.</i>
Carlos	<i>“Eu acho que vai afetar muito o turismo no verão. Tem muita gente desempregada, e tem gente que terá gastos maiores, por conta da situação. Quando chegar o verão, se as coisas não estiverem melhores ninguém vai poder viajar, por causa das restrições. Tem gente que talvez não tenha férias no verão, porque já está tendo agora e tem gente que não vai ter condições financeiras para viajar, vai priorizar outras coisas”.</i>
Ernesto	<i>“Eu acho que a Pandemia não vai diminuir o turismo no verão, a não ser que as restrições ainda estejam altas, mas mesmo assim. Agora já estão e tem bastante gente vindo nos finais de semana, feriado. Quem tem casa aqui tem passado mais tempo. Acho que a temporada turística não será afetada”.</i>
Dalva	<i>“Eu acho que se se estender mais, talvez afete, mas se acharem uma solução antes do verão começar realmente, aí eu acho que não vai afetar, porque o povo já está vindo para cá assim mesmo. Já vemos um movimento bem grande, na cidade, nessa situação em que estamos. Então eu acho que quando não tiver mais tanto perigo, eu acho que o pessoal vai querer se refugiar nesses lugares para contemplar a natureza e passar um tempo descansando”.</i>
Lurdes	<i>“Eu acho que não porque com o passar do tempo, do início da Pandemia para agora, a gente percebe que tem mais gente na cidade, mais gente na rua e mais gente na praia. No início acho que as pessoas seguiam mais as orientações: se deslocavam menos, saíam menos, mas agora acho que todos já foram vencidos pelo cansaço (risos). Então, quem pode vir para estar mais perto da natureza, vem e virá no verão”.</i>
Maria	<i>“Não vai afetar. As pessoas vão querer sair um pouco de casa, pelo tempo de isolamento. Aqui em Torres, na verdade, a gente já percebe que muitas pessoas já se mudaram para cá, praticamente, desde o início da Pandemia. Acho que pelo acesso aos espaços aberto, à natureza, as pessoas não se sentem tão presas”.</i>
Rita	<i>“Não vai afetar. Tem gente que aproveitou para se mudar definitivamente aqui para a Praia Paraíso, tem morador vindo todo final de semana e nos feriados Torres parece verão, com as ruas lotadas, muitos carros, bastante gente de fora. Acho que o verão vai ser igual sempre”.</i>
Geraldo	<i>“Acho que vai afetar muito pouco, porque agora, nos finais de semana e feriados, principalmente, já parece verão. Tem bastante movimento de gente de fora que tem casa aqui ou que vem dar uma passeada, ver a praia. Acho que se no verão as coisas estiverem mais flexíveis, dificilmente o turismo vai sentir a Pandemia”.</i>

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Em linhas gerais, percebe-se que a expressão dos moradores é pautada pela realidade vivenciada antes da chegada do verão: Torres/RS já estava sendo bastante procurada por segundos residentes e visitantes, tendo em vista a maior possibilidade de contato com a natureza, na busca de contrapor os não deslocamentos cotidianos, recomendação comprovadamente efetiva para a não disseminação do novo coronavírus (Sars-CoV-2).

Em relação ao cenário que antecedeu a temporada turística 2020-2021, destaca-se que o feriado prolongado de 2 de novembro de 2020 movimentou os deslocamentos para o Litoral Norte Gaúcho, principalmente para Torres/RS, promovendo os setores de comércio (supermercados, por exemplo) e serviços: hospedagens, restaurantes, imobiliárias e postos de combustíveis (GAÚCHA ZH, 2020a). No entanto “No inverno, quem vive no litoral viu o

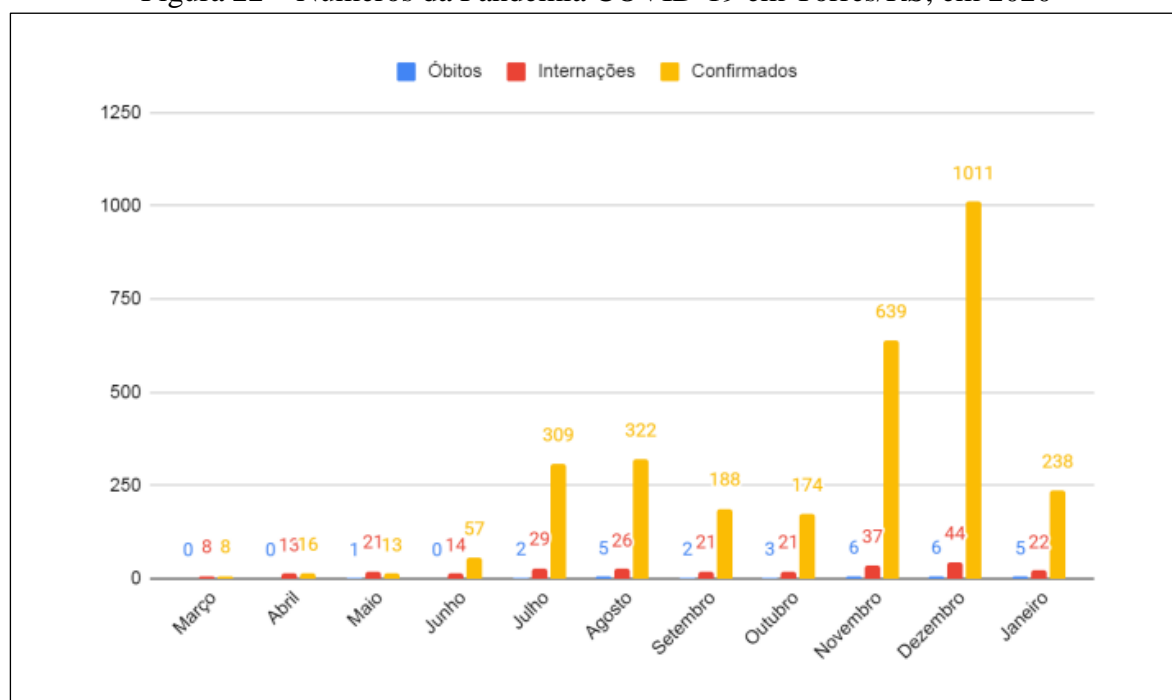
movimento de pessoas aumentar e, ao mesmo tempo, o faturamento diminuir no comércio” (GAÚCHA ZH, 2020a, não paginado). Isso, porquê, as pessoas deslocavam-se para os municípios, mas não saíam de casa. Em relação aos serviços de hospedagem, destaca-se que no período mencionado, as normas de funcionamento permitiam a ocupação de 60% das unidades habitacionais disponíveis nos empreendimentos (GAÚCHA ZH, 2020a).

Esses dados, porém, foram acompanhados pela incerteza no número de aumento de casos positivos para COVID-19, o que poderia sobrecarregar ainda mais o sistema de saúde municipal. Nesse sentido, a matéria destaca que os moradores buscavam visitar as praias centrais e outros pontos turísticos, como o Morro do Farol, fora dos finais de semana e dos feriados, por conta do aumento na movimentação de pessoas vindas de outros municípios.

Percebe-se um alinhamento entre a expressão dos moradores e as informações encontradas sobre o aumento de visitantes em Torres/RS durante o período destacado. A motivação para o deslocamento até a cidade também corresponde ao que foi citado pelos moradores. De toda forma, destaca-se que, naquele momento, ainda não era possível projetar como seria a temporada de verão 2020-2021, por conta do cenário de incertezas em relação às restrições sanitárias, necessárias para conter o agravamento da crise infecciosa, fato considerado por alguns moradores. Ressalta-se, ainda, que diferentemente dos dados trazidos pela narrativa jornalística, os moradores não relataram, durante a ‘com-versação’, preocupação entre a relação dos deslocamentos e o aumento no número de casos.

De acordo com o Informativo Epidemiológico, disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Torres/RS, em 15 de janeiro de 2021, os meses de novembro e dezembro foram os mais graves do primeiro ano de Pandemia, tendo em vista o aumento no número de casos positivos diagnosticados, conforme apresenta a Figura 22.

Figura 22 – Números da Pandemia COVID-19 em Torres/RS, em 2020



Fonte: Site Prefeitura de Torres (2021)³².

Em relação ao período de temporada, os dados encontrados mostraram que a administração pública de Torres/RS planejou e executou ações de preparação para a chegada dos visitantes. A infraestrutura turística das Praias Grande e Molhes foi melhorada com a construção de passarelas de madeira que atravessam as dunas, facilitando o acesso ao mar. “No Morro do Farol, um dos pontos turísticos mais visitados, foram construídos mirantes, instalados bancos e espreguiçadeiras de madeira para os veranistas relaxarem e aproveitarem a vista. Também há rampas na calçada” (GAÚCHA ZH, 2020b, não paginado).

Em Torres/RS, entre os dias 11 e 14 de novembro de 2020, aconteceu o 1º *Open Torres* de Balonismo, contando com 10 equipes participantes, que seguiram os protocolos sanitários, de acordo com informações da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Esporte, concedidas ao site Gaúcha ZH (2020b).

De acordo com as notícias, a cidade tinha a expectativa de receber número recorde de turistas, durante o veraneio 2020-2021, em período pandêmico. A busca sobre dados informativos referentes à temporada turística mencionada, no entanto, não encontrou resultados, o que demonstra que as expectativas foram frustradas. Vale destacar, nesse sentido, as informações apresentadas em reportagem do Jornal A Folha (2021), apontando a baixa

³² Disponível em: <<https://torres.rs.gov.br/coronavirus/>>. Acesso em: 2 nov. 2021.

ocupação dos hotéis e pousadas (considerando as restrições sanitárias), em Torres/RS durante o período.

7 REFLEXÕES DEPOIS DO ENCONTRO ENTRE O MAR E O REPUXO

Depois de uma longa caminhada à beira-mar, marcada pelo movimento do repuxo, é chegado o momento de guardar as conchas encontradas no caminho. Assim como na introdução da dissertação, escrevo este texto, também em primeira pessoa do singular, considerando que já não sou mais a mesma Jennifer. Continuo, todavia, me propondo a falar desde o lugar de repuxo: do mar, do lugar onde morei, da Comunicação, do Turismo e, de certa forma, do repuxo da vida, da vivência cotidiana.

Resgatando o processo de produção da pesquisa, organizando as conchas encontradas durante a caminhada, destaco, primeiramente, a metáfora reflexiva ‘Repuxo’ do Turismo e sua trilha teórico-conceitual, como contribuição para o universo de conhecimento Turismo. A proposta de (re)pensar os saberes e fazeres turísticos, a partir desse lugar, mostrou-se importante, sobretudo pelo momento em que nos encontramos como humanidade. Assim como a ideia de Averso do Turismo e a compreensão de Turismo-Trama-Eossistêmica, a metáfora reflexiva reforçou a necessidade de reconhecer o todo, tanto no processo de produção do conhecimento, quanto na vivência prática cotidiana, como legítimo, e estabelecer relações ecossistêmicas pautadas pela amorosidade.

As trilhas teórico-conceituais transversalizadas pelo viés complexo, holístico, ecossistêmico contribuíram para propor a produção de uma prática turística que reconheça as singularidades dos destinos, valorizando-as, fortalecendo o laço afetivo também com os moradores, acionando a autopoiese constante de lugares e sujeitos. Os aspectos que transversalizaram as trilhas da dissertação mostraram, ainda, o quão desafiador é essa produção. Foi possível perceber que considerar as características diversas do ecossistema trata-se, na verdade, de um exercício constante de amorosidade, reconhecendo que a alteração em algum fio dessa trama é sentida pelo todo.

No caso de Torres/RS, especialmente, a relação entre ‘Onda’ e ‘Repuxo’ do Turismo mostrou-se como marca da vivência cotidiana dos moradores e da experiência dos turistas. As alterações na ‘Onda’ ou no ‘Repuxo’ são percebidas em todas as dimensões. Desse modo, não se trata de desconsiderar a lógica econômica ou de desvalorizá-la, em detrimento das demais, e sim de desenvolver uma prática que não seja orientada única e prioritariamente pela lógica econômica, pautada pela relação produção-consumo. Destaco, novamente, o caráter desafiador contido no processo de ‘com-versa’ entre lugares e sujeitos, sob o viés da Amorosidade e da compreensão de Trama-Eossistêmica.

Nesse sentido, destaco, como contribuições, as trilhas teórico-conceituais do universo do conhecimento Comunicação, como a ideia de Narrativas Artesãs e a proposta de Jornalismo Literário Avançado, também transversalizadas pelo viés complexo, holístico, ecossistêmico. Percorrer e desdobrar essas trilhas me possibilitou avançar na discussão sobre as temáticas, nos encontros com o grupo de pesquisa e em trabalhos apresentados e publicados durante o período. Em relação à pesquisa, o entrelaçamento com o Turismo reforçou a importância da produção de fazeres comunicacionais que afetem os sujeitos, reconhecendo-os na convivência, assim como o ecossistema. O entrelaçamento entre Turismo e Comunicação mostrou-se potente como contribuição para pensar a característica Trama associada aos saberes e fazeres turísticos.

Destaco também as contribuições associadas à discussão epistemológico-metodológica proposta pela pesquisa, considerando o trabalho investigativo orientado pela estratégia metodológica Cartografia de Saberes e em alinhamento com o pensamento contemporâneo, transversal e complexo. O desafio, nesse sentido, foi perceber que o exercício constante de reconhecer os sujeitos da (e na) pesquisa me provocou, como pesquisadora, a reconhecer meu próprio lugar na discussão, buscando compreender qual foi o meu lugar no relato, considerando a vivência como moradora do município e reconhecendo que o objeto brotou a partir dessa vivência. Com isso, foi possível perceber que a confluência de ‘com-versações’ marcou o processo da dissertação, produzindo idas e vindas, como a maré, nos questionamentos e reflexões sobre Torres/RS, os saberes e fazeres turísticos, comunicacionais e investigativos.

O **objetivo geral** da pesquisa foi apresentado como propor sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo em Torres/RS, a partir de ‘com-versações’ com moradores e se subdividia nos seguintes **objetivos específicos**: apresentar a proposta ‘Repuxo’ do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos; cartografar Torres/RS em sua dimensão ecossistêmica; produzir narrativas sobre Torres/RS, construídas artesanalmente, das ‘com-versações’ com moradores; apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas.

Sobre o objetivo específico de apresentar a proposta ‘Repuxo’ do Turismo, em relação aos saberes e fazeres turísticos, alocado no *Capítulo 3 ‘Repuxo’ do Turismo*, tive como intenção desdobrar a trilha teórico-conceitual que compõe a metáfora reflexiva, estabelecendo relação com saberes e fazeres turísticos consolidados, por meio do breve resgate histórico. Com isso, foi possível perceber o alinhamento dos estudos turísticos com a lógica capitalística, com ênfase no desenvolvimento econômico da prática. Nesse sentido, a compreensão de Turismo como Trama-Ecossistêmica foi importante, como contribuição, para pensar uma prática orientada pela responsabilidade ecossistêmica. A proposta ‘Repuxo’ do Turismo foi apresentada, ainda,

em contraponto aos aspectos que marcam a ‘Onda’ do Turismo, em que já foi possível perceber a confluência de ‘com-versações’, com os autores e com os moradores (pelas aproximações investigativas) que sinalizaram, já naquele momento, possíveis discussões para o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação ao objetivo específico de cartografar Torres/RS em sua dimensão ecossistêmica, desdobrado no *Capítulo 4 Em direção a Torres/RS*, busquei apresentar o município para além do cenário de praia, reforçado pelo turismo. Reconhecendo a importância da dimensão turística para o lugar, no entanto, produzi uma apresentação detalhada, também, sobre os aspectos turísticos de Torres/RS. Percebi, com isso, o desequilíbrio de informações disponibilizadas sobre a ‘onda’ e o ‘repuxo’: foi possível ter acesso com facilidade aos dados históricos e recentes sobre os pontos turísticos, sobretudo àqueles localizados na região contida no Mapa Turístico. Já sobre as localidades afastadas da região urbana e central, informações, desde sociais e econômicas até imagens que ilustrem o lugar, são pouco encontradas. Percebi dificuldade, também, na pesquisa sobre aspectos históricos do município, onde os dados são centrados no início da chegada de imigrantes que se estabeleceram nas regiões próximas às praias e no desenvolvimento turístico do lugar.

O objetivo específico de produzir narrativas sobre Torres/RS, construídas artesanalmente, das ‘com-versações’ com moradores, apresentado no *Capítulo 5 Narrativas e ‘com-versações’ com moradores de Torres/RS*, propôs falar do lugar a partir do ‘Repuxo’ do próprio lugar e do Turismo. A interação com os moradores, por meio das ‘com-versações’, contribuiu para apresentar o município, ressaltando o que é subjacente à ‘Onda’ e que também faz parte do ecossistema, relacionando-se com o todo de forma constante. As falas dos moradores mostraram aspectos importantes para a pesquisa qualitativa, considerando que as ações investigativas são marcadas pela espontaneidade das ‘com-versações’. A produção das narrativas buscou valorizar o relato de cada sujeito, costurando as falas com informações que contribuíssem para manter o caráter espontâneo da ‘com-versação’, entrelaçando fios, artesanalmente, respeitando os elementos envolvidos na produção. Com isso, foi possível perceber a importância dessa valorização e a espontaneidade para a brotação de aspectos que possibilitaram o desenvolvimento das reflexões e ‘com-versações’ posteriores, contribuindo, novamente, para a pesquisa qualitativa, transversalizada pela complexidade, pelo viés holístico e ecossistêmico.

Quanto ao objetivo específico de apresentar sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, a partir das narrativas construídas, alocado no *Capítulo 6 ‘Quem não vive do mar, vive de quê?’*, destaco que, a partir da confluência de ‘com-versações’, foi possível propor e desdobrar os

cinco sinalizadores de ‘Repuxo’ do Turismo, em Torres/RS. Percebi que há, entre os sinalizadores, uma relação de entrelaçamento, o que reforçou a compreensão de Turismo como Trama-Ecológica, além da importância de ‘com-versar’ lugares e sujeitos. Nesse sentido, vale destacar a relação, já comentada, entre a ‘Onda’ e o ‘Repuxo’, marca da vivência em Torres/RS, seja ela turística ou residencial. Dos sinalizadores, destaco, além dos aspectos relacionados ao cotidiano tranquilo, que contribuem para a qualidade de vida e para o comportamento acolhedor das pessoas, o reconhecimento dos moradores como sujeitos da pesquisa, por contribuírem com a construção do caminho da dissertação, que foi surgindo durante a caminhada. Destaco, ainda, em linhas gerais, a importância dos cinco sinalizadores, mostrando a necessidade de considerar o ecossistema nos processos de planejamento e ações relacionadas ao turismo. Os sujeitos do ‘repuxo’ reconheceram, em seus relatos, a relevância da relação com a ‘onda’ e apontaram que o desenvolvimento de ambos – ‘onda’ e ‘repuxo’ – é potente, quando conserva as singularidades do lugar, acionando movimentos autopoieticos, também no Turismo.

Em síntese, a pesquisa afirma que, em Torres/RS, quem não vive do mar, vive da potencialidade do ‘Repuxo’, contida na tranquilidade cotidiana, de conservação de saberes e fazeres, em ecossistema orientado, principalmente, pela dinâmica do interior, cultivando o senso de coletividade, de proximidade e reconhecimento do outro como legítimo, ou seja, pautado pela amorosidade. O laço afetivo e amoroso é potente também com o lugar, compreendendo-o como ecossistema, marcado pelo Turismo, mas não só. A potencialidade do ‘Repuxo’ mostra, ainda, a importância de fortalecimento desse laço, sobretudo, entre moradores e o município, ampliando o reconhecimento sobre as demais dimensões que compõem Torres/RS, para além da ‘Onda’, também do Turismo.

Além disso, as falas dos moradores mostraram que Torres/RS pode ser identificada como um destino de praia, mas também de interior e que essas dimensões podem promover o mesmo encantamento nos sujeitos, sejam eles turistas ou moradores. A simplicidade e a vivência pacata, pautada pela lógica interiorana, é marca da experiência de quem visita Torres/RS. O sentimento de segurança contribui para a qualidade de vida tanto quanto o fácil acesso às belas paisagens naturais, aspectos ressaltados diversas vezes pelos moradores como justificativa para gostar do lugar. O Turismo, em Torres/RS, precisa reconhecer e valorizar o ‘Repuxo’, não como possibilidade de expansão territorial para a prática na lógica da espoliação capitalística, e sim como trama substancial, que compõe a essência, a ‘alma’ do lugar.

Para estudos futuros, destaco a necessidade de constância em investigações e ações que promovam a ‘com-verseiração’ entre moradores e o lugar, como pontuaram os relatos. O

desenvolvimento de pesquisas com esse viés pode contribuir para a aproximação desses sujeitos com decisões administrativas, públicas e coletivas, no acionamento autopoiético. Destaco também, para propostas futuras, o desdobramento dos sinalizadores, investigando seus entrelaçamentos e sinalizando para ações que possam contribuir com a produção de uma atividade turística orientada pela responsabilidade ecossistêmica, principalmente ambiental, tendo em vista que a prática, em Torres/RS, é inteiramente dependente dessa relação.

Por fim, faço uma reflexão sobre as contribuições que o processo de pesquisa me deixou, como conchinhas, da caminhada à beira-mar, e como miúdas flores, da caminhada no interior. Antes de qualquer coisa, destaco a alegria de poder retornar ao lugar onde cresci, por meio da pesquisa, resgatando lembranças, vivências e fortalecendo meu laço com os princípios e valores que cultivo desde aquele lugar e que orientam meu olhar de pesquisadora. Descobri, com a pesquisa, que eu também vivo do mar: da pesquisa, das narrativas, da artesanaria, do ‘com-conversar’ e da escrita. Descobri, também, que minha praia tem repuxo e que ele é forte e potente.

Reconhecer Comunicação e Turismo a partir do ‘Repuxo’ foi desafiador e, por vezes, me senti ser levada mar adentro, pelas correntes de retorno. Assim, o processo de me reconhecer autora desses universos de conhecimento, principalmente do Turismo, foi uma ‘onda-dobra’ paralela ao percurso de Mestrado, com traços grandiosos e desafiadores. Esses traços se fizeram presentes, constante e recursivamente, em questionamentos sobre a caminhada, associando-se também em reflexões sobre a Educação, sobre a Ciência, sobre o ecossistema Universidade. Lembrando-me das orientações da própria pesquisa, ao me encontrar no repuxo, segui a maré, fluindo até encontrar o caminho de volta à costa, aprendendo a manter a calma admirar o mar, mesmo em seus dias revoltos. As muitas ‘com-versações’ nos Encontros Caóticos Amorcomtur! ajudaram bastante, nesse sentido.

A marca da Pandemia COVID-19, em minha caminhada, impossibilitou deslocamentos para Torres/RS, durante o desenvolvimento da pesquisa, o que tornou o percurso também ainda mais desafiador. De toda forma, a produção das ‘com-versações’ fez com que eu não me sentisse distante do lugar, mantendo meus laços pelos relatos dos moradores, num exercício amoroso de olhar o fenômeno, um pouco, pelo olhar do outro. Percebo, então, que o distanciamento me possibilitou, em certo sentido, a ampliação da escuta para a narrativa que se produzia, pelo outro, nas ‘com-versações’. Mesmo tendo vínculo com o lugar, eu pude ‘ouvir relatos’ com certa distância impingida pela condição/situação pandêmica.

A pesquisa me ensinou também a lidar com minhas próprias marés, reconhecendo que o sujeito pesquisador-cartógrafo também faz parte do processo-objeto de estudo, que os fios que transversalizam as reflexões o transversalizam, entrelaçando-o à viagem investigativa. O

desenvolvimento da dissertação foi marcado por uma constante ‘com-versação’ de mim comigo mesma, em mergulhos profundos no interior, na busca de reconhecer meu lugar no relato e de valorizar as falas dos moradores, além de apresentar as potencialidades dos lugares onde moram, pelas falas deles mesmos, pelos aspectos que eles tinham como importantes. Minha trajetória acadêmica é marcada pela orientação da frase de Galeano: “Somos feitos de átomos, dizem os cientistas, mas um passarinho me contou que também somos feitos de histórias”, que esteve presente em praticamente todas as minhas apresentações acadêmicas, em eventos nacionais e internacionais. Meu percurso no Mestrado, em Turismo e Hospitalidade, desenvolvendo uma pesquisa que partiu das narrativas de moradores de Torres/RS, manifestou meu lado passarinha, pesquisadora-passarinha, que se orgulha de ter vindo contar que o Turismo é feito de átomos, dados, estatísticas e capital, mas é também feito de histórias de lugares e sujeitos, em movimentos de simplicidade e amorosidade.

REFERÊNCIAS

A FOLHA, Site do Jornal A Folha. **História de Torres:** do tempo dos índios a vocação turística. 2017. Disponível em: <<https://afolhatorres.com.br/historia-de-torres-do-tempo-dos-indios-a-vocacao-turistica/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

A FOLHA, Site do Jornal A Folha. **Em Torres, hotelaria opera com metade da capacidade na alta temporada.** 2021. Disponível em: <<https://afolhatorres.com.br/em-torres-hotelaria-opera-com-metade-da-capacidade-na-alta-temporada/>>. Acesso em: 25 out. 2021.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver. Uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo: Elefante, 2016.

ALEXANDRE, Lillian Maria de Mesquita; MACEDO, Heleno dos Santos; ARAÚJO, Hélio Mário de. Os impactos socioculturais e socioambientais do Turismo no ambiente costeiro: um olhar para o litoral sul sergipano. **Revista franco-brasileira de geografia**, n. 41, 2019.

ALLEBRANDT, Sérgio Luís; BENSO, Aline; OLIVEIRA, Vinícios Gonchoroski de. Interfaces entre a Comunicação e a Gestão Social no Contexto do Desenvolvimento Territorial: um estudo do território da cidadania noroeste colonial do Rio Grande do Sul. **Revista de Ciências da Administração**, v. 17, p. 120-133, 2015.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo:** fundamentos e dimensões. 8.ed. São Paulo: Ática, 2000.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação trama de desejos e espelhos:** os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O Sujeito da Escrita e a Trama Comunicacional:** um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas. 2000. 442 f. Tese (Doutorado). Doutorado em Comunicação Social, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **ETC - Ecossistemas Turístico Comunicacionais-Subjetivos:** Sinalizadores teórico-metodológicos, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica (projeto de pesquisa). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018 (cópia).

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Afetivações, amorosidade e autopoiese: sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana. (Org.). **Narrativas Midiáticas Contemporânea.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2019, p. 47-61.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale et al. Por um Mundo Mais Amoroso e Autopoiético! Reflexões Amorcomtur! Durante a Pandemia Covid 19. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 3 (Edição Especial Covid-19), p. 1-23, 2020a.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “*Amar la trama más que el desenlace!*”: Reflexões sobre as proposições Trama Ecosistêmica da Ciência, Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas, na pesquisa em Turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, 2020b.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 15.ed. Campinas: Papirus, 2006.

BENI, Mário Carlos. **Globalização do turismo: megatendências do setor e a realidade brasileira**. São Paulo: Aleph, 2003.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo-Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 13.ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1992.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. A Pandemia COVID-19: uma análise sistêmica. **Revista Interdisciplinar de Literatura e Ecocrítica**, v. 1, n. 5, p. 6-13, 2020.

CERQUEIRA, Ana Carneiro. O valor da visita em uma ação de visitação: turismo de base comunitária, dinheiro e filosofia política sertaneja. **Anuário antropológico**, n. 2, p. 281-304, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

COLLET, Zenaide; SILVA, Maurício Roberto da. As narrativas das crianças sobre as práticas educativas do Movimento de Mulheres Camponesas. **Roteiro**, n. 1, p. 399-428, 2018.

COREDE, Conselho Regional de Desenvolvimento. **Perfil Socioeconômico COREDE Litoral Norte**. 2015. Porto Alegre: Secretaria do Planejamento, Mobilidade e Desenvolvimento Regional, 2015. Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201512/15134132-20151117102724perfis-regionais-2015-litoral.pdf>>. Acesso em 7 mar. 2020.

CORREA, Dalva Maciel; ESSELIN, Paulo Marcos; MARIANI, Milton Augusto Pasquotto. A guerra da Tríplice Aliança como campo de possibilidade para o desenvolvimento da atividade turística em Corumbá-MS. **CULTUR-Revista de Cultura e Turismo**, v. 12, n. 2, p. 33-59, 2018.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. 5.ed. São Paulo: Summus, 1989.

D'ÁVILA, Ximena; MATURANA, Humberto R. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2015.

DA SILVA, Maria Emília Martins; GONÇALVES, Gilberto da Rosa. A influência da percepção da qualidade para a gestão de eventos turísticos: O caso do 26º Festival Internacional de Balonismo de Torres (RS)–Brasil. **Turismo-Visão e Ação**, v. 17, n. 2, p. 414-443, 2015.

DE CONTO, Suzana Maria et al. Turismo e Sustentabilidade: Reflexões em Momentos da Pandemia Covid-19. **Rosa dos Ventos**, v. 12, n. 3 (Edição Especial Covid-19), p. 1-23, 2020.

DE SÁ, Felipe Zaltron; GASTAL, Susana de Araújo. Cultura, memoria y comunicación: enlaces con el souvenir. In: SOARES, Jakson Renner Rodrigues; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale (orgs.). **Las fuentes de informacion turística en foco**. 1.ed. Cizur Menor (Navarra): Aranzadi, S.A.U., 2018.

DEL PUERTO, Charlene Brum. **Turismo em Cemitério: O cemitério como patrimônio e atrativo turístico, considerando a trama morte e vida nas necrópoles**. 2016. 155f. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Turismo e Hospitalidade, Área do Conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3332/Dissertacao%20Charlene%20Brum%20Del%20Puerto.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 27 jan. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, [1995-1997].

EBERHARDT, Camila. O desenvolvimento da cidade de Torres/RS acompanhado pelas lentes do fotógrafo Ídio K. Feltes – 1930/1970. In.: Colóquio Internacional de História Cultural da cidade – Sandra Jatahy Pesavento, 1., 2015. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. p. 117-132.

EME, Jennifer Bauer. **Narrativas Artesãs: sinalizadores para o Jornalismo Amoroso. Aproximação com a Tribo Urbana de Artesãos de Rua em Caxias do Sul, RS**. 2016. 137 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2016.

FALCÃO, Miriam. A dinâmica espacial da cidade de Torres/RS, entre 1970 e 1998. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 26, n. 1, 2000.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE BALONISMO, Site. **Festival Internacional de Balonismo de Torres**. 2021. Disponível em: <<https://torres.rs.gov.br/festival-de-balonismo/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FLORES, Leonardo Gedeon. **As Torres Usurpadas: Introdução Sociológica Sobre o Turismo nas Praias de Torres/RS**. 2010. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3517196.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2020.

FORBES, Site da Revista Forbes. **A retomada do turismo:** veja como 7 empresas avaliam o setor no pós-pandemia. 2021. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbeslife/2021/04/a-retomada-do-turismo-veja-como-7-empresas-avaliam-o-setor-no-pos-pandemia/>>. Acesso em: 29 ago. 2021.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. 5.ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.

GALVÃO, Daniel Brandt. **Dinâmica das correntes de retorno da Praia do Cupe, Litoral Sul do Estado do Pernambuco**. 2018. 54f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Oceanografia, Centro de Tecnologia e Geociências, Departamento de Oceanografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/29699/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Daniel%20Brandt%20Galv%c3%a3o.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005a.

GASTAL, Susana de Araújo. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005b.

GAÚCHA ZH, Site. **Igreja São Domingos de Torres será reinaugurada**. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/04/igreja-sao-domingos-de-torres-sera-reinaugurada-9762671.html>>. Acesso em: 12 set. 2021.

GAÚCHA ZH, Site. **Arroio do Sal e Torres se preparam para receber veranistas em meio à pandemia**. 2020a. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2020/11/arroio-do-sal-e-torres-se-preparam-para-receber-veranistas-em-meio-a-pandemia-14236096.html>>. Acesso em: 25 out. 2021.

GAÚCHA ZH, Site. **Praias movimentadas deixam Torres e Arroio do Sal otimistas com o turismo e preocupados com o contágio**. 2020b. Disponível em:

<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/geral/noticia/2020/10/praias-movimentadas-deixam-torres-e-arroio-do-sal-otimistas-com-o-turismo-e-preocupados-com-o-contagio-14235522.html>>. Acesso em: 25 out. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar:** como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A. Pressupostos metafísicos e epistemológicos na pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 245-255, 2003.

GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico:** ensaios de esquizo-análise. Campinas, SP: Papirus, 1986.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IBGE, Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CIDADES. Torres: Panorama**. 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/torres/panorama>>. Acesso em: 8 set. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3.ed. Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Edvaldo Pereira. Memória do futuro: jornalismo literário avançado no século XXI-2. **Inovcom**, v. 6, n. 1, p. 12-23, 2014.

LIMA, Renato dos Santos; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes: novas reflexões sobre os caminhos metodológicos do turismo no Círio de Nazaré. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 7, n. 2, p. 175-201, 2017.

LUZ, Caroline Lumertz da. **Impactos ambientais gerados pela ocupação urbana nas faixas de dunas**: o caso do condomínio horizontal fechado Ocean Side, Torres, RS. 2011. 47 f. Monografia (Curso de Especialização em Gestão Estratégica do Território Urbano) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7947>>. Acesso em: 8 set. 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação. Contatos antecipados com a Nova Teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MATURANA, Humberto R. Ontología del conversar. **Revista Terapia Psicológica**, v. 7, n. 10, p. 1-14, 1988.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. **De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MEDINA, Cremilda. Narrativas da contemporaneidade: epistemologia do diálogo social. **Triade: comunicação, cultura e mídia**, v. 2, n. 4, 2014.

MELO, Camila Carvalho de; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Caminhada noturna em Criúva: sinalizadores para um Turismo-Trama-Ecossistêmico e sua relação com a Autopoiese. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. 1, p. 27-39, 2019.

MERCADO E EVENTOS, Portal Brasileiro do Turismo. **Turismo mundial sobe e registra 1,5 bi de chegadas de turistas internacionais em 2019, diz OMT**. 2020. Disponível em: <https://www.mercadoeventos.com.br/_destaque_/turismo-mundial-sobe-e-registra-15-bi-de-chegadas-de-turistas-internacionais-em-2019-diz-omt/>. Acesso em: 7 mar. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Site. **Turismo de Sol e Praia: orientações básicas**. 2010. Disponível em:

<http://antigo.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Sol_e_Praia_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 14 maio 2021.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Site. **Estatísticas básicas de turismo Brasil - Ano base 2018**. 2019a. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12751-pesquisa-do-mtur-revela-destinos-brasileiros-mais-procurados-em-junho-e-julho.html>>. Acesso em: 7 mar. 2020.

MINISTÉRIO DO TURISMO, Site. **Pesquisa inédita revela destinos brasileiros mais procurados em junho e julho**. 2019b. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/images/demanda/Estatisticas_Basicas_2017_2018.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOESCH, Marutschka Martini. **Epistemologia social do turismo**. 2004. 504 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva; RODRIGUES, Sannya Fernanda Nunes. Bibliotecas de narrativas hipertextuais jornalísticas no aplicativo Thinglink. **Revista Bibliomar**, v. 18, n. 2, p. 50-62, 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3.ed. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

OLIVEIRA, Luiz Felipe Mendes; TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. Patrimônio, turismo e desenvolvimento: um estudo sobre a Puxada do Mastro de São Sebastião em Olivença, Ilhéus/Bahia. **CULTUR: Revista de Cultura e Turismo**, v. 11, n. 3, p. 184-207, 2017.

OLIVEIRA, Wallace Soares de; ALMEIDA, Marco Antonio de. Os Paiteir-Suruí e a apropriação social da tecnologia, informação e comunicação: da memória oral para a memória digital. **Informação & Informação**, v. 24, n. 3, p. 289-310, 2019.

OPAS, Site da Organização Pan-Americana de Saúde. **Folha informativa – Covid-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PAES, Maria Tereza Duarte. Gentrificação, preservação patrimonial e turismo: os novos sentidos da paisagem urbana na renovação das cidades. **GEOUSP: Espaço E Tempo (Online)**, v. 21, n. 3, p. 667-684, 2017.

PAULA, Davis Pereira de; MORAIS, Jáder Onofre de; DIAS, João Manuel Alveirinho; FERREIRA, Óscar. A importância da Praia do Futuro para o desenvolvimento do turismo de sol e praia em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities research medium**, Ituiutaba, v. 3, n. 2, p. 299-316, jul/dez, 2012.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TORRES, Site. **Casa da Terra e do Artesanato**. 2021. Disponível em: <<https://torres.rs.gov.br/casa-da-terra/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

RÁDIO GUAÍBA. Site. **Torres: projeção de investimentos no cartão-postal do litoral gaúcho**. 2019. Disponível em: <<https://guaiba.com.br/2019/01/14/torres-projecao-de-investimentos-no-cartao-postal-do-litoral-gaucha/>>. Acesso em: 8 set. 2019.

REJOWSKI, Mirian; YASOSHIMA, Beatriz Veronezes Stigliano; SILVEIRA, Adalgiso Silva. Desenvolvimento do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2005, p. 43-73.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

RUSCHEL, Ruy Ruben. **São Domingos das Torres**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

RUSCHEL, Ruy Rubens. Determinantes iniciais de Torres. In.: BARROSO, Véra Lucia Maciel; QUADROS, Terezinha C. de Borba; BROCCA Roseli Brovedan (orgs.). **Raízes de Torres**. Porto Alegre: EST, 1996.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul**. São Paulo Autêntica 2019.

SCHMITT, Patricia; RODRIGUE, André Rosch; BONETTI, Carla. Sucessão de Associações de Foraminíferos Bentônicos como Indicadoras de Variações Paleoceanográficas no Terraço de Torres (RS-Brasil) durante o Quaternário Tardio. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 42, n. 4, p. 387-395, 2019.

SEBRAE, Site do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul. Perfil das cidades gaúchas, Torres. 2019. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Torres.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2020.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE E INFRAESTRUTURA DO RIO GRANDE DO SUL, Site. **Parque Estadual da Itapeva**. 2021. Disponível em: <<https://sema.rs.gov.br/itapeva>>. Acesso em: 12 set. 2021.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SUPERINTERESSANTE, Site da Revista Superinteressante. **O que são sambaquis?**. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-sao-sambaquis/>>. Acesso em: 06 jun. 2021.

THOMAZI, Mara Regina; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Hostels: Territórios de Amorosidade nas Relações de Turistas Contemporâneos. **Rosa dos Ventos**, v. 10, n. 4, p. 785-797, 2018.

TSCHUDI, Mariana. (Produtora). **Tejido Andino**. Lima: [sem produtora]. 1 vídeo (4min), 2017. Disponível em: <<https://vimeo.com/214892893>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

UNWTO, Site do World Tourism Organization. **Glossary of Tourism Terms**. 2020. Disponível em: <<https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>>. Acesso em: 02 ago. 2019.

VIANNA, Gabriel; RAMBO, Anelise Graciele. Reflexões sobre o Desenvolvimento Regional no Litoral Norte Gaúcho: o que a Praia Esconde?. In: Seminário Nacional de Desenvolvimento Regional: Sustentabilidade socioeconômica e ambiental no contexto regional, 1., 2016. **Anais...** Taquara: Faculdades Integradas de Taquara. 2016. p. 1-20. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/vianna_rambo.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2020.

VICO, Roberto Paolo; CHIUNDILA, Verónica Cecílio. Turismo e o pós-evento olímpico: uma gestão mercadológica da cidade do Rio de Janeiro. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 7, p. 3-27, 2019.

VIVA TORRES, Site. **Mapa Turístico de Torres/RS**. 2021. Disponível em: <<https://torres.rs.gov.br/vivatorres/mapa/>>. Acesso em: 27 fev. 2020.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.

APÊNDICE A – CARTOGRAFIA BIBLIOGRÁFICA

Resultado da busca de dissertações (PPGTURH) com as palavras Comunicação/Narrativas

Título	Ano	Autor
Hostel: território de hospedagem marcado pela trama turístico-comunicacional	2019	Mara Regina Thomazi
Caminhada noturna no turismo: tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização	2018	Camila Carvalho de Melo
Turismo e comunicação: a festa da colônia em Gramado-RS sob o olhar da imprensa	2012	Lirian Maria Meneghel
A experiência turística em narrativas de viagem: uma tentativa antropológica no ciberespaço	2012	Henrique Patto Pinho Vieira de Camargo
O Papel da Comunicação Inter-Organizacional no Desenvolvimento do Cluster Turístico da Serra Gaúcha	2003	Andrezza Michelin

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Resultado da busca de dissertações (PPGTURH) com a palavra Praia

Título	Ano	Autor
Em ondas com o turismo: o olhar na comunidade sobre o turismo do Farol de Santa Marta	2016	Renan de Lima da Silva

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Resultado da busca de artigos científicos na plataforma Periódicos Capes

Temática	Número de publicações
Turismo	3.377
Comunicação	2.611
Narrativas	1.275
Torres/RS	5
Praia	142
Turismo e Comunicação	10
Turismo e Narrativas	8
Turismo e Torres/RS	1
Turismo e Praia	13
Narrativas e Torres/RS	0
Narrativas e Praia	0
Comunicação e Torres/RS	0
Comunicação e Praia	1

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Resultado da busca de artigos científicos na plataforma *Scopus*

Temática	Número de publicações
Turismo	4.463
Comunicação	65.682
Narrativas	9.473
Torres/RS	4
Praia	2.010
Turismo e Comunicação	230
Turismo e Narrativas	59
Turismo e Torres/RS	1
Turismo e Praia	113
Narrativas e Torres/RS	0
Narrativas e Praia	6
Comunicação e Torres/RS	0
Comunicação e Praia	28

Fonte: Elaborado pela autora (2019).